



Filippo Cortez Giovanelli

**Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem
nas escolas privadas**

Dissertação de Mestrado

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio como requisito para a realização da pesquisa para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvana Soares de Araújo Mesquita

Rio de Janeiro

2023



Filippo Cortez Giovanelli

**Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem
nas escolas privadas**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.:

Prof.^a Silvana Soares de Araújo Mesquita

Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof.^a Giselle Martins dos Santos Ferreira

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof.^a Magda Pischetola

University of Copenhagen

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Filippo Cortez Giovanelli

Graduou-se em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2017. Licenciou-se em Ciências Biológicas pela Universidade Candido Mendes (UCAM) em 2019. Integrante do Grupo de Pesquisa PROFEX - Grupo de pesquisa sobre a profissão, formação e exercício docente. Atualmente professor de Biologia em colégios particulares do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Giovanelli, Filippo Cortez

Videoaulas no ensino médio : relações entre juventude e ensino aprendizagem nas escolas privadas / Filippo Cortez Giovanelli ; orientadora: Silvana Soares de Araújo Mesquita. – 2023.

149 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2023.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Videoaulas. 3. Ensino médio. 4. Juventude. 5. Classe média. 6. Objetivos da escola. I. Mesquita, Silvana Soares de Araújo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Agradecimentos

À minha família por todo apoio e suporte que sempre manifestaram ao longo desses árduos dois anos, em especial aos meus pais Mário Celso Giovanelli e Giseli Cortez Cardoso Giovanelli e meus irmãos Giuseppe e Maria.

À meu amor que me deu suporte e carinho ao longo desse mestrado, e que me deu motivações para seguir na caminhada acadêmica.

À minha orientadora Professora Silvana Mesquita pela confiança pela liberdade, incentivo, e conhecimento transmitido a mim através das leituras e reflexões durante os encontros e interlocuções.

A todos(as) estudantes do Ensino Médio que aceitaram participar da pesquisa, pela disponibilidade e colaboração que possibilitaram a concretização desse estudo.

A todos os coordenadores e coordenadoras que me auxiliaram na busca por alunos, em especial a Luciana Portugal, sem a qual não teria atingido meus objetivos de pesquisa.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC- Rio, que compartilharam conosco seus conhecimentos, reflexões e experiências. Também aos servidores da secretaria, pela boa vontade e presteza nos atendimentos.

Aos colegas do PROFEX – Grupo de pesquisa sobre a profissão, formação e exercício docente, que me auxiliaram e engrandeceram o presente trabalho.

À PUC-Rio por fornecer um espaço de muito aprendizado e pelo suporte financeiro dado a essa pesquisa.

Às queridas professoras Giselle Ferreira e Magda Pischetola por compor a banca de defesa e fornecer visões importantes ao trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

GIOVANELLI, Filippo Cortez; MESQUITA, Silvana S. de Araújo. **Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem nas escolas privadas**. Rio de Janeiro, 2023, 147p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como objeto de estudo as videoaulas, a juventude e o Ensino Médio. Reconhece-se que as videoaulas são recursos tecnológicos audiovisuais em processo de expansão de seu uso por jovens associados ao processo ensino-aprendizagem no ensino médio. As videoaulas são recursos presentes há décadas, porém com a chegada da internet e de plataformas como o YouTube, o número de vídeos novos, bem como as visualizações, disparou. Nesta pesquisa as videoaulas estudadas são aulas produzidas em formato de vídeo e divulgadas em plataformas de streaming de forma gratuita. A partir dessa contatação, questiona-se qual o papel das videoaulas na educação e com se relacionam com os objetivos da escola de ensino médio, nas perspectivas dos jovens que as utilizam. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo central entender como as videoaulas estão sendo utilizadas por jovens estudantes do ensino médio, analisando se seriam recursos usados de forma complementar, como substituição às aulas tradicionais, ou como produtores de conhecimento. Procura-se responder as questões: Como e por que as videoaulas estão sendo usadas por alunos de escolas particulares? Quais são as preferências e motivações dos jovens estudantes? Qual o sentido da escola de ensino médio? A pesquisa foi desenvolvida com jovens estudantes de 14 a 18 anos de classe média, matriculados no ensino médio em quatro escolas de uma rede de ensino privada de alto rendimento no ENEM da cidade do Rio de Janeiro. Foi aplicado um questionário com 24 questões fechadas entre 122 jovens respondentes do 1º ao 3º ano desta rede de escolas com o objetivo de analisar a frequência no uso de videoaulas e as preferências no uso. Foram questionados também acerca do segmento de ensino médio e seus objetivos. Além disso, realizou uma roda de conversa com 12 respondentes dos questionários para identificar quais seriam os sentidos para a escola por estudantes dessa rede de escolas e problematizar alguns resultados do questionário em relação a motivação na busca por videoaulas. Adotou-se como referências teóricas os estudos do campo da sociologia de Dubet, da didática com Candau e Mesquita, dos estudos sobre juventude e escola de Carrano e Dayrell e do campo de mídia educação Pischetola, Burgess e Green. A partir dos dados

produzidos, constata-se uma massiva visualização de videoaulas e uma diversidade de motivações e preferências no uso destes recursos. Os resultados apontaram para percepção dos jovens acerca de uma forte pressão por resultados e a intensidade de estudo como principal justificativa para o uso de estudos individuais através de videoaulas, tendo o bom resultado no vestibular e a preparação para provas internas da escola como direcionadores do processo ensino- aprendizagem. Além disso, ao caracterizar uma “boa videoaula” os jovens destacam a valorização das características de objetividade, síntese e rapidez. Os alunos dessa geração trazem a necessidade de uma educação mais rápida e dinâmica, mas também clamaram por uma interação, aspecto não muito presente nas videoaulas, o que levou a caracterizá-las como complementares ao ensino presencial, no qual a dimensão relacional é priorizada. Os alunos identificaram o ensino médio como uma etapa de ganho de maturidade e de pressões excessivas por resultados. Eles propõem mudanças, como a introdução de disciplinas como Educação financeira e Projeto de Vida, além de alterações possíveis no modelo de vestibular vigente. A grande procura por vagas no ensino superior é característico da rede de escolas analisada e da classe social a qual pertencem esses alunos esse traço gerou e gera muitos impactos na forma em que estes jovens vivem a escola. O vestibular acaba sendo o principal objetivo e se mostra como uma forma de manter o prestígio social.

Palavras-chave

Videoaulas; Ensino Médio; Juventude; Classe média; Objetivos da escola

Abstract

GIOVANELLI, Filippo Cortez; MESQUITA, Silvana S. de Araújo. **Video classes in high school: relations between youth and teaching and learning in private schools.** Rio de Janeiro, 2023, 147p. Master's Dissertation - Department of Education, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This dissertation has as object of study video lessons, youth, and high school. It is recognized that video classes are audiovisual technological resources in the process of expanding their use by young people associated with the teaching-learning process in high school. Video lessons have been present for decades, but with the arrival of the internet and platforms such as YouTube, the number of new videos, as well as views, skyrocketed. In this research, the video classes studied are classes produced in video format and released on streaming platforms for free. Based on this contact, we question the role of video lessons in education and how they relate to the objectives of high school, from the perspectives of the young people who use them. Therefore, this research has as main objective to understand how video classes are being used by young high school students, analyzing whether they would be resources used in a complementary way, as a replacement for traditional classes, or as producers of knowledge. The aim is to answer the questions: How and why are video classes being used by private school students? What are the preferences and motivations of young students? What is the meaning of high school? The research was carried out with middle-class young students aged between 14 and 18, enrolled in high school in four schools of a high-performance private education network in the ENEM of the city of Rio de Janeiro. A questionnaire with 24 closed questions was applied among 122 young respondents from the 1st to the 3rd year of this network of schools in order to analyze the frequency in the use of video classes and preferences in use. They were also asked about the high school segment and its objectives. In addition, a conversation was held with 12 respondents to the questionnaires to identify what would be the meanings for the school by students in this network of schools and to problematize some results of the questionnaire in relation to motivation in the search for video lessons. As theoretical references, studies in the field of sociology by Dubet, didactics by Candau and Mesquita, studies on youth and school by Carrano and Dayrell, and the field of media education by Pischetola, Burgess and Green were adopted. From the data produced, there is a massive visualization of video classes and a diversity of motivations and

preferences in the use of these resources. The results pointed to the perception of young people about a strong pressure for results and the intensity of study as the main justification for the use of individual studies through video classes, with the good result in the entrance exam and the preparation for internal tests of the school as drivers of the process teaching-learning. In addition, when characterizing a “good video lesson”, young people highlight the appreciation of the characteristics of objectivity, synthesis, and speed. Students of this generation bring the need for a faster and more dynamic education, but they also called for interaction, an aspect not very present in video classes, which led to characterizing them as complementary to face-to-face teaching, in which the relational dimension is prioritized. Students identified high school as a stage of gaining maturity and excessive pressure for results. They propose changes, such as the introduction of disciplines such as Financial Education and Life Projects, in addition to possible changes in the current entrance exam model. The great demand for vacancies in higher education is characteristic of the network of schools analyzed and of the social class to which these students belong. The entrance exam ends up being the main objective and is shown as a way to maintain social prestige.

Keywords

Video classes; High school; Youth; Middle class; School goals

Sumário

1. Introdução e Justificativa	16
2. Objetivos e questões norteadoras	24
3. Pressupostos teóricos	26
3.1 A chegada das “novas” tecnologias	26
3.2 Youtube e as videoaulas	30
3.3 Ensino médio	36
3.4 Juventude	42
3.5 A escola de classe média	47
3.6 Como a aprendizagem dos jovens estudantes se relaciona com as videoaulas?	50
4. Metodologia, campo e sujeitos de pesquisa	53
4.1 Escolha das escolas	53
4.2 Escolha dos sujeitos	53
4.3 Questionário	54
4.4 Roda de conversa	57
4.5 Aspectos éticos	58
5. Resultados e discussões	61
5.1 Videoaulas: Como estão sendo usadas?	61
5.1.1 Preferências no uso das videoaulas	61
5.1.2 A motivação na procura por videoaulas	68
5.1.3 Videoaulas e aprendizagem	69
5.1.4 Videoaulas e os vestibulares	74
5.1.5 Videoaulas e as aulas presenciais	76
5.2 Ensino médio na concepção dos estudantes	80
5.2.1 Condição Juvenil: Momento de escolhas	80

5.2.2 Papel da Escola de Ensino Médio	86
5.3 O que pensam estes jovens estudantes acerca da juventude, das videoaulas e do ensino médio?.....	90
5.3.1 Ensino Médio: as expectativas por uma nova etapa e a lógica performática.....	90
5.3.2 O impacto da pandemia da COVID-19.....	96
5.3.3 Vestibulares como podem mudar?	100
5.3.4 Juventude e seus anseios	105
5.3.5 Videoaulas: escolhas, objetivos e estilos de professores.....	111
6. Conclusão	118
Referências bibliográficas	121
Notas	134
Anexos	134
Modelo do questionário	134
Modelo da roda de conversa	140
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	142
Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	147

Lista de tabelas

Tabela 1 - Comparativo dos resultados do Saeb no Estado do Rio de Janeiro de 2015 a 2019

Tabela 2 - Proporção dos professores cujas escolas/redes haviam promovido

Tabela 3 - Proporção de estudantes do Ensino Médio que informam ter atividades ou materiais fornecidos ou indicados pela escola.

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Consumo de mídias visuais (TV vs Serviços online)

Gráfico 2 – Plataforma de consumo de mídias audiovisuais preferida

Gráfico 3 – Estilo de videoaula de preferência

Gráfico 4 – Plataforma de preferência na visualização de videoaulas

Gráfico 5 – Frequência na visualização de videoaulas

Gráfico 6 – Frequência de visualização de acordo com a série cursada

Gráfico 7 – Panorama pandêmico

Gráfico 8 – Local de preferência para a visualização de videoaulas

Gráfico 9 – Motivação na busca por videoaulas

Gráfico 10 – Motivação na busca por videoaulas de acordo com a série cursada

Gráfico 11 – Videoaulas e aprendizagem

Gráfico 12 – Comparação 2ª série com as demais

Gráfico 13 – Canais mais citados

Gráfico 14 – Comparativo na motivação da busca por videoaulas (Medicina vs Demais áreas)

Gráfico 15 – Comparativo na motivação da busca por videoaulas (Universidades públicas vs particulares)

Gráfico 16 – Cursos superiores desejados

Gráfico 17 – Papel da escola no olhar dos estudantes

Lista de figuras

Figura 1 – O que faz uma videoaula ser boa?

Figura 2 – O que faz uma aula presencial ser boa?

Figura 3 – Que disciplinas estão faltando no ensino médio?

Figura 4 – Qual o sentido da escola de ensino médio?

Lista de siglas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CECIERJ - Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CEDERJ - Consórcio Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNTE - Confederação Nacional dos Trabalhadores em educação

COVID-19 - COrona VIRus Disease 2019

DVD - Digital Versatile Disc

EaD - Ensino a distância

ENEM - Exame Nacional de Ensino Médio

IFF - Instituto Federal Fluminense

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MIT - Massachusetts Institute of Technology

OMS - Organização Mundial de Saúde

PEC - Proposta de Emenda Constitucional

PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro

RDH - Relatório do Desenvolvimento Humano

REAs - Recursos Educacionais Abertos

Saeb - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave

SARS-Cov2 - severe acute respiratory syndrome coronavirus 2

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UnB - Universidade Nacional de Brasília

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP - Universidade de São Paulo

Introdução e Justificativa

As videoaulas são recursos tecnológicos que crescem de forma intensa. Dado esse cenário a presente pesquisa visa questionar como essas tecnologias estão sendo utilizadas pelos alunos no segmento de ensino médio, com foco no 3º ano do ensino médio, marcado pela preparação para o vestibular. Também é importante entender quais são as preferências desses alunos no momento da escolha da videoaula. Ao longo dessa pesquisa, tentaremos responder essas questões. O termo videoaula é bem abrangente e no que tange essa pesquisa, a categoria a ser estudada são aulas em vídeo que abordam conteúdos curriculares escolares e, mais especificamente, conteúdos voltados para preparação para o vestibular.

A situação pandêmica que se desenvolveu no início de 2020, alterou toda a estrutura escolar do ensino básico ao ensino superior. No Brasil, devido à adoção da quarentena como medida de contenção ao novo coronavírus, as escolas de ensino básico tiveram suas aulas presenciais suspensas. Nesse cenário, surgiu então a necessidade de buscar alternativas para que as atividades letivas fossem mantidas (CIPRIANI, 2021). A fim de evitar a evasão escolar e a repetência, além de garantir a manutenção das aulas durante o isolamento, o CNE recomendou que as atividades fossem ofertadas no modelo de ensino remoto emergencial desde a Educação Infantil (BRASIL, 2020).

A pesquisa “Trabalho Docente em Tempos de Pandemia” que se realizou uma parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em educação (CNTE) e também a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (GESTRADO, 2020) identificou ao questionar professores que grande parte deles (84%) continuou a desenvolver as suas atividades de trabalho como aulas no modelo remoto, durante o período de pandemia. Esse resultado se mostra muito significativo, uma vez que é uma pesquisa nacional. Os dados evidenciam que por mais que as atividades escolares tenham se mantido na opinião dos professores entrevistados a grande maioria afirmou que a o ensino remoto não garantiu uma substituição equivalente às aulas presenciais.

Esse cenário reforçou a necessidade de se analisar, estudar e compreender mais sobre as tecnologias digitais como a produção de videoaulas e o impacto na aprendizagem dos alunos. Com a pandemia, mais professores de todos os níveis de educação entraram em contato com essas tecnologias, o que poderá representar transformações no trabalho docente e no modelo escolar, a sala

de aula tradicional deu lugar a uma diversidade de espaços de aprendizagem como o digital e a residência dos alunos e professores (NÓVOA e ALVIM, 2020).

Mesquita e Marcondes (2021) estudaram o momento pandêmico e ao analisar duas grandes pesquisas (FCC, 2020, GESTRADO, 2020) constatam que 70% do total dos professores participantes nas pesquisas afirma ter dificuldades para lidar com as novas tecnologias digitais, ressaltando que não tiveram preparo suficiente para ministrar aulas não presenciais. As autoras ainda pontuam que ao se questionar os tipos de atividades desenvolvidas pelos professores, as duas pesquisas identificaram a concentração na realização de aulas remotas síncronas, na gravação de videoaulas, foco do estudo e por fim, na produção e envio de material impresso aos alunos. Esse resultado reforça a necessidade de mais estudos sobre recursos como as videoaulas para entender como elas estão sendo usadas pelos professores e pelos alunos.

A tese de doutorado de Gomes (2021), já buscava compreender o uso das videoaulas por parte de jovens no interior de uma escola pública da Bahia e anterior a sua apropriação no período de pandemia e fechamento das escolas. Gomes procura identificar como se dá o processo de aprendizagem dos alunos que se utilizam desse recurso associado a apropriação de conhecimento escolares. Ao longo das análises parte de seus resultados serão adotados como ponto de análise para esse novo contexto investigativo, escolas privadas de elite pós-pandemia de Covid 19

Ao analisar videoaulas e sua história se faz necessário analisar o ensino superior, que por sua vez já faz uso desse recurso por anos, principalmente na modalidade Ensino a Distância (EaD). O censo da Educação Superior faz um comparativo entre os anos de 2008 e 2018 demonstrando o aumento no número de alunos ingressantes nos cursos de EaD (BRASIL, 2019). Contrariamente ao crescimento vertiginoso do Ensino a Distância, no cenário de pesquisa no Brasil as pesquisas sobre essa modalidade de ensino ainda não se desenvolveram reforçando ainda mais a necessidade de mais pesquisas sobre essa prática como apontaram Veloso e Mill em 2019. (CROSS, 2013; DOTTA, 2013) afirmam que em especial as videoaulas, que também estão crescendo em uso e visualização, ainda estão sendo pouco estudadas, principalmente em relação aos estilos empregados.

As videoaulas são o principal recurso utilizado pela Educação a distância (ABED, 2019), alguns autores pontuam as dificuldades e desafios da formação de professores e no trabalho decente empregado nessa modalidade de ensino. Por exemplo, Tezonin (2018) argumentou que a elaboração e produção de materiais didáticos audiovisuais leva a inseguranças por parte dos docentes, a consciência corporal e o uso de linguagem não-verbal são destacados como algumas delas.

A pesquisa proposta por Rodrigues, Almeida e Dal Forno (2018) analisa produções sobre o tema da formação de professores para uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula como resultado eles identificaram que a formação dos professores com a finalidade de uso desses recursos é inexistente ou precária, com priorização do caráter técnico em detrimento do pedagógico.

Lançado em 2005, o Youtube, aos poucos se firmou como um espaço fundamental para o compartilhamento desses materiais educacionais, como as videoaulas, tanto pela sua popularidade crescente como pela facilidade de acesso e no manuseio da ferramenta. Deve se destacar ainda a possibilidade de convergência com outras mídias sociais (Facebook, Twitter...).

No YouTube estão disponibilizadas videoaulas produzidas tanto de forma “amadora” pelos próprios docentes ou alunos, quanto materiais audiovisuais construídos por uma equipe multidisciplinar formada por designers instrucionais, editores de imagens e áudio, entre outros profissionais. O relatório The Horizon Report, publicado em 2008, apontou que o crescimento de sites de compartilhamento de vídeos e as facilidades de gravação e edição de vídeos motivaram a ampliação da produção de vídeos caseiros voltados para a educação.

Instituições de ensino têm investido na construção de canais de videoaulas no Youtube como recursos educacionais abertos (REAs), esses canais são caracterizados pela capacidade de reusabilidade de forma legal e podem ser acessados de forma gratuita por qualquer pessoa e não apenas por alunos da própria universidade, é o caso do CEDERJ (Consórcio Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro), consórcio formado por sete universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro (UERJ; UENF; UNIRIO; UFRJ; UFF; UFRRJ; IFF) além de um centro universitário (CEFET-RJ) que trabalha em parceria com a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro, através do intermédio da Fundação CECIERJ (Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), com o objetivo de oferecer cursos de graduação a distância, na modalidade semipresencial para todo o Estado do Rio de Janeiro. De acordo com Okada (2011), os REAs fazem referência a qualquer material aberto, que possua licença para utilização, adaptação e compartilhamento com finalidade educativa, permitindo as práticas educacionais ao permitir compartilhamento de conteúdo sem infringir as normas legais. Tori (2015), em seu texto afirma que os REAs permitem ao professor fazer uso de diferentes conteúdos ou mídias, além de modificá-los e adaptá-los, podendo criar diferentes percursos e conteúdos de acordo com as necessidades da instituição e do curso. Essa tendência vem sendo

observada em escolas de grandes redes no Brasil como o Eleva Educação e o Grupo SEB, a grande maioria produz videoaulas e outros conteúdos próprios que são recomendados aos alunos e parte delas são disponibilizadas em plataformas gratuitas como o YouTube e Facebook Watch.

Silva e Sales (2015) constataam a popularização de visualizações de videoaulas em sites de compartilhamento de vídeo, como o Youtube, Canais como Khan Academic e Me Salva! Esses canais são voltados para publicação de videoaulas e somam, hoje mais de duzentos milhões de visualizações, segundo dados do próprio Youtube. A partir de análises de comentários nos vídeos destes canais é possível compreender que muitos jovens têm recorrido a eles, sem recomendação de seus professores, ponto o qual iremos questionar a partir da visão dos alunos das escolas investigadas, identificando se a iniciativa de visualização parte dos professores ou do próprio aluno em relação ao processo de ensino aprendizagem.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que as videoaulas e outras tecnologias permitem que os alunos entrem em contato com diversos conteúdos muito antes de serem apresentados pelo professor na sala de aula (DOTTA et al, 2013), desta forma as videoaulas podem representar uma forma de uso do modelo de aula invertida (“flipped classroom”). O modelo conhecido como Sala de Aula Invertida estimula um papel ativo no aluno e no caso do professor um papel de facilitador do processo do ensino e de aprendizagem, nesta metodologia o que antes era realizado em sala de aula passa a ser realizado pelo aluno antes dos encontros presenciais em sala de aula (TOMASCHEWSKI BUENO, DA ROSA & GIUSTI MOREIRA, 2021).

As videoaulas surgem primeiro na década de 70, elas crescem à medida que surgem novas tecnologias como as fitas de videocassetes, o DVD (*Digital Versatile Disc*) e as tecnologias de vídeo digitais (DOTTA et al., 2013), os atuais serviços gratuitos de hospedagem de vídeo, como o YouTube, também contribuíram para a disseminação das videoaulas (GUO et al., 2014).

Pechula e Penteado (2018) investigaram a prática docente em videoaulas e analisaram a expressividade do professor com o intuito de ampliar a discussão sobre a complexidade das relações do corpo, a educação e as mídias. As autoras em seu artigo identificaram que o estilo expositivo restrito à apresentação de conteúdos é o principal estilo e o foco está na oralidade do professor. Ilioudi (2013) reafirma que dentre os diferentes estilos de videoaulas o modelo tradicional expositivo e de disponibilização no formato de vídeo digital ainda é o mais comum. Isso acaba por manter o aluno no papel de ouvinte, porém abre um leque de possibilidades como a aceleração da velocidade do vídeo e a escolha do momento de sua visualização.

Na literatura produzida pelo campo da educação, as videoaulas podem ser definidas de muitas formas, mas se destacam as definições de dois grupos de autores: Arroio e Giordan (2006) afirmam que elas seriam uma modalidade expositiva de conteúdos de forma sistematizada e Arruda e Dutra (2014) definem videoaulas como produções audiovisuais com fins educativos, que podem ser preparadas em qualquer espaço físico, ou até mesmo em estúdios e reproduz estilos condensados nas aulas presenciais como a aula expositiva, essas definições combinam mais com as tradicionais videoaulas com a estilo de cursos pré-vestibulares e aquelas as quais o presente estudo deseja se aprofundar. Já Cledes et al. (2012) traz uma definição mais abrangente e interessante: videoaulas são recursos tecnológicos capazes de tornar uma aula mais interativa e motivadora.

A proposta de estudo desta dissertação, se baseia em analisar como essas videoaulas estão sendo usadas pelos alunos e quais são suas preferências. Outras análises como entender a forma em que estão inseridas no contexto do vestibular e quais são as visões acerca do segmento de ensino médio também serão importantes informações a serem obtidas. O objetivo principal é entender como essas videoaulas são usadas por alunos que fazem uso delas. O trabalho fez uso de formulários, os quais serão enviados a alunos de 3º ano do Ensino Médio e alunos de curso pré-vestibular de escolas de uma rede com alto desempenho no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) do Rio de Janeiro, a fim de encontrar respostas para as questões propostas.

A escolha do ensino médio é dada por ser uma etapa destinada aos jovens, tempo o qual os alunos lidam com diversos conflitos e inseguranças acerca de seu futuro, suas escolhas profissionais e a importância da escola em seu desenvolvimento existe nessa etapa uma tensão sobre seu próprio sentido podendo ser preparação para o ingresso no ensino superior ou para o mercado de trabalho e em alguns casos para o exercício da cidadania (KRAWCZYK, 2009). É nesse mesmo período que os jovens estudantes começam a lidar com a pressão pelo vestibular e as provas necessárias para o ingresso no ensino superior, é nesse contexto que muitas videoaulas são produzidas, a fim de atender alunos em processo de preparação para o vestibular/ENEM.

O ensino médio é a etapa que uma parcela de docentes atua e as características as quais irão fazer o “bom professor” são as mais diversas. Como afirma Dubet (1997), em seu estudo sobre juventude da escola média francesa a personalidade dos professores marca muito o seu trabalho e estes jovens são muito sensíveis a uma adequação da personalidade do professor e de seu estilo pedagógico. A dissertação analisou também como e em que proporção se fazia o uso desse recurso no momento prévio a pandemia para comparar com o cenário vivido nos últimos dois anos (2020 e

2021) no qual vivemos momentos de escolas fechadas e um luto profundo em resposta a tantas perdas no campo social e educacional, além disso será feita uma análise do que se pode esperar dos anos pós-pandemia que seguirão a partir das grandes mudanças vividas.

Teixeira (2020) evidencia que a relação entre docente e discente foi alterada e redefinida, e ainda se encontra em constante mudança. Com o crescimento no uso da tecnologia, as relações de ensino e aprendizado se viram forçadas a transformar a sua forma de ser, que com as tecnologias mostraram outras faces, o crescimento das videoaulas reforça esse pensamento. Reflexões semelhantes aponta Mesquita (2018), ao afirmar que embora a dimensão relacional seja central no trabalho com o ensino médio, todas as demais dimensões do trabalho docente (conhecimento, estratégica, relacional, motivacional e profissional) se complementam e podem contribuir para o reconhecimento do “bom professor”.

Essas cinco dimensões descritas por Mesquita (2018) podem contribuir para entender o fenômeno de crescimento das videoaulas. A dimensão do conhecimento agrega os saberes específicos como os curriculares; a dimensão estratégica reúne características técnicas como uso de diferentes recursos de aprendizagem e estratégias docentes; a dimensão relacional como antes mencionada é marcada pela interação; a dimensão motivacional está atrelada aos alunos e seus rendimentos, suas aprendizagens e comportamento; por fim a dimensão profissional incorpora elementos associados ao exercício da profissão, como a formação, a burocracia e as condições de trabalho. E como seriam vistos os professores nas videoaulas? Uma vez que o aspecto relacional é deixado de lado, e a única interação a ser feita é por comentários, talvez nesse campo as demais dimensões sejam destacadas dadas as condições.

A partir desse questionamento, esse trabalho também visa questionar qual seria o papel das videoaulas no ensino básico. Sem interação, o processo de ensino e aprendizagem é prejudicado, por essa razão o uso adequado desse recurso talvez seja de forma complementar, em paralelo às aulas presenciais onde é possível haver trocas entre o professor e o aluno. Cyrulnik (2021) afirma que adoecemos quando somos privados da presença do outro, isso se mostrou muito vividamente durante a pandemia quando fomos forçados a nos trancar em nossas residências. Essa necessidade humana pela interação mostra uma das razões pela qual a maior parte das escolas privadas no Brasil optou por aulas ao vivo em plataformas de videochamadas (CIPRIANI, 2021).

É necessário destacar que hoje, frente ao avanço tecnológico, que não podemos pensar em uma educação sem o uso de tecnologias. Hoje vivemos em um mundo universalizado e conectado,

porém a figura do professor deve ser responsável por mediar o processo de uso dessas tecnologias no caminho da aprendizagem. Como um aluno que não possui privacidade e é bombardeado de informações de todos os lados será capaz de perceber com lucidez o que é a realidade e o que é falso ou *fake*, esses são os desafios da escola e do professor nos anos seguintes a pandemia. Os alunos, neste modelo remoto, são protagonistas no uso dos materiais disponibilizados e na organização do seu tempo, afirma Teixeira (2020). O professor é fundamental na mediação, desde a elaboração até o resultado esperado da aprendizagem.

O YouTube estreou mundialmente em 2005, e desde então, tem sido o foco principal de diversas pesquisas (BURGUESS e GREEN, 2018; LANGE, 2014). Allocca (2018) afirma que o YouTube fez o mundo mudar e afirma que a plataforma diz mais sobre nós e a sociedade em que vivemos do que qualquer outra rede social. Ele foi criado com a premissa simples de se criar um local onde seria possível fazer o upload de vídeos de qualquer tipo na internet, e desde então cada vez mais vídeos são lançados e cada mais gêneros são introduzidos, em especial os educacionais.

Burguess e Green (2018) definem que os dois principais usos do YouTube nos dias de hoje, são a promoção de mídias tradicionais e os conteúdos criados pelos usuários. Essa dicotomia existente entre os usuários profissionais como o Descomplica e os usuários amadores como professores que postaram vídeos caseiros na pandemia, torna ainda mais complexa a compreensão do YouTube como um local de convergência cultural e de mediação desses grupos de usuários.

A Descomplica, plataforma citada, é uma empresa do ramo da educação e tecnologia que fornece videoaulas preparatórias para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e principais vestibulares do Brasil. O seu criador Marco Fisbhen afirmou: “Quero dar escala à educação!”, e visualizou sua empresa a partir do pensamento de gravar suas aulas de cursinho pré-vestibular e disponibilizá-las online (PEREIRA E ARAÚJO, 2017), hoje as videoaulas da empresa estão tanto em plataforma própria como no YouTube.

Apesar de não ter sido o propósito inicial, a plataforma do YouTube foi aos poucos se modificando em uma fonte para disponibilização de conhecimento. Allocca (2018) relaciona a nossa essência curiosa e a nossa capacidade de questionamento, além da contínua adaptação da plataforma à forma como a utilizamos, por meio de atualizações mediadas por feedbacks, contribuiu para que o YouTube fosse conhecido como a rede na qual podemos aprender algo. Essas características são atreladas também aos jovens, curiosos e ansiosos por novidades, fazem da plataforma um local de aprendizado.

Bonk (2008) em seu trabalho tentou descobrir como, quando, por quem e com que propósito os vídeos disponíveis no YouTube poderiam ser utilizados no âmbito escolar. O autor concorda que o YouTube é uma ferramenta cultural, e deveria ser considerada pelos docentes como uma plataforma promotora da aprendizagem dos alunos em todos os níveis de escolaridade, inclusive o ensino médio. Ele ainda constatou em sua pesquisa, que analisou respostas de mais mil participantes, que vídeos curtos de um a quatro minutos eram ideais, ele afirma que os vídeos online compartilhados são uma ferramenta simples de usar e muito poderosa para o ensino, além disso pode servir para estimular o interesse do aluno em um determinado tópico ou assunto.

Por fim, ao estudar o impacto da inserção das videoaulas nesse segmento de tantas mudanças que é o ensino médio, não podemos deixar de lado, a figura do estudante. Fanfani (2000), afirma que a escola média não foi instituída para os novos jovens que chegam até ela, o que pode desencadear contradições e desencantos. Mesquita (2020) conta que a juventude que adentra a escola de ensino médio necessita ser ouvida sobre os seus anseios além de ser importante identificar o sentido que dão à escola. Por essa razão, o presente estudo visa ouvir dos jovens estudantes de classe média alta do Rio de Janeiro, o que eles veem como razão para seus estudos, se a justificativa principal será o vestibular ou se teremos outras motivações, em diálogo com o uso das videoaulas.

Objetivos e questões norteadoras

Esta pesquisa pretende compreender como as videoaulas estão sendo utilizadas por jovens-estudantes do ensino médio analisando se seriam recursos usados de forma complementar, como substituição às aulas tradicionais ou até como disparadores de conhecimento. Esse trabalho também visa responder quais são as preferências dos alunos no recurso educacional das videoaulas como utilizam estes. Os principais aspectos analisados foram a frequência na visualização das videoaulas, quais os principais canais, quais são as motivações, quais estilos mais agradam os jovens e outros questionamentos. Por fim, torna-se importante analisar quais são as perspectivas dos jovens estudantes e o que eles observam como sentido para a escola e para o segmento do ensino médio.

Novaes (2009) afirma que ser jovem hoje é estar imerso em uma multiplicidade de identidades, também de posições e vivências por isso um dos principais focos da pesquisa foi dar voz ao jovem estudante, personagem muitas vezes negligenciado e silenciado no Brasil e em outros países. O retrato é dado pela perspectiva do aluno e como ele faz uso dos recursos audiovisuais conhecidos como videoaulas além de ser evidenciado como o Ensino Médio se mostra na ótica do jovem estudante dessas escolas.

A pergunta norteadora da pesquisa é: Como e o porquê as videoaulas estão sendo usadas por alunos de escolas particulares? O foco dessa pergunta está no uso desse recurso e nas justificativas em relação ao processo-aprendizagem apontados pelos próprios jovens estudantes de ensino médio, é sabido que a interação é um dos aspectos mais importantes de uma aula, como então essa nova modalidade de aula pode ser usada, de forma complementar ou substituindo o modelo tradicional.

Os objetivos específicos desta dissertação giram em torno de uma das justificativas apresentadas, isto é, o fenômeno do crescimento das videoaulas, diante dessa imensidão de possibilidades. Outro objetivo do trabalho é entender o que pensam esses jovens que entram no 3º ano do ensino médio acerca da escola como instituição, e compreender quais são seus anseios e qual o significado que a escola possui em sua trajetória de vida. O foco chave é entender o porquê da escolha por certas videoaulas, a partir de questionamentos de qual é o objetivo a ser atingido com o uso delas.

Esses questionamentos servirão de norte para as análises das conclusões dessa pesquisa. Pode se afirmar que a tecnologia das videoaulas, assim como outras TICs que adentraram as escolas, mas será que alteraram o ambiente da sala de aula e até mesmo o conceito de aula e as formas de aprender dos jovens? Para responder tais questionamentos e objetivos desta pesquisa é preciso entender melhor como as videoaulas estão sendo usadas pelos jovens.

Pressupostos teóricos

Para fundamentar esses questionamentos propostos nesta pesquisa e para chegar às conclusões, devemos nos atentar a literatura no campo da educação no que se refere ao impacto de novas tecnologias no meio educacional, ao fenômeno do crescimento do Youtube e das videoaulas, ao ensino médio e à juventude que ingressa nesse segmento.

Ao longo dos próximos parágrafos serão analisadas como as videoaulas como tecnologias, impactam no meio das salas de aula, um paralelo com McLuhan (1964) e sua teoria da ecologia dos meios. Pischetola (2018) ao analisar a teoria afirma que o autor em questão entende que os meios, as tecnologias, são mensagens em si, por sua própria existência na sociedade, e completa afirmando que o fundamental não é o conteúdo veiculado pelo meio e sim o próprio meio em si por razão deste ser um ambiente cultural.

É importante também compreender como o Youtube cresceu e como as videoaulas estão cada vez mais presentes, a partir desse conhecimento é possível estudar o porquê das escolhas por parte dos alunos por certas videoaulas. Por fim, para entender o porquê de suas escolhas é necessário olhar para o jovem e para o segmento em que ele está inserido, uma vez que mudanças que ocorreram e ocorrem no ensino médio podem impactar diretamente no uso desses recursos. Além disso, a trajetória e a visão de escola podem alterar as preferências por determinados vídeos educativos e até mesmo os objetivos adotados para direcionar o processo de ensino-aprendizagem.

3.1

A chegada das “novas” tecnologias

As videoaulas são recursos tecnológicos audiovisuais capazes de tornar uma aula mais interativa e motivadora como afirma Cledes (2012) em sua pesquisa sobre as videoaulas como estratégia em ensino de física. A autora afirma que o vídeo, se bem utilizado, pode se caracterizar como um material didático estruturado que é capaz de apresentar fenômenos físicos com evidência, de forma superior a um diagrama estático presente em páginas de livro ou até mesmo em um

quadro-negro. Esse recurso não é bem uma novidade, visto que já está presente há algumas décadas, porém podemos afirmar que houve uma mudança na forma em que podemos obter novas videoaulas com a ascensão da internet.

Porém, assim como toda nova tecnologia que é inserida na sala de aula, ela pode ser caracterizada como um meio e por isso, a sua inserção tende a criar um novo ambiente humano, modificando a cultura de seu tempo, como afirma Pischetola e Daluz (2018), baseando-se na teoria de McLuhan (1964). O autor afirmava que um “ambiente” criado por cada nova mídia, como as videoaulas, eram semelhantes a uma bolha invisível que rodeia os indivíduos em determinada época histórica e lugar geográfico.

Essa teoria apresentada por McLuhan é conhecida como ecologia dos meios. O autor em seu livro afirma que as novas tecnologias são mensagens em si e que o mais importante, é o meio, e não necessariamente o conteúdo veiculado, uma vez que esses meios são prolongamentos do ser humano, de seus corpos e formas de pensar e não devem ser confundidas como meras ferramentas. As videoaulas ao surgirem podem mudar a forma em que pensamos a escola, imaginá-las como meros recursos complementares à aula tradicional, é leviano, faz-se necessário compreender como elas impactam as escolas e como elas podem ser benéficas.

Bonini-Rocha e seus colaboradores (2014) testaram um grupo de alunos expondo um grupo a uma videoaula, com figuras, textos e animações narradas por um professor, e outro grupo, à aula expositiva ministrada pelo mesmo professor, usando projeção multimídia com as mesmas figuras e textos apresentados no vídeo. A partir dos resultados afirmaram que a videoaula e a aula expositiva causavam satisfação e percepção de aprendizagem e promovem de forma igualitária o aprendizado do tema. É importante ressaltar que satisfação, motivação, percepção de aprendizagem são aspectos interrelacionados. Por essa razão, esses fatores servem como critérios importantes para a escolha das metodologias de ensino. (Moraes & Torre, 2004)

Cada tecnologia criada no mundo e mais especificamente na área da educação tende a criar um novo ambiente humano, modificando-o, elas criam novas tensões e necessidades nos seres humanos que a engendraram, transformando o entorno por meio de dinâmicas de interação e interdependência (Pischetola e Daluz, 2018). Por essa razão o presente estudo visa estudar a interação entre os seres humanos e as videoaulas como meios que moldam o caráter da cultura, uma vez que a forma com que esses meios são usados, impacta nos resultados acadêmicos na escola e no vestibular.

Outro ponto importante é que as videoaulas em sua grande maioria são recursos gratuitos e livres na internet, o que pode torná-los meios perigosos de acordo com o seu uso, uma vez que deve haver uma verificação em relação ao conteúdo dos vídeos. Daluz (2014) afirma que a escola é peça fundamental no processo de apropriação das tecnologias, e Pischetola e Daluz (2018) reafirmam que vivemos em uma era dos dados, com muitas informações disponíveis, e por isso é necessário que haja uma educação voltada para o desenvolvimento e para a apropriação crítica e criativa, formando indivíduos críticos e não meros consumidores passivos.

Como então os professores podem inserir essas novas tecnologias no cotidiano escolar? As pesquisas mostram uma dificuldade grande por parte dos professores na introdução de novas tecnologias em suas práticas pedagógicas (PISCHETOLA, 2016). Demo (2005) afirma: “Parece evidente a dificuldade de transformar as tecnologias em oportunidades de aprendizagem sem a mediação do professor. Qualquer artefato técnico implantado na escola só frutifica sob a mediação do professor. Para encarar as competências modernas, inovadoras e humanizadoras, o educador deve impreterivelmente saber reconstruir o conhecimento e colocá-lo a serviço da cidadania. Assim, o professor será quem saberá reconstruir conhecimento com qualidade formal e política” (DEMO, 2005, p. 12).

Um resultado importante de Pischetola e Daluz (2018) mostrou ao analisar escolas públicas no Rio de Janeiro, que professores em geral tem uma visão de tecnologia como apoio ou um suporte a prática pedagógica. Essa visão deve ser vista com muita cautela, pois como vimos na teoria de McLuhan (1964), as tecnologias como meios, alteram por completo o ambiente escolar, e não devem ser tratadas como meras ferramentas. Por outro lado, o estudo de Pischetola e Daluz (2018) mostrou que os professores possuem consciência de que o fenômeno da entrada de tecnologia da escola é inevitável e está relacionado à presença de mídias na sociedade. Uma solução proposta por Pischetola e Daluz (2018) seria atuar na formação docente, ensinando os professores no uso desses recursos e capacitando-os para que haja uma aprendizagem transformadora. O desafio de cada professor é estabelecer sua própria metodologia no uso de tecnologias no meio escolar e em diálogo com as formas de apropriação dos jovens estudantes

Um exemplo desse desafio está no uso adequado das tecnologias, muitas vezes as salas de aula são marcadas pela indisciplina, alunos ao serem convidados para usar o celular e visualizar um vídeo, podem entrar em outros sites não educativos ou até proibidos. Pischetola (2018) questiona: Por que ele não aproveita a riqueza que as TICs providenciam, em especial com a Internet e sua

infinita quantidade de informação? A autora responde afirmando que na maioria das vezes a vontade do professor é ensinar ao aluno a utilizar essas ferramentas “de forma correta”, essa deveria ser uma das tarefas da escola moderna.

A autora ainda argumenta que cabe ao docente instigar o pensamento crítico com relação a certos usos dessas tecnologias, ao mesmo tempo em que propõe alternativas, em geral desconhecidas pelos alunos, porém podem tornar-se mais interessantes e motivadoras dos usos atuais, um excelente exemplo disso são os games educativos. Vale ressaltar que as chamadas TICs não substituem o professor, elas reforçam a necessidade da sua atuação como mediadores do processo de aprendizagem. Será que esse debate de pensamento crítico se aplica ao uso de videoaula nas escolas? Um dos desafios que esta pesquisa de mestrado também pretende evidenciar através dos dados produzidos e analisados.

Em seu estudo publicado em 2016, Pischetola revisa a literatura da área de educação quanto a essas tecnologias e observa que muitos autores responsabilizam o professor pela (não) integração de TIC na escola. Porém, em pesquisas da última década em três países diferentes - Itália, Etiópia e Brasil - projeto One Laptop Per Child/Um Computador por Aluno nasce em 2005, por iniciativa de Nicholas Negroponte do MIT (Massachusetts Institute of Technology) (BRASIL, 2010) - mostraram que quase não há resistência do professor e ao contrário, do que pensado previamente, a maioria dos professores estão dispostos a inovar sua prática. Constata-se que há sim uma certa preocupação de que sua autoridade seja questionada e que a gestão da sala de aula torne-se ainda mais difícil, porém sempre curiosos e abertos para o novo, em especial os mais velhos.

Por fim, devemos entender que ao mudar o ambiente escolar com a introdução das videoaulas e das tecnologias é preciso que os professores entendam a importância de se possuir a capacidade de incorporar essa mudança cultura escolar. Pischetola (2018) afirma que o docente deve possuir três características importantes: honestidade, coragem e invenção. A honestidade é necessária para reconhecer seu papel de mediação pedagógica entre os alunos e as TICs, a coragem para enxergar as mudanças e não ter medo delas, mas enfrentá-las e estar sempre disposto a mudar. Além disso, é necessário invenção, uma nova tecnologia abre muitas possibilidades, é preciso criatividade no uso de novas tecnologias.

A partir dessa análise, é possível observar que o conhecimento de como as tecnologias entram no meio escolar é necessário e uma base para compreender como as videoaulas estão sendo usadas e se a forma em que estão sendo aplicadas pode levar a um aprendizado significativo por parte dos

alunos. As redes sociais de internet, que atraem os interesses e as energias destinadas a sociabilidade dos jovens estudantes, são enigmáticas e é trabalho das instituições e dos educadores decifrá-las. As clássicas estratégias didáticas da educação escolar, como aulas expositivas, laboratórios, saraus, ainda estão presentes, porém as tecnologias de comunicação e de interação acabam por impor novos desafios para a organização da aprendizagem e também acabam cobrando a redefinição da autoridade docente frente à antiga relação com o saber e aos papéis sociais de professores (seriam estes os que somente ensinam?) e estudantes (aqueles que somente aprendem?) (CARRANO, 2017).

3.2

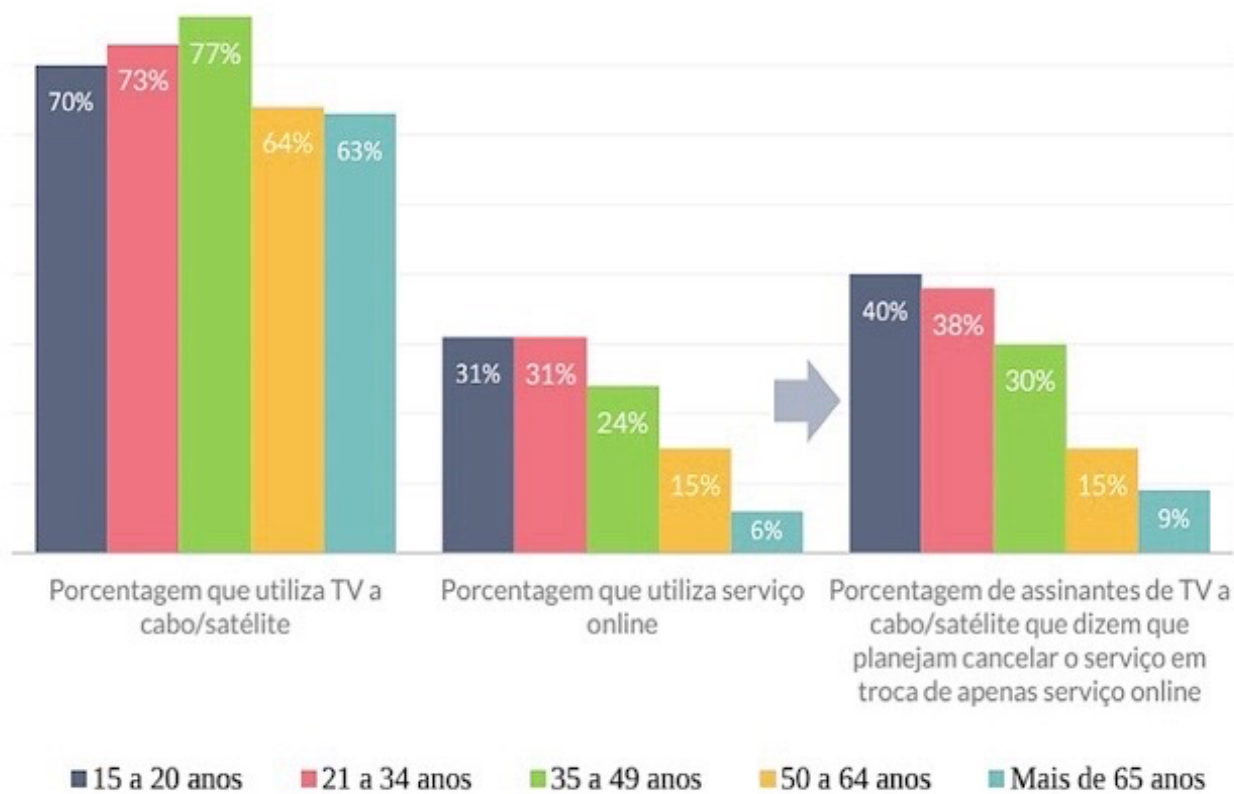
Youtube e as videoaulas

O Relatório YouTube Insights¹ (2017) reúne alguns dados das principais categorias da plataforma de vídeos, o Google está cada vez mais presente no mundo todo e também podemos incluir o Brasil nessa estatística. Dentre aqueles brasileiros que usam a internet, o YouTube é quase uma unanimidade, o site é acessado por 95% da população online brasileira, isso representa por volta de noventa e oito milhões de pessoas conectadas pelo menos uma vez por mês.

Um dado interessante é o fato de 59% dos consultados neste relatório afirmaram que preferem se atualizar pelo YouTube do que ver notícias nos meios tradicionais, no rádio ou na televisão, e 31% consideraram a plataforma uma fonte de aprendizado, isso mostra que essa plataforma está deixando de ser, pura e simplesmente, um depósito de vídeos amadores para se tornar uma ampla fonte de informação.

O estudo feito por Valiati et al. (2017) aponta que os jovens têm cada vez mais direcionado a sua forma preferida de consumir conteúdos audiovisuais para a internet. Na pesquisa, 40% dos jovens de 15 a 20 anos afirmaram planejar o cancelamento do conteúdo de televisão em detrimento dos serviços de *streaming*, como o Youtube, Netflix e outras plataformas pagas e/ou gratuitas (Gráfico 1).

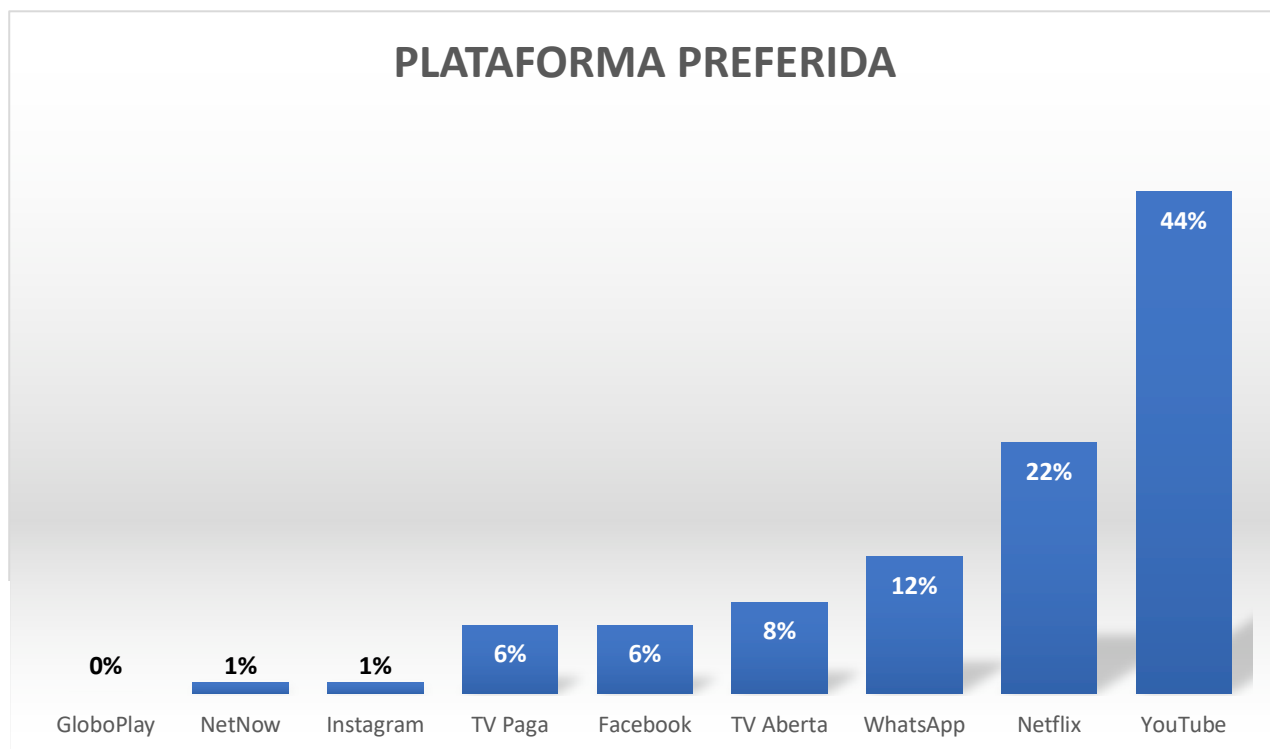
Gráfico 1 – Consumo de mídias visuais (TV vs Serviços online)



Fonte: Valiati et al. (2017)

Outro dado interessante é o resultado da pesquisa publicada pela Google Inc. em 2018 e citada por Marinho (2018). A pesquisa procurava constatar a consolidação do YouTube como plataforma de compartilhamento e visualização de vídeos preferida, o que foi de fato encontrado como mostrado no Gráfico 2. Esse estudo analisou respostas em um período de quatro anos (2014 a 2018) e demonstrou que o consumo de mídias audiovisuais cresceu, na televisão saltou de 21.9 para 24.8 horas assistidas em uma escala semanal, já o consumo de vídeos na internet cresceu de 8.1 para 19 horas semanais consumidas, um salto de 135%.

Gráfico 2 – Plataforma de consumo de mídias audiovisuais preferida



Fonte: Marinho (2018).

Os jovens entrevistados foram destaque, 55% dos respondentes afirmaram ver vídeos no YouTube diariamente, o que revela um público que possivelmente usa videoaulas em seus estudos. Isso é confirmado por Marinho (2018), ao identificar que nove em cada dez usuários de vídeos de YouTube utiliza a plataforma para seus estudos no Brasil.

Outro dado que reforça o uso de videoaulas pelos jovens estudantes foi publicado por Meireles, Alor e Ferreira (2009), em um trabalho direcionado ao estudo de física com estudantes do Ensino Médio, mais de 50% afirmaram assistir conteúdos de física no formato de vídeo, dado ao momento da pesquisa, ano o qual a disponibilidade ainda era escassa, esse número demonstra a importância dada pelos alunos a esse recurso.

Em um evento chamado Google for Brasil, que ocorreu em solo nacional em junho de 2018, teve como objetivo anunciar que o Google Brasil investiu R\$ 700 milhões no país nos últimos quinze meses (GHEDIN, 2018), essa informação foi dada pelo próprio presidente do ramo nacional da empresa, Fabio Coelho. Parte desse valor investido, foi usado para financiar a criação do canal educativo com conteúdos voltados para os Ensinos Fundamental e Médio, o YouTube Education.

Trata-se uma plataforma educacional gratuita com conteúdos para complementar as aulas ou para estudar upelo YouTube. Gevelber², vice-presidente da Google Brasil, complementa dizendo que este conteúdo conta com a curadoria da Fundação Lemann, o maior parceiro no projeto de expandir o alcance da educação no Brasil.

Esse lançamento gera um debate importante a ser discutido no presente trabalho, as videoaulas e os vídeos educativos têm que papel na educação? Eles são complementares a sala de aula tradicional ou podem substituir as aulas no modo que conhecemos? Como fica a dimensão relacional entre professor aluno nesta nova forma de ensinar-aprender? As evidências no campo da didática afirmam que a dimensão relacional é central no trabalho com os jovens de ensino médio (MESQUITA, 2018), sendo assim faz necessário olhar para essas videoaulas com um olhar crítico, e reconhecer que dificilmente serão capazes de substituir a figura do professor em sala de aula.

Borba, Scucuglia e Gadanidis (2014) concordam com esse pensamento e afirma que apesar do entendimento que é defendido por professores e alunos de que se conectar tecnologicamente e midiaticamente é uma demanda educacional e mais que isso, uma necessidade social, a tecnologia sozinha não é suficiente para geração do aprendizado. Mas, por outro lado, por que os jovens parecem cada vez mais fazer uso dessa tecnologia em seu percurso de estudante do ensino médio?

Outro ponto crítico a ser debatido, é que as fundações organizadas por grandes corporações têm cada vez mais se inserido no mercado educacional, o que pode levar a um novo momento tecnicista. Selma Garrido Pimenta afirma no livro Didática: abordagens teóricas contemporâneas - Volume 1 (SILVA, NASCIMENTO e ZEN, 2019) que essa linha neotecnicista investe contra os cursos de licenciatura de universidades que possuem o compromisso com uma formação de qualidade socioprofissional, por outro lado afirma que a formação prática, sem teoria e sem ideologia é suficiente. Essas políticas são definidas pelos conglomerados financistas, empresários da educação, que se inserem nos aparelhos de Estado, com destaque para os conselhos nacional e estaduais de educação, órgãos que elaboram as diretrizes curriculares nacionais e estaduais para a formação de professores.

Com a promulgação da Lei no 13.415/2017, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em relação à organização do currículo do Ensino médio, é possível observar uma proposta de ensino pragmático e mercantil, como apontam alguns estudos (TEIXEIRA et. al. 2020; (SILVA, NASCIMENTO e ZEN, 2019)). Essas políticas são definidas pelos conglomerados educacionais e financiadas por empresários da educação, que tem se inserido nos aparelhos de Estado, com destaque

para o conselho nacional de educação, órgão que por sua vez elabora as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores. Com a Lei 13.415/2017 foram permitidas parcerias com o setor privado o que favoreceu a formação profissional a partir de um Ensino Médio universal, uniforme e inclusivo, a fim de suprir as necessidades e demandas locais.

Além disso, aos poucos tem se visto um reforço do pensamento de que a aprendizagem acontece em todos os espaços e todos os tempos (GROS; KINSHUK; MAINA, 2016), esses ideais são muito relacionados às grandes empresas da educação, que ao visar uma redução de custos, tentam diminuir a necessidade da presença do professor e vendem a ideia de que aprender acontece em qualquer lugar e em qualquer momento, sendo assim podem ser feitos a distância e em aplicativos vendidos pelas próprias empresas, como a venda de apostilas a sistemas de ensino, pacotes de videoaulas e até mesmo plataformas de ensino.

Há de se pontuar que Paulo Freire diz a respeito do espaço físico da sala de aula está, justamente, na não-necessidade de uma sala para a realização de uma “aula”. O autor afirma que os espaços com os quais educandos mais identificam como parte de seu dia a dia e suas realidades sociais são os mais adequados para o processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2011). Esse trecho pode ser interpretado de uma forma que as redes sociais, hoje atuam como os espaços mais utilizados por estes alunos, poderiam ser eles então locais de ensino e aprendizagem?

Outro ponto a se destacar é o fenômeno do *homeschooling*, ou educação domiciliar, uma modalidade de educação que acontece no âmbito privado na casa da família. “Nela a família se responsabiliza totalmente pela formação acadêmica da criança, mobilizando pais ou tutores, diversas estratégias que podem seguir ou não um currículo formal” (BARBOSA; EVANGELISTA, 2017). As videoaulas atuam neste modelo como recursos nos quais o professor/tutor/pai é o coadjuvante que trabalha ao lado dos educandos, como guia da aprendizagem (BRITO, 2020).

Dubet (2020) discorda dessas ideias, ele afirma em seu livro que a escola na escola como instituição física, é melhor que a escola em casa ou até que a escola digital. Nóvoa e Alvim (2021) afirmam que as tecnologias, por si só, não educam ninguém, e a presença do professor como mediador desse processo de aprendizagem com tecnologias é extremamente necessário, como afirma Charlot (1976): “a educação não se pode fazer por simples imersão da criança no meio social, pois é necessária uma mediação entre a criança e os modelos sociais”.

Porém, não se pode deixar de reconhecer que desde a explosão da internet, em meados dos anos 90, foi experienciada uma verdadeira revolução nas formas em que nos comunicamos e

relacionamos. A internet é um espaço participativo e de intervenção que está em constante transformação, é um local onde indivíduos podem trocar informações, de maneira praticamente ilimitada, sobre mais variados assuntos e criar redes de relacionamentos e conexões em escalas antes inimagináveis e que atraem principalmente os jovens (CARRANO, 2017).

Pretto (2017) discute alguns pontos importantes sobre as videoaulas como: o direito autoral e o uso do software livre e das tecnologias livres e disponíveis de forma gratuita, com o propósito de impulsionar o consumo dos produtos científicos e culturais produzidos nas universidades, nos centros de pesquisas e laboratórios, e pelas escolas, reforçando a divulgação científica, e apontando o YouTube como sendo um ambiente virtual livre para a publicação desses produtos.

Pretto em seu outro trabalho (2011) afirma que ações de divulgações como as mencionadas, são muito importantes para o ambiente escolar, uma vez que desempenham as funções de atuar em colaboração, tão necessária em um mundo conectado, porém distante emocionalmente, além de estimular a criatividade e proliferar as informações de qualidade e realidade. O autor reforça a necessidade de políticas de incentivo à inclusão digital na escola, que não sejam meras aulas de informática para o ensino de planilhas, processadores de texto ou coisas do tipo.

Essa juventude que ingressa no ensino médio vem fazendo uma apropriação desses aparatos tecnológicos e vem possibilitando que esses jovens deixem de ser mero consumidores de informações, uma vez que existe uma produção de cultura e conhecimentos fortíssima, mesmo que nem toda a população tenha o mesmo acesso, ou conviva igualmente com a denominada cibercultura. Ao avaliar as transformações pelas quais a educação ainda precisa passar, Pretto (2011) destaca a necessidade de fortalecer os professores, ele afirma em seu texto: “Investir fortemente na formação de professores, nas condições de trabalho e salário são condições básicas para as mudanças que se impõem a todo o sistema educacional”.

O Youtube que surgiu ainda nesse século, se transformou e hoje serve como uma fonte gigante de vídeos educacionais como as videoaulas, sendo assim a partir dessa análise foi possível observar o potencial desta plataforma, mas deve-se analisar de forma criteriosa como esse recurso pode ser empregado nas salas de aula.

3.3

Ensino médio

O ensino médio é uma etapa destinada à juventude, tempo o qual os alunos lidam com diversos conflitos e inseguranças acerca de seu futuro e a importância da escola em seu desenvolvimento. É nesse cenário que muitos docentes irão atuar e as características as quais irão fazer o “bom professor” são as mais diversas (MESQUITA, 2018). Estudar essa etapa e os jovens que entram nela é muito importante para compreender o fenômeno das videoaulas.

O ponto de partida pode ser colocado com a constituição de 1988 (CF/88), que segundo Vieira (2007) é a Constituição Federal considerada a mais extensa em assuntos relacionados à educação. O princípio da educação escolar com condições de acesso, igualdade e permanência na escola passa a ser um dever do Estado com a nova constituição promulgada. A educação básica só pode alcançar seus objetivos, em diferentes níveis e modalidades, e cumprir sua função social e política se em suas práticas efetivar de forma categórica as aprendizagens previstas no currículo, a aprendizagem se caracteriza pela condição essencial para que a escola possa cumprir seu papel, por isso é importante que ela aconteça.

A etapa de Ensino Médio passa a ser obrigatória com a regulamentação através da alteração no artigo 208 da Constituição Federal com a aplicação da Emenda Constitucional nº 59/2009, que visava aumentar o tempo de duração do ensino obrigatório aos jovens dos 4 aos 17 anos de idade. O ensino médio passa a ser considerado a última etapa da educação básica e nela podemos observar um questionamento muito grande da sua identidade, uma vez que muitos estudantes, em geral de escola pública, não cursam esse segmento visando alcançar o ensino superior. Nesse cenário é possível observar um baixo nível no acesso ao ensino médio se comparado ao ensino fundamental como mostra Krawczyk (2011) em seu trabalho. Silva (2020) analisa os dados de estudantes de Ensino Médio, que, ao final do século XX, contava com pouco mais de 3 milhões e 500 mil matrículas (equivalente a menos de 25% da faixa etária em idade adequada) cresce em 2004 atingindo o ápice de, aproximadamente, 9 milhões de estudantes matriculadas, correspondente a pouco mais de 50% dos indivíduos entre 15 e 17 anos. Desde então, assiste-se à diminuição desse quantitativo, em 2017, foram obtidas um total abaixo dos 8 milhões de matrículas.

Esse questionamento importante do quanto e se os alunos de ensino médio estão de fato aprendendo, é possível ao analisar os dados do Saeb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que integram os dados da Prova Brasil (que fornecem uma noção do desempenho dos alunos, mesmo que em provas padronizadas, observamos um cenário de poucas mudanças nas escolas estaduais (ver Tabela 1), mesmo com um pequeno aumento nas escolas de 2017 a 2019, ainda é possível observar que os alunos não aprendem o quanto deveriam e isso reflete no abandono da escola por parte de alguns estudantes em especial na rede estadual. Vale ressaltar que os índices do Saeb não servem como medida de nível de escolaridade, mas podem servir de efeito comparativo sobre o estado da educação estadual e da rede privada. Além disso as notas de 2021 apresentaram uma queda que pode estar associada ao período de escolas fechadas em razão da pandemia de COVID-19.

Tabela 1 – Comparativo dos resultados do Saeb no Estado do Rio de Janeiro de 2017 a 2021

	Língua Portuguesa – 2017	Matemática - 2017	Língua Portuguesa – 2019	Matemática - 2019	Língua Portuguesa – 2021	Matemática - 2021
Rede estadual	259,38	259,29	271	267,66	265,07	258,77
Rede privada	314,75	329,48	321,85	334,4	299,95	306,37

Fonte: MEC/Inep/Saeb - 2019

Uma das principais razões para esse cenário é o desinteresse por parte dos alunos, o que se reflete por um grande número de evasões no ensino médio. Por que então esses alunos mostram-se desinteressados? Charlot (1996) afirma que o aluno só aprende quando a escola faz sentido, possui um significado para o próprio aluno, só nesse cenário ele pode construir seu conhecimento.

Segundo o trabalho de Mesquita (2021) os alunos de uma escola pública viam a escola na etapa de ensino médio como uma obrigação social e uma aposta para ascensão social, apesar de tantas mudanças econômicas, ainda é um consenso que cursar essa etapa de ensino pode permitir a possibilidade de mobilidade social.

O cenário da escola particular é bem diferente, um cenário que Brandão (2007) conta que a escolha pela escola é uma via de mão dupla, confirmando a hipótese de que a escola escolhe o seu público assim como os pais escolhem a escola para seus filhos. Em relação ao clima escolar a autora apresenta os dados de um clima favorável à aprendizagem, dos alunos investigados 90% vêem essas

escolas como lugares onde fazem amigos facilmente e além disso 80% afirmam que os professores, freqüentemente, os incentivam a melhorar.

Outro fator que promove a permanência dos alunos é o fator social que marca a idade, Reis (2012) afirma que para os jovens de ensino médio de classes populares o aprendizado está diretamente relacionado com as relações afetivas e seu desenvolvimento pessoal. No contexto em que vivemos, atualmente, podemos observar que a educação já passou por inúmeras transformações ao longo do tempo e hoje, podemos contemplar uma educação muito mais participativa e interativa. Mattar (2012) afirma que a interação é fundamental e necessária para que o resultado no ensino-aprendizado seja satisfatório e eficaz.

O novo cenário educacional provocado em detrimento da pandemia advinda do novo Coronavírus (SARS-Cov2) é cheio de novidades e ainda sofre mudanças devido a reforma do Ensino Médio, com a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que foi proposta em 2017, mas começa a ser aplicada nas escolas durante os anos de 2019, 2020 e 2021.

Neste período é implementado também a “Reforma do Ensino Médio”, que possui certas mudanças que estão e irão impactar o contexto escolar, como: aumento da carga horária anual de forma progressiva para mil e quatrocentas horas, alcançando pelo menos mil horas a partir de março de 2022, o que pode distanciar ainda mais o ensino oferecido pelas escolas públicas e particulares; o reconhecimento de profissionais com notório saber pelos seus respectivos sistemas de ensino para ministrar conteúdo específicos de áreas afins a sua formação ou experiência profissional, artigo que pode levar a uma desvalorização da formação docente e das licenciaturas; e a definição de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o objetivo de padronizar o ensino na Educação Básica, que tem como objetivo padronizar a educação brasileira ao garantir o mínimo, outro fator que pode ampliar a disparidade nas escolas públicas e privadas. Além disso, um debate de como atuais alterações serão reelaboradas pelas escolas das redes públicas e das redes privadas, contribuindo ou não para ampliação das desigualdades educacionais entre os diferentes públicos juvenis que a acessam.

Essa reforma é criticada por Santos (2020) e Silva (2020), uma vez que não leva em consideração a desigualdade nas estruturas escolares e do trabalho docente, além de desprezar algumas disciplinas que não são tratadas como importantes na formação dos alunos, a exemplo da filosofia e sociologia. Essa crise em que o segmento vive trás poucas respostas na reforma, Vicent (2001) afirma: “ que pode se chamar de crise ou esgotamento da forma escolar se confunde com o

próprio esgotamento da capacidade de resposta aos desafios contemporâneos das instituições criadas na modernidade”.

Essa crise da aprendizagem é vista em escala global e é ratificada pelo Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) que foi produzido pelo Banco Mundial (PNUD, 2019). Esse documento mostra estimativas preocupantes acerca da educação brasileira., o relatório afirma haver um descompasso entre a expansão da educação e a garantia da aprendizagem, o que tem aumentado a desigualdade. Por isso não se deve criticar a ideia da expansão, mas sim como está ocorrendo, de acordo com a constituição é direito básico do cidadão brasileiro a aprendizagem.

A nova BNCC destinada ao Ensino Médio, visa promover uma melhora na qualidade da educação, ela ao ser lançada em 2018 vem acompanhada de diversas mudanças, dentre elas o principal destaque seria a criação dos chamados itinerários formativos, que são fornecidos pelas escolas e os jovens estudantes podem escolher de acordo com suas preferências de trilhos a seguir na carreira, a proposta em si demonstra um avanço, mas preocupa de acordo com a disnobilidade de itinerários em especial nas escolas públicas.

Junto a esse cenário de mudança institucional e no currículo escolar, em 2020 como mencionado anteriormente, entramos em uma pandemia em razão do novo vírus causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) a Organização Mundial de Saúde (OMS) nomeou a doença causada por este vírus como “Coronavírus 2019” (COVID-19) (WHO, 2020). Em março de 2020, o Diretor Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus declara estado de pandemia mundial em razão do aumento de casos fora do país de origem da doença, a China (CUCINOTTA; VANELLI, 2020). Nesse cenário, frente a vários fechamentos do comércio e demais instituições, o Ministério da Educação suspendeu por tempo indeterminado as aulas em todos os níveis de educação, a rigor das orientações propostas pela OMS, até que se tivesse segurança e controle da contaminação (ALMEIDA JÚNIOR et al., 2020).

A partir desse momento, com o cenário de escolas fechadas, muitas escolas, sobretudo particulares, iniciam o modelo de ensino remoto. Nessa situação pandêmica vivida, o uso de ferramentas como o ensino híbrido, síncrono ou à distância são fundamentais para a disseminação do conhecimento, a fim de manter a eficácia do ensino no período de suspensão das aulas como sugere Pascoal (2020).

Um ponto a se destacar nesse momento é a desigualdade criada pela pandemia, escolas públicas não possuíam os mesmos recursos que escolas particulares, o que acabou por aumentar ainda

mais as disparidades já vistas e já comentadas antes da COVID-19, na Tabela 2 é possível observar como a suspensão das aulas atingiu de forma equivalente a rede pública e privada, porém o fornecimento de suporte para o ensino remoto mostra uma grande lacuna, os alunos de escolas das redes municipal e estadual tiveram um suporte muito inferior se comparado a rede privada, dado que é evidenciado na Tabela abaixo (FCC, 2020).

Tabela 2 – Proporção dos professores cujas escolas/redes haviam promovido:

	Rede municipal	Rede estadual	Rede privada
Suspensão das aulas	78%	76%	73%
Suporte a distância para estudantes	36%	14%	65%

Fonte: Fundação Carlos Chagas (2020)

Outro dado importante acerca dessa desigualdade é a qualidade do suporte dado pelas escolas, no ensino privado houve um predomínio de aulas remotas ao vivo e com suporte do professor como mediador, o que não foi o caso para a maioria das escolas públicas no ensino médio que ficaram reféns de um ensino, quando presente, mediado por informações via WhatsApp e visualizações de vídeos no YouTube (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Proporção de estudantes do Ensino Médio que informam ter atividades ou materiais fornecidos ou indicados pela escola.

	Total	Ensino Médio Público	Ensino Médio Privado
Materiais em aplicativos ou plataformas on-line	59%	51%	81%
Aulas em plataforma digital com mediação do professor	49%	35%	90%
Conteúdo e exercícios pelo WhatsApp	41%	47%	24%
Vídeos pelo YouTube	39%	38%	43%
Materiais impressos	19%	17%	27%
Aulas na TV aberta com mediação do professor	13%	16%	4%

Aulas em plataforma digital sem mediação do professor	12%	12%	10%
Aulas na TV aberta sem mediação do professor	8%	10%	1%

Fonte: Fundação Carlos Chagas (2020)

Os alunos, neste modelo remoto, são protagonistas no uso dos materiais disponibilizados e na organização do seu tempo, afirma Teixeira (2020). O professor é fundamental na mediação, desde a elaboração até o resultado esperado da aprendizagem. O professor no papel de mediador no ensino à distância deve antever a interação dos alunos, mesmo em espaços geográficos distintos, já que o ensino não deve ser solitário e a interação deve ocorrer com a facilitação proveniente do uso de tecnologias.

É por essa razão apontada que durante a pandemia observamos um diferente aprendizado nas redes pública e privada, a ausência do professor como mediador impacta no cotidiano da escola remota emergencial e diminui a chance de um aprendizado significativo por parte dos alunos de escolas públicas que não tiveram a presença do professor na sua rotina de estudo.

Por fim podemos concluir que o momento vivido nos últimos dois anos escancara a disparidade entre as redes pública e privada de ensino, e a aplicação do “Novo Ensino Médio” criado com a influência das grandes empresas, tende a aumentar ainda mais essa disparidade, a partir desse cenário o que podemos esperar dos anos seguintes a pandemia? O novo ensino médio introduz o conceito de itinerários formativos, disciplinas complementares ao ensino básico e tradicional que irão trilhar diferentes caminhos educacionais de acordo com o interesse de estudo do aluno. Esses itinerários podem ser fonte de conhecimento importantíssimo, porém abrem uma questão importante, como fornecer uma educação de qualidade em turmas pequenas? No ensino público isso pode ser refletido pela falta de verbas, o que pode resultar na abertura de poucas disciplinas, deixando esses alunos com poucas opções, e no ensino privado, poucas turmas podem representar uma transferência do modelo presencial para o remoto a fim de captar mais alunos de diferentes localidades. O que pode ser concluído disto é uma diminuição na qualidade de ensino apesar do aumento da carga horária proposta pela nova Lei.

Em suma, é necessário destacar que hoje, frente ao avanço tecnológico, que não podemos pensar em uma educação sem o uso de tecnologias, hoje vivemos em um mundo universalizado e conectado, em especial os jovens estudantes de ensino médio, porém a figura do professor deve ser

responsável por mediar o processo de uso dessas tecnologias no caminho da aprendizagem, como um aluno que não possui privacidade e é bombardeado de informações de todos os lados será capaz de perceber com lucidez o que é a realidade e o que é falso ou fake, esses são os desafios da escola e do professor nos anos seguintes a pandemia.

A partir dessa análise, é possível observar que o ensino médio já passou por muitas transformações desde a constituição de 1988, e hoje como o chamado “novo ensino médio”, o segmento se transforma ainda mais, abrindo possibilidades para o uso do ensino remoto, e com isso também as videoaulas. É esse cenário atual que reforçou a necessidade de estudo mais aprofundado das videoaulas, em especial nesse segmento que representa tantas novidades na vida do jovem estudante.

3.4

Juventude

Como o foco deste trabalho é o ensino médio e os sujeitos da pesquisa serão os jovens, é preciso entendermos melhor a juventude, momento o qual os alunos desse segmento vivenciam, muito se fala no desafio de trabalhar com os “jovens de hoje”, porém para trabalhar com a juventude é preciso compreendê-la. Esse trecho irá se aprofundar na figura do jovem estudante que adentra as salas de aula e quais são suas perspectivas para a escola e para o futuro.

A palavra juventude tem sua origem na língua latina, o termo *juventa* é dado como nome da deusa da juventude, o que levou a formulação da palavra. Na mitologia dos romanos, a deusa Juventa era uma ninfa que o deus Júpiter transformou em uma fonte das águas e possuía o poder de rejuvenescer as pessoas, semelhante ao conto da fonte da juventude (BULFINCH, 2018). Para os romanos a juventude era um atributo valioso, uma forma diferente de se pensar como muitas correntes que iremos debater.

Ao analisar a educação escolar é importante reconhecer que o aluno é também um jovem e que não existe uma única “juventude”, mas sim “juventudes” (CARRANO, 2000; NOVAES, 2007). A partir desta percepção de uma multiplicidade de maneiras de se ser aluno e ser jovem, deve haver também a compreensão de que ser jovem significa ser sujeito de intensas transformações pessoais e societárias que se relacionam com o processo de desenvolvimento das tecnologias de

informação e comunicação. Os jovens possuem nos dias de hoje um campo maior de autonomia frente às instituições uma vez que podem construir seus próprios acervos e identidades culturais a partir das redes como afirma Carrano (2017).

Anne Barrère (2011), em seu trabalho investigou adolescentes em fase escolar no Brasil e também na França, a partir deste estudo evidenciou aquilo que chamou de “esfera de autonomia juvenil”. Os adolescentes hoje realizam incontáveis atividades fora da escola que podem ser vistos como verdadeiros investimentos pessoais mediados pelo gosto pessoal. Este chamado “currículo” não escolar que é desenvolvido em torno de atividades explicitamente educativas e de outras, relacionadas com a sociabilidade juvenil, forma um conjunto heterogêneo de atividades que amplia a autonomia juvenil. Dessa maneira, as provas ou desafios não seriam apenas os escolares, mas também os deste “currículo extraescolar”.

Esses interesses são importantes pois trilham o caminho pessoal dos jovens estudantes, e mesmo que se tratem de atividades externas a escola, são importantes formadores da identidade juvenil. Nessa perspectiva, é possível dizer que uma das mais importantes tarefas hoje das escolas é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas de maneira consciente sobre suas próprios caminhos pessoais e isso deve incluir o desafio de uma construção pessoal e coletiva de conhecimentos chamados significativos (CARRANO, 2017).

A escola é percebida em geral por alunos como “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas, e junto a governos enxergam no professor a origem da crise de qualidade, mas em vez de entrar em uma culpabilidade é preciso entender que a situação atual é resultado da atuação de professores, gestores, estudantes, pais e todos aqueles que atuam no ambiente escolar (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014).

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2011) que apontam para a centralidade dos jovens estudantes como sujeitos do processo educativo, para que isso ocorra de forma adequada o CNE aponta para uma “reinvenção” da escola, pautada em duas principais ações: “a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; o reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes.”

Para isso é preciso desenvolver um trabalho de formação humana que contemple a totalidade dos nossos jovens estudantes e com isso devemos reconhecer experiências, saberes e identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo, num momento anterior foram criadas imagens

e preconceitos a respeito dos jovens, indicando que são pré-adultos, o que não é verdade (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014).

A ideia de juventude tem sido relacionada como uma preparação para o futuro, essa caracterização aparece de forma recorrente na cultura escolar (KLEIN; ARANTES, 2016). Desta maneira, é necessário refletir sobre essa caracterização dos jovens como um “vir a ser”, uma vez que a juventude na realidade é o presente (DAYRELL, 2003). Outra caracterização comum e descredibilizada pelo autor e pela sociologia das juventudes é a associação da juventude no Brasil com os ideais de “desvio” e “delinquência” (Peralva, 1997).

Essa caracterização está associada à visão problemática em relação aos jovens que são associados aos homicídios, ao consumo de álcool e de outras drogas, e à gravidez na adolescência. Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é diminuir a complexidade desse momento da vida, além disso esses problemas são sociais e característicos da desigualdade e já existem antes da formação do jovem. Dayrell (2003) afirma que em muitos casos os jovens são comparados a uma imagem idealizada de juventude, para que se possa chegar cada vez mais próximo do modelo de jovem ideal, contrariando a rebeldia.

Dayrell, Carrano e Maia (2014) convida a um novo olhar, o jovem como sujeito de direitos em que os problemas que o atingem devem ser vistos como uma expressão de necessidades e demandas não atendidas pelo poder público.

Mas afinal quem é o jovem? A definição dessa etapa de vida responde a uma construção social, histórica, cultural e relacional, Segundo a sociologia a noção de juventude se centra nas relações sociais passíveis de serem estabelecidas por sujeitos ou grupos de sujeitos nas formações sociais, no processo de traçar vínculos ou rupturas entre eles (BAJOIT, 2004), um ponto marcante dessa definição é o foco na sociabilidade que é dito por muitos alunos como uma das razões para se frequentar a escola.

Gimeno (2005) refletiu sobre a história do termo e indicou que “o aluno é uma construção social inventada pelos adultos ao longo da experiência histórica, porque são os adultos [...] que têm o poder de organizar a vida dos não-adultos” (GIMENO, 2005). O mesmo autor reforça que perguntamos “pouco pelas mudanças que deveriam ocorrer a partir das condições dos sujeitos receptores”. Os estudantes, em última análise, são receptores: não apenas no sentido curricular ou pedagógico, mas sim com o ideal de que os alunos são o motivo pelo qual a escola existe. Gimeno

(2005) termina afirmando que estudantes são sujeitos re-inventores da escola, uma vez que sem eles não há escola, um motivo de importância dos jovens.

A definição de jovem segundo o Estatuto e a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) da Juventude é feita por idade e baseia-se no aspecto da maturidade biológica e sua delimitação é importante para as políticas públicas, como em situações de contagem de população, definição de políticas e recursos orçamentários. Compreender os jovens apenas pelo fator idade é uma forma de simplificar uma realidade muito mais complexa e que envolve elementos relacionados aos campos simbólico e cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014).

A juventude é a fase em que fisicamente se adquire o poder de gerar filhos, e que a pessoa passa a dar sinais de ter necessidade de menos proteção e suporte por parte da família e começa a assumir responsabilidades próprias, a buscar a independência (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014). Esse entendimento de jovem é baseado nos estudos biológicos e psicológicos, como a maturação corporal e do encéfalo que ainda passa por transformações como a mielinização da região responsável pela tomada de decisões.

A construção de uma juventude definida como grupo social foi acordada por Pais (1990) e Pappámikail (2010) a partir de fatos sociais como os estudos dos aspectos fisiológicos como a produção hormonal além das contribuições da psicologia como elementos psicossociais e a categorização de infância e adolescência. Porém é necessário destacar que essa etapa é dinâmica e marcada pela diversidade cultural e pelas desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais.

Sales e Paraíso (2010) constroem uma nova definição que parte da combinação entre idade e consumo cultural. Nesse contexto ainda há uma esteriotipação da juventude que parte da ideia de gerações como a geração Z ancorada ao forte consumo de mídias sociais e a os *Baby Boomers* ancorados ao Rock and Roll. Essa geração inclusive que fica conhecida por trazer a ideia de um jovem como ser revolucionário não de forma política mas sim sexual e culturalmente (COREICHA, 2020). O movimento *hippie* ganha força nos Estados Unidos e no mundo com o período de guerras e com o surgimento de pautas como os direitos da mulher e a defesa do meio ambiente, esse movimento acaba por moldar na visão da sociedade o que seria o jovem, mais uma vez de forma homogênea.

Por fim uma terceira forma de se categorizar a juventude, leva em consideração a situação plural em que os jovens vivem, Dayrell (2016) propõe que as condições sociais diferentes, a

diversidade de gênero, territórios e cultural devem se articular para tentar explicar a juventude. Dayrell critica a ideia de que o jovem é um ser transitório, um pré-adulto, ou um ser livre, que não leva os assuntos a sério e também a ideia de rebeldia muito influenciada pelos estudos psicanalíticos de Freud. Para se distanciar desses estigmas, Dayrell (2003) constrói a ideia de cultura juvenil, assim a ideia de juventude deve ser vista como algo polissêmico e que só pode ser interpretado junto a um estudo da realidade do tempo e espaço em que o jovem está inserido.

No segmento do Ensino Médio, o local onde essa juventude inicia sua vida pública deveria ser o local para uma formação democrática e para o exercício da sua cidadania que passa pela dimensão da participação, com os colegas e com a escola. Essa relação deve ser explorada nas escolas, pois essa educação participativa permite o aprendizado da alteridade, ensinando o jovem estudante a respeitar, perceber e reconhecer o outro e suas diferenças. A participação do estudante pode ser entendida como um processo educativo que potencializa os processos de aprendizagem no interior da escola (DAYRELL, CARRANO e MAIA, 2014).

A escola deve possibilitar o aumento das capacidades de selecionar conteúdos significativos frente ao mundo de informações das redes sociais e referências contraditórias que povoam cotidianos como as fakes news. Essas tarefas mediadoras possuem um significado maior do que apenas o ensino da lista de conteúdos tradicionais que tendem a organizar currículos hoje. Dayrell (2007), em seu trabalho, afirma que atualmente ainda há a crença de que a escola é quem “faz” a juventude pela sociedade, apesar de o autor reforçar que ela também é produzida em outros lugares.

Por fim, é necessário adotar uma postura de escuta, os jovens devem ter a palavra, só entendendo a relação dele com a escola será possível criar um aprendizado significativo. É parte dessa juventude que chega, a cada ano que passa, ao ensino médio, trazendo para o seu interior os conflitos e contradições de uma estrutura social que exclui e que interfere em suas trajetórias escolares e impõem novos desafios à escola (FANFANI, 2000; SPOSITO, 2005).

Analisar estudantes que são jovens, nesse caso os estudantes de ensino médio, adquire uma importância dada pela centralidade, e de alguma forma problemática, que este construto social tem ocupado em redefinições da pesquisa sociológica e também da política educacional brasileira (DAYRELL, 2003; LEÃO, 2006). Por se tratar de um construto social, a juventude é indeterminado, (MEAD, 1968) ou seja, não é uma posição homogênea ou única, é na realidade múltiplos e multifacetados elementos que estão imbricados no conceito, por essa razão o termo correto talvez seja Juventudes (PAIS, 1996).

É importante compreender que as representações acerca das juventudes devem ser feitas como construções sociais, por essa razão, não são características intrínsecas e comuns a todos os jovens. Na realidade são discursos com os quais os jovens são continuamente confrontados e a partir do confronto produzem respostas flutuantes, cambiantes e originais que estão relacionadas ao seu cotidiano (GOLBSPAN, 2020). Por essa razão é preciso compreender que jovem é este a se estudado, o jovem pertencente a classe média.

A partir do apresentado, é possível concluir que o campo das juventudes é extremamente frutífero, sendo assim essa pesquisa buscou debruçar sobre a ótica do jovem estudante, em especial de escolas particulares, para analisar não só o fenômeno das videoaulas, mas também como esses alunos veem o segmento de Ensino Médio, a partir da fala destes é possível analisar e propor passos futuros.

3.5

A escola de classe média

O campo escolhido para buscar respostas trata-se de uma rede de escolas de alto rendimento no ENEM, com os valores de mensalidade é possível apontar para o fato que a maioria dos estudantes pertencem a classe média, por essa razão torna-se importante compreender melhor o que seria essa categoria de escolas e também quais são as características dessa classe que as acessam.

Poucos estudos existem neste campo, esta ausência reforça a necessidade de incorporar o olhar relacionada escola de classe média brasileira, cuja análise não alcança patamares suficientes de pesquisa, apesar de sua posição central para a legitimação e reprodução da desigualdade social (Nogueira, 2013).

Krawczyk (2011) debate como a crise de identidade no Ensino Médio, já falada, e reforça a ideia de que a caracterização da juventude como preparação para o futuro e como etapa de transição reforça essas desigualdades. A histórica divisão nesse segmento entre o ensino propedêutico para os herdeiros das classes dirigentes e deixam o ensino profissional para aqueles herdeiros da classe trabalhadora (MOEHLECKE, 2012; CIAVATTA; RAMOS, 2011).

A própria Constituição assim como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) atual apresenta um Ensino Médio inconsistente, principalmente no que se refere ao objetivo do mesmo, podendo servir de trampolim para uma universidade no caso das classes dominantes e uma formação profissional no caso das classes menos favorecidas (KRAWCZYK, 2011). E onde se insere o novo Ensino Médio nesse panorama? E a escola de classe média?

A classe média é uma categoria notoriamente vaga (PAKULSKI; WATERS, 1996), isso reforça a necessidade de estudá-la, além do fato de desigualdades de classe terem aumentado ao longo dos anos (OXFAM, 2020). Bourdieu (2013) afirma que as classes médias são diferentes em relação a visão da escola, as elites não necessitam de credenciais educacionais para uma mobilidade social, sua própria posição de privilégio já garante uma estabilidade, na outra ponta dos estratos, encontra-se uma classe popular que é culpada pelo fracasso escolar legitimando a desigualdade social. As classes médias, por outro lado, em virtude da sua situação intermediária, são caracterizadas pelas possibilidades de ascensão ou declínio social em razão da educação, o que intensifica a competição nesse estrato (BALL, 2003; VAN ZANTEN, 2007). Isso pode explicar a existência de escola como a estudada que tem como intenção a preparação para o vestibular.

Esse ambiente de incertezas acaba levando as classes médias a aproveitar os recursos que possuem, sejam culturais ou econômicos, na escolaridade de seus filhos, como afirma Nogueira (2013). Golbspan (2020) classifica as classes médias como aquelas que precisam em contraposição as elites e aquelas que podem ao contrabalancear com as classes populares. Não se deve também encaixar essas classes e seus membros como os jovens estudantes como dóceis membros de uma classe manipulada pelas elites ou como apenas covardes perante à classe trabalhadora, mesmo que esse comportamento aconteça em outros espaços, a escola mostra uma classe média diferente (SOUZA, 2018).

Caracterizar as classes médias é uma tarefa difícil devido à sua heterogeneidade. Wright (1985) divide essas classes em uma fração que pertence a classe de trabalhadores e trabalhadores qualificados que possuem credenciais distintivas, mas não apresentam direitos no modo de produção, a outra fração seria de supervisores e supervisoras que passam a ter um critério de autoridade, essa caracterização define a elite como burguesa.

Bourdieu (2014) por outro lado classifica as classes médias como a pequena burguesia e a separa em três frações: A pequena burguesia em declínio que seria composta por pequenos comerciantes e proprietários de um maior capital cultural do que econômico; a pequena burguesia em

execução a qual se inserem os funcionários de cargos administrativos e técnicos que também apresentam maior capital cultural do que econômico; e a nova burguesia composta por trabalhadores de ocupações não-tradicionais como moda e propaganda, que apresentam uma acumulação de capitais.

Nogueira (1997) aponta em seus estudos, de forma entrelaçada aos estudos de Bourdieu, que a pequena burguesia apresentava três dinâmicas: uma austeridade perante a posição de incertezas acerca da mobilidade social, o que faz pertencentes a classe abdicarem de certas atividades prazerosas em detrimento de estratégias de acumulação de capitais, um exemplo seria o investimento em educação; a segunda é classificada como malthusianismo, que seria o controle no número de filhos vide a limitação de capital econômico; a última seria a boa vontade cultural, que seria a busca através de seus meios de um acesso a cultura consagrada (passada de berço nas elites e artificial nas camadas populares), priorizando assim clássicos literários e documentários científicos, na tentativa de aproximar-se da “cultura legítima”.

Mais especificamente as escolas estudadas, muitas vezes caracterizadas como escolas-curso, estão fortemente atreladas culturalmente ao vestibular. Esses colégios atuam no mercado como instrumentos que viabilizam o ingresso em cursos de ensino superior de elevada concorrência como Medicina, Engenharia e Direito (VALLE; BARRICHELO; TOMASI, 2010),

Mas quem são esses alunos? A pesquisadora no campo da educação Beatrice Carnielli (2005) estudou dados referentes aos ingressantes nos cursos de Medicina, Direito e Engenharia na Universidade de Brasília (UnB), os dados usados eram do primeiro semestre de 2001. O resultado a ser destacado foi a observação de uma parcela de 94,4% dos candidatos aprovados em Medicina, cursou pré-vestibular. Isso pode mostrar o impacto desse modelo de escola na aprovação para o vestibular, o que pode justificar a escolha dos responsáveis por colégios deste tipo.

Devemos pontuar que esse fenômeno de escolas em rede é recente e segundo Koike (2017), o principal motivo é financeiro, o autor afirma que a educação básica é considerada a bola da vez para as empresas do setor educacional, que estão mais interessadas neste mercado que movimenta R\$ 67 bilhões por ano.

Desde 2011, já haviam sido vendidos o pH, o Pensi e o Elite, todos cursos-colégios famosos do Rio de Janeiro pertencentes à rede privada. O professor Escosteguy Filho (2018) afirma que não se trata apenas de negócios, mas sim de uma face do imperialismo na educação, que vem criando

gigantes como o Kroton, maior grupo educacional do mundo. Por essa razão, é necessário conhecer mais como os alunos desta escola pensam acerca do segmento do ensino médio.

A SEB, outra grande empresa que consiste em um conglomerado de escolas brasileiras, pode ser considerada um monopólio do mercado brasileiro de educação privada. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), possuem em torno de 6.9 mil instituições por clientela (ATTUCH, 2009). Com este panorama da entrada de grandes capitais na educação básica brasileira, é importante estudarmos mais quais são os impactos na estrutura escolar e também na forma em que a aprendizagem é realizada, assunto a ser tratado no próximo capítulo.

3.6

Como a aprendizagem dos jovens estudantes se relaciona com as videoaulas?

As videoaulas, mediadas pelo professor, podem vir a ser um recurso de ensino eficaz no sentido da facilitação de aprendizagens significativas, seja em aulas remotas ou presenciais. Porém é necessário que o conteúdo a ser ensinado tenha relações com os conhecimentos já existentes na estrutura cognitiva do estudante (CARAMANO, 2017). Esse conceito de aprendizagem significativa se encontra na teoria de David Ausubel, que por sua vez, considera que o fator que mais influente na aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe, a partir dele é possível criar relações com o novo conteúdo (MOREIRA, 2017).

Ausubel, Novak e Hanesian (1980, p. 133) em seu texto afirma que: “a aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação é adquirida através do esforço deliberado por parte do aluno de relacionar a nova informação com os conceitos ou proposições relevantes preexistentes na estrutura cognitiva” e por fim completa: “à medida que a aprendizagem significativa ocorre, conceitos são desenvolvidos, elaborados e diferenciados em decorrência de sucessivas interações”.

A nova Base Nacional Comum Curricular – BNCC - (BRASIL, 2017, p. 16) traz um trecho relevante ao tema: "contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos". Essa habilidade pode se relacionar com as videoaulas que são estratégias que podem ser usadas para "assegurar as aprendizagens essenciais" na Educação Básica. Machado (2012), em seu texto,

relaciona a problemática associada ao ensino das ciências, com a dificuldade que os jovens estudantes têm em dar significado ao conteúdo que eles estão aprendendo. O autor comenta a que isso pode estar relacionado à ausência de conhecimentos prévios presentes na sua estrutura cognitiva. As videoaulas como citado anteriormente podem ser usadas como disparadores de conhecimento, podendo ser excelentes recursos na apresentação de determinados conteúdos.

Há um debate em relação às videoaulas, em especial no seu uso. A literatura reforça que o professor é o mediador entre a proposta de ensino escolar e o que os alunos esperam, desejam ou realizam. Mesmo que um aluno nem precise mais ir à escola para conseguir uma informação, uma vez que está em uma mídia portátil, como o YouTube, o estudante irá recorrer ao professor para interpretá-la, relacioná-la, hierarquizá-la e acima de tudo contextualizá-la (MORAN, 2007).

Os jovens estudantes da escola no século XXI estão envolvidos em uma sociedade cercada por imagens e representações da nossa realidade, por essa razão o audiovisual como o cinema e os vídeos aparecem como forma de conhecimento imagético e por isso tem se mostrado muito significativo para eles, já que permite que compreendam os conteúdos de uma forma sensível e não apenas na ótica de argumentações da razão que o professor do ensino tradicional apresenta (ARROIO; DINIZ; GIORDAN, 2005).

O processo de ensino-aprendizagem vem sofrendo modificações constantes no decorrer dos últimos anos. As metodologias de ensino tradicionais estão dando espaço para novas ferramentas didáticas, que tentam proporcionar aos alunos, novos caminhos que permitam a facilitação sua aprendizagem (LOPES, 2022). Para promover aprendizagens significativas é necessário que o conteúdo a ser ensinado e suas abordagens presentes na videoaula sejam um instrumento de leitura da realidade e facilitem a aquisição de uma visão crítica da mesma (CHASSOT, 2018). Logo as videoaulas contextualizadas ao ambiente dos jovens estudantes podem servir como bons recursos para a aprendizagem.

A tecnologia, incluindo a própria videoaula não deve ser utilizada como único meio para ensinar e aprender, ela deve servir como um catalisador significativo para a mudança além de poder servir como uma ferramenta para apoiar alunos e professores, representando assim um processo interativo (LEITE, 2015).

Os dados pesquisados de Lopes (2022), obtidos por meio das aulas de química da segunda série do ensino médio de uma escola da rede estadual na cidade de Itajá/RN, mostraram que o uso de vídeos facilitou a interação entre professor e aluno, além de permitir ao professor, dinamizar as aulas. O

aprendizado é facilitado quando o aluno é exposto a diferentes formas de percepção. Algumas das respostas obtidas pela pesquisa foram: “O uso de vídeos melhora, porque além da explicação podemos ver a prática como está sendo feito o experimento”; “O uso de vídeos deixa as aulas legais e divertidas.”

A videoaula como recurso de ensino é capaz de integrar múltiplas mídias e linguagens, havendo uma superposição de códigos e significações predominantemente audiovisuais, que estão ancoradas no discurso narrado e escrito (ALMEIDA, 2003; PEREIRA, SCHMITT & DIAS, 2007). Porém cabe ao professor a tarefa de organizar um planejamento criterioso que aponte as ocasiões adequadas para seu uso. É necessário que a videoaula seja um instrumento mediador da aprendizagem em uma sequência de apresentação de conteúdo que se relacione com as necessidades didático-pedagógicas de seus alunos (WOJCIECHOWSKI & VOSGERAU, 2010).

Metodologia, campo e sujeitos de pesquisa

Para investigar as questões propostas e dialogar com as referências teóricas elencadas, foram produzidos dados junto a estudantes de ensino médio em uma rede de escolas privadas buscando a visão do aluno acerca do fenômeno de crescimento das videoaulas. A fim de cumprir com os objetivos da pesquisa, a investigação foi composta por dois procedimentos, a saber: (i) questionários aplicados para estudantes de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio de escolas privadas de alto rendimento no ENEM na Zona Sul e na Zona Oeste do Rio de Janeiro; (ii) roda de conversa com um grupo desses estudantes.

4.1. Escolha das escolas

Para analisar as preferências por parte dos estudantes de ensino médio, a escolha foi determinada baseada na escolha da instituição a ser estudada, uma rede de escolas popular no Rio de Janeiro com foco no vestibular do estilo escola-curso; Foram escolhidas unidades presentes na Zona Sul e oeste da cidade do Rio de Janeiro, regiões com bairros nobres, uma vez que o perfil a ser estudado é o jovem estudante de classe média.

As escolas podem ser categorizada como escolas de alto rendimento no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e essa classificação é dada por constantes médias altas e por se classificar como uma rede de escolas com a pior média no município do Rio de Janeiro. Essa classificação é relevante para a pesquisa, uma vez que, a escola tem como o foco o vestibular e as videoaulas, objeto de estudo, tem seu grande foco na aprovação para universidades públicas e privadas.

4.2. Escolha dos sujeitos

Os jovens-estudantes participantes das pesquisas pertencem às três séries de Ensino Médio (primeiro e segundo e terceiro). A escolha pelo segmento do Ensino Médio foi devido a alta procura por parte desses alunos por videoaulas, uma vez que muitas deles tem como direcionamento o vestibular, prova que é o clímax desse segmento em escolas particulares de elite, locais onde a universidade é o ponto de chegada do segmento.

4.3. Questionário

Os questionários são considerados ferramentas de pesquisas sociais que permitem trabalhar com um maior número de atores e analisar de forma quantitativa. (MESQUITA, 2016). Goldenberg (1998) apresentou algumas vantagens do questionário como: a aplicação poder ser feita a um grande número de pessoas ao mesmo tempo, o que leva a dados mais confiáveis; as frases padronizadas garantem uma maior uniformidade para mensurar os dados obtidos; e os pesquisados passam a ter liberdade para expressar opiniões que temem ser desaprovadas, uma vez que são anônimos.

O objetivo do uso do questionário foi analisar três eixos principais: o primeiro trazia perguntas a fim de identificar o jovem estudante, como sua série, gênero, trajetória escolar e curso superior de desejo; o segundo trazia questões acerca das videoaulas, o jovem estudante deveria afimar se usava videoaulas, a frequência de uso, preferências por canais, estilos de professores e até a motivação no uso do recurso; por fim o terceiro e último eixo questionava o participante sobre suas visões em relação ao segmento do Ensino Médio, qual seria o sentido deste e quais são os elementos que faltam em sua opinião. O questionário possuía 23 perguntas no total e as perguntas podem ser encontradas em anexo a esse documento, bem como os termos de consentimento. Os participantes responderam o questionário de forma virtual através da plataforma Google Forms.

Após perguntas introdutórias para definir o perfil do estudante participantes, no segundo eixo, são perguntados se já assistiram ou não videoaulas, e quais são os tipos de videoaulas que mais os agradam. Foram escolhidas sete opções baseadas na literatura e na experiência do pesquisador com alunos de ensino médio como professor de uma escola de alto rendimento no ENEM, as opções foram: Com animações (EX: TED-Ed; Aula expositiva; Mapa mental; Montagem de quadro (EX: Khan Academy); Aula com linguagem clara; Aula com analogias ao cotidiano (EX: Nerdologia); Aula de revisão ou síntese de conteúdo.

As opções dadas foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de opções na plataforma YouTube, a escolha por animações se faz necessária com o crescimento de popularidade do canal TED-Ed e Kurzgesagt, exemplos de canais educacionais que trazem animações como diferenciais. Por outro lado ainda é evidente que a maioria das videoaulas disponíveis, são aulas expositivas e por essa razão foi uma das opções também.

A alternativa Mapa Mental foi pensada baseada na prática de vídeos de construção de mapas mentais para revisão de determinados conteúdos, em especial pode-se destacar o canal Descomplica, que possui uma série de vídeos deste modelo. A opção de Montagem de quadro faz uma direta referência a um dos primeiros canais que disponibilizaram aulas em formato de vídeo, o canal Khan Academy, que começou com aulas escritas em uma tela digital simulando um quadro negro.

Por fim, a alternativa Aula com linguagem clara, fazem referência a videoaulas que possuem um formato simples e de fácil aprendizado, já a Aula com analogias, faz uma referência a vídeos como do canal Nerdologia que relacionam o conteúdo de história e ciência com a cultura popular. A aula de revisão ou síntese de conteúdo fechava as opções referenciando os vídeos curtos de um tópico único de uma disciplina que visava revisar um determinado conteúdo.

Em sequência os estudantes foram questionados sobre a plataforma de preferência em que assistem videoaulas, bem como os canais de preferência, a frequência de visualização (se mudou na pandemia), o local onde veem esses vídeos e a motivação para assistir esses recursos. Para essas questões foi escolhido que o estudante marcaria apenas uma opção, não optando pela escala Likert devido a especificidade das videoaulas, e para garantir uma maior precisão. Como exemplo na pergunta em relação a frequência das videoaulas, para evitar confusões acerca do quão frequente seria muito, foram dadas as opções: Menos de 1 vez na semana; 1 vez na semana; 2 vezes por semana; Mais de duas vezes por semana; Todos os dias.

Ainda no segundo trecho eles são perguntados como as videoaulas se relacionam com a sua aprendizagem. Nesta pergunta foram pré-selecionadas sete frases das quais o aluno deveria escolher aquela com a qual mais se identifica. As opções eram: Eu aprendo mais os conteúdos escolares com videoaulas; Eu preciso interagir com o professor para aprender; Eu prefiro videoaulas do que aulas presenciais para aprender conteúdos; Minha aprendizagem depende do estilo do professor no presencial; Eu aprendo mais unindo aulas presencial com videoaulas; As videoaulas não me motivam para aprender; As videoaulas me ajudam a memorizar melhor os conteúdos.

Para fechar o segundo trecho, os estudantes foram questionados sobre o que faz uma videoaula (e uma aula presencial) ser boa, podendo inserir até três palavras diferentes que seriam usadas para a montagem de uma nuvem de palavras. Foi escolhido deixar essa pergunta aberta para entender melhor quais seriam os primeiros adjetivos que estes alunos pensariam ao classificar uma aula e videoaula como boas.

O terceiro e último eixo traz questionamentos sobre o ensino médio, primeiro perguntamos: Você acredita que a escola é um local importante para: e como opções eles poderiam marcar quantas desejassem entre as opções: Socialização; Formação humana; Desenvolver pensamento crítico, Aprender conteúdos para a vida; Criar base conceitual para a universidade. A escolha por uma questão onde podiam marcar mais de uma opção foi devido a busca pelo maior número de visões destes estudantes acerca da escola, não limitando apenas aquele sentido que estes estudantes veem como principal. E por fim, para fechar o questionário, foram feitas duas questões abertas, primeiro perguntando quais temas faltam no atual ensino médio e segundo qual o sentido que eles dão à escola de ensino médio. Nessas

Para a busca de estudantes para responder o questionário o pesquisador se direcionou as unidades escolares selecionadas da rede (Barra da Tijuca, Botafogo, Freguesia e Recreio dos Bandeirantes), para cativar os alunos e ter uma maior participação o pesquisador entrou nas salas de aulas de todas as turmas de ensino médio, contou um pouco da trajetória de pesquisa, os objetivos e depois forneceu o link que direcionava os estudantes ao formulário contendo as perguntas de pesquisa.

Nas unidades Barra de Tijuca e Freguesia foram obtidas mais respostas devido ao apoio importantíssimo da coordenação pedagógica que reforçou o pedido para a resposta da pesquisa e abrindo espaço para que os alunos respondessem no momento de aula. Para a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis, foi enviada uma circular ao responsável financeiro e pedagógico dos jovens estudantes para que um deles desse a permissão para a participação na pesquisa, já o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), destinado aos estudantes, foi compartilhado junto ao formulário com os questionamentos. Foram obtidas mais 200 respostas no total mas apenas 122 respostas foram analisadas devido a falta de recebimento de TCLE assinado pelos demais responsáveis. Os resultados do questionário foram analisados com o uso da plataforma Microsoft Excel, usada para o cruzamento de dados obtidos e o desenvolvimento de gráficos apresentados no trabalho.

Os jovens estudantes que responderam a pesquisa encontram-se nas três séries do ensino médio, sendo 22% da primeira série, 17,5% da segunda série e 60,5% da terceira série. Em relação ao gênero, 44% destes se identificaram com o gênero masculino, 53% com o gênero feminino e 3% preferiram não dizer ou afirmaram não se identificar com nenhum destes. Ao serem perguntados sobre o passado escolar, 25,5% afirmaram ter estudado na atual escola durante toda sua vida escolar, 65,5% afirmou ter feito parte do ensino fundamental na atual escola e outra parte em outra instituição particular, e 9% afirmou ter feito o ensino fundamental em uma escola pública. Os alunos respondentes pertenciam todos a escolas da mesma instituição, uma rede notória por aprovações para o vestibular, foram obtidas respostas de estudantes de 4 unidades distribuídas pelos bairros da Barra da Tijuca, Botafogo, Freguesia e Recreio dos Bandeirantes.

4.4. Roda de conversa

A fim de responder quais seriam os sentidos para a escola por estudantes desses colégios, foi feita uma roda de conversa como instrumento metodológico com um grupo de 12 alunos do terceiro ano do ensino médio, para que eles pudessem expressar seus sentimentos quanto a essa etapa escolar, e quais são suas visões acerca do ensino médio.

Foram buscadas respostas quanto a motivação para o estudo e também quais são os sentidos para a escola de um modo geral e específico para esse segmento. A roda teve um roteiro pré-estruturado, mas seguiu de acordo com a participação dos alunos, sendo flexível. Os estudantes participantes foram aqueles que demonstrarem interesse no formulário, deixando seus e-mails para contato.

A escolha por este instrumento foi a liberdade na condução da conversa e a idade dos jovens participantes, para que pudessem falar livremente sem uma estrutura muito fixa. Esse instrumento metodológico foi referenciado por Pinheiro (2020) como uma metodologia que dá ênfase no protagonismo dos integrantes das rodas, e visa uma partilha de saberes e reflexividade sobre experiências individuais ou coletivas, o que era o objetivo da roda, além disso o autor destaca uso crescente das rodas de conversa entre práticas educativas e de pesquisa.

A busca por alunos foi iniciada com uma questão final no questionário, porém com insucesso na captação dos jovens estudantes para a participação na roda de conversa. Com isso, foi mais uma

vezes decisiva a participação da coordenação pedagógica da unidade Barra da Tijuca, que concordou em auxiliar na captação de estudantes e no fornecimento de um espaço para a realização da roda de conversa.

O grupo de alunos participantes, todos da unidade Barra da Tijuca, encontravam-se em 2022 no 3º ano do ensino médio, sendo assim, iniciaram o ensino médio em 2020, exatamente no início da pandemia, onde eles obtiveram 1 mês de aulas presencial, em fevereiro, seguido do início de aulas remotas de março de 2020 até outubro de 2020. A partir de novembro de 2020 os estudantes passaram ao modelo híbrido em que poderiam assistir aulas de forma presencial ou remoto, depois ao longo dos meses, pouco a pouco os estudantes passaram a frequentar de forma definitiva as aulas presencialmente. Os estudantes participantes pertencem as classes A e B com renda familiar superior a R\$ 7 mil reais.

A roda de conversa aconteceu na própria escola onde os alunos estudam, os alunos foram informados que a conversa seria gravada e foram explicados sobre os objetivos da pesquisa. A roda durou pouco mais de duas horas (2 horas e 8 minutos) e os alunos foram convidados a falar no momento que se sentissem confortáveis, não havendo limitações acerca das expressões. A roda foi estruturada em quatro eixos contendo 3 perguntas em cada um deles, os eixos escolhidos foram: Realidade do Ensino Médio; Expectativas para o futuro após a conclusão desse segmento; Juventude e seus anseios; Videoaulas.

4.5. Aspectos éticos

Esta pesquisa está fundamentada na Resolução no 510, de 07 de abril de 2016, que rege normas reguladoras de pesquisas envolvendo seres humanos no país. O pesquisador executante deste estudo é autor desta dissertação e responsável pela coleta de dados. Todos os informes acerca do uso dos dados dessa pesquisa, constam no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) apresentado aos participantes antes que as metodologias sejam aplicadas. As escolas as quais foram contempladas pela pesquisa receberam um pedido formal informando o desejo do estudo bem como os riscos e benefícios do mesmo, incluindo um TCLE a ser respondido pelo gestor da instituição. Após essa etapa foram contatados os responsáveis dos jovens estudantes e depois os próprios alunos.

A autorização para realização da pesquisa nas escolas selecionadas foi solicitada mediante apresentação do parecer da Câmara de ética com aprovação para realização da pesquisa como exige as normas das instituições e como é realizado em projetos de pesquisa anteriores no Departamento de Educação que necessitam de autorização de escolas.

Aqueles que concordaram em participar da pesquisa através do questionário puderam assinalar a opção “Fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa e concordo voluntariamente em participar, sabendo que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos”. No caso de discordância, os jovens-estudantes teriam a opção de assinalar “Não concordo em participar do estudo”.

No Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os participantes e seus responsáveis foram informados sobre o objetivo — Entender como as videoaulas estão sendo utilizadas e quais são as preferências no uso desse recurso — e sobre a justificativa da pesquisa, que consiste na necessidade de compreender como as videoaulas que cresceram nos últimos anos deveriam se inserir no meio educacional para assegurar um aprendizado significativo. Além disso, de acordo com o TALE e o TCLE, o participante que decidiu participar do processo teria liberdade para desistir a qualquer momento, sem dar justificativas, não havendo qualquer punição ou prejuízo. Também foram informados os possíveis riscos e benefícios da pesquisa.

A pesquisa apresenta benefícios indiretos, uma vez que através de seu conhecimento procedente será possível ampliar para área da educação, as reflexões sobre as lógicas atuais que envolvem a temática das videoaulas. Para tanto, os resultados ficarão disponíveis para consulta no acervo de pesquisas do Programa de Pós-Graduação, no Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

A participação no estudo será mantida em sigilo e o anonimato será garantido, de modo que os participantes não precisarão se identificar em momento algum e, caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer informações pessoais ou profissionais que possam vir a identificá-los. As informações coletadas estão mantidas em lugar seguro e apenas as pessoas envolvidas diretamente com o estudo poderão ter acesso ao material. Os dados estão armazenados digitalmente em um banco de dados seguro. Destaca-se, ainda, que não houve nenhum tipo de custo ou despesa para os participantes do estudo, assim como não houve incentivo ou recompensa financeira. Vale ressaltar que esta pesquisa é financiada

pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pela agência de fomento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela agência Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ressalta-se que a pesquisa de campo somente foi iniciada após as autorizações das escolas selecionadas como campo empírico.

Resultados e discussões

A partir dos dados coletados no questionário enviado aos jovens estudantes e na roda de conversa foi possível descobrir importantes dados acerca da visualização das videoaulas e da visão deles do segmento em que estão inseridos, o ensino médio. Os dados coletados foram organizados em dois blocos separando os dois principais temas presentes no questionário: primeiro será feito um detalhamento do resultado obtido a partir das questões sobre o uso e preferência sobre as videoaulas; após esse trecho será descrito e discutido os resultados obtidos acerca do segmento do Ensino Médio e quais são os desejos e anseios desta etapa. Por fim, será detalhado em um terceiro bloco final os resultados obtidos na roda de conversa e como esses dados respondem a certos questionamentos da pesquisa que surgiram após a aplicação do questionário.

5.1

Videoaulas: Como estão sendo usadas?

5.1.1 Preferências no uso das videoaulas

As videoaulas como citadas na introdução são recursos audiovisuais que tem crescido em visualização desde o início do século XXI. Ao serem questionados sobre o uso de videoaula 97,5% dos alunos que responderam o questionário afirmaram que usam videoaulas na sua rotina de estudo, um número extremamente alto, considerando o volume de respostas. Para ser colocado em perspectiva, no trabalho de Gomes (2021) realizado uma escola pública estadual do município de Teixeira de Freitas na Bahia, o total de respondentes que afirmou visualizar videoaulas foi de aproximadamente 84,5% dos jovens estudantes respondentes.

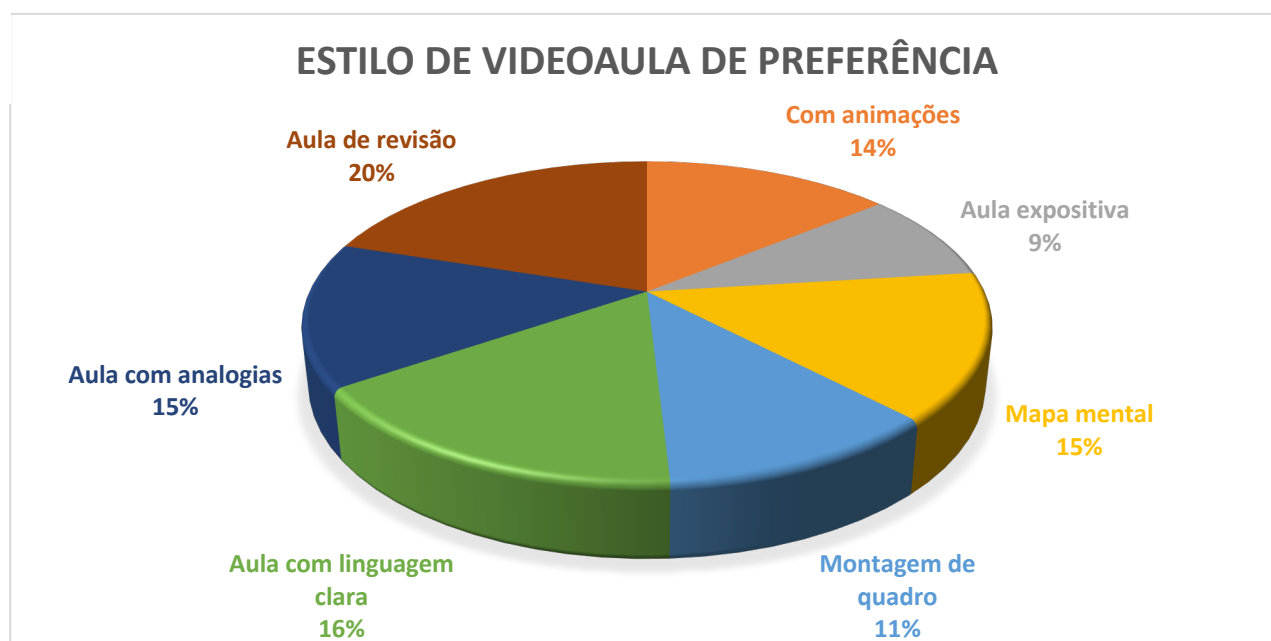
Ao analisar jovens ingressantes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) oriundos do vestibular 2018, Nunes e Eichler (2018) obtiveram a resposta de que 93% dos estudantes utilizaram videoaulas durante seus estudos para o vestibular. Esses dados mostram que

mesmo jovens de reigões muito distintas possuem uma alta demanda por este recurso. Mas como será que os jovens desta pesquisa utilizam as videoaulas?

A partir desse dado, foram questionados também sobre a preferência em relação a estilos de videoaulas, o resultado obtido mostrou que não há um estilo específico que os alunos preferem, a escolha pelas opções foi discutida na metodologia. Vale a pena destacar como visto no Gráfico 3, que o estilo intitulado “aula de revisão” tem uma leve tendência de preferência, isso se confirma em dados a serem apresentados mais tarde no texto em relação a procura por essas videoaulas, muitos afirmaram usar desses recursos para revisões antes de avaliações na escola.

O estilo com uma tendência mais baixo de escolha foi aula expositiva, esse resultado pode estar associado ao fato de os alunos já terem acesso a esse modelo constantemente nas aulas presenciais, sendo assim esse modelo de videoaula muitas vezes não traz novidades interessantes aos jovens estudantes. Dayrell e Carrano (2014 p.106) explicam que: “é uma tendência de a escola não considerar o jovem como interlocutor válido na hora da tomada de decisões importantes para a instituição. Muitas vezes, ele não é chamado para emitir opiniões e interferir até mesmo nas questões que dizem respeito a ele, diretamente”. A aula expositiva por vezes tira o protagonismo do aluno e na modalidade virtual isso é ainda mais evidente, isso pode justificar a baixa procura por videoaulas deste estilo.

Gráfico 3 – Estilo de videoaula de preferência



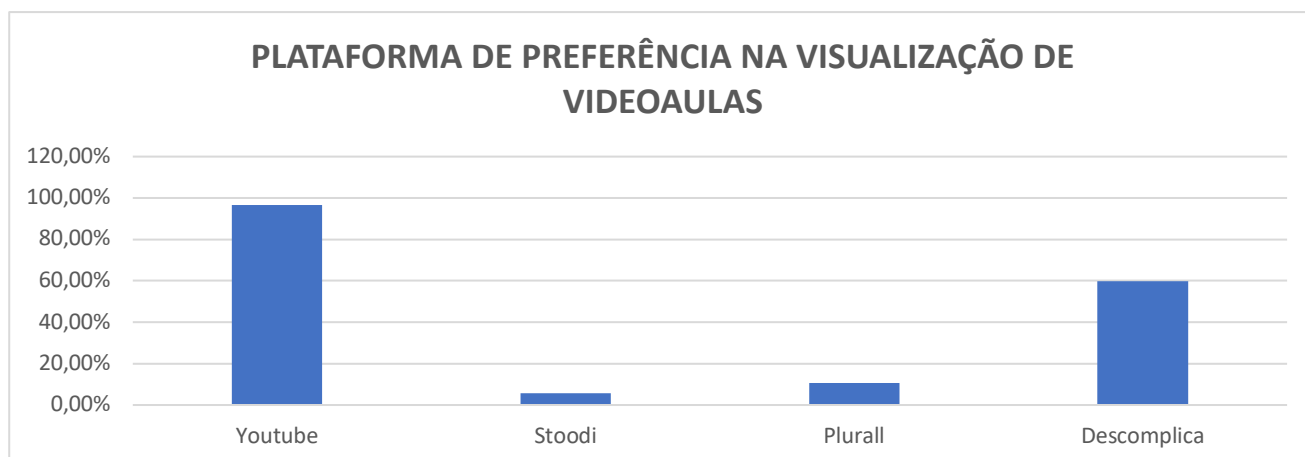
Os outros estilos que aparecem como possibilidades podem agradar diferentes jovens de acordo com a sua metodologia de estudo, videoaulas de mapas mentais e quadros podem auxiliar aos jovens que preferem visualizar o conteúdo e não apenas escutá-lo. Já a preferência por animações pode se relacionar com a imaginação do estudante, permitindo-o alcançar novos conhecimentos.

O estilo de aula com analogias pode ser bem exemplificado pelo canal Nerdologia do biólogo Átila Iamarino, que contextualiza o conteúdo com exemplos práticos e faz analogias com outros campos da ciência. A escolha por este estilo pode estar relacionada à preferência pela vivência do conteúdo, como na teoria de David Ausubel, sobre aprendizagem significativa que aponta como fator que mais influente na aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe, a partir dele é possível criar relações com o novo conteúdo (MOREIRA, 2017).

Por fim houve uma porcentagem (16%) que assinalou a opção “Aula com linguagem clara” que depois na roda de conversa foi explicada por dois estudantes como aulas em que é possível compreender o conteúdo de forma simplificada através da qualidade na oratória do professor.

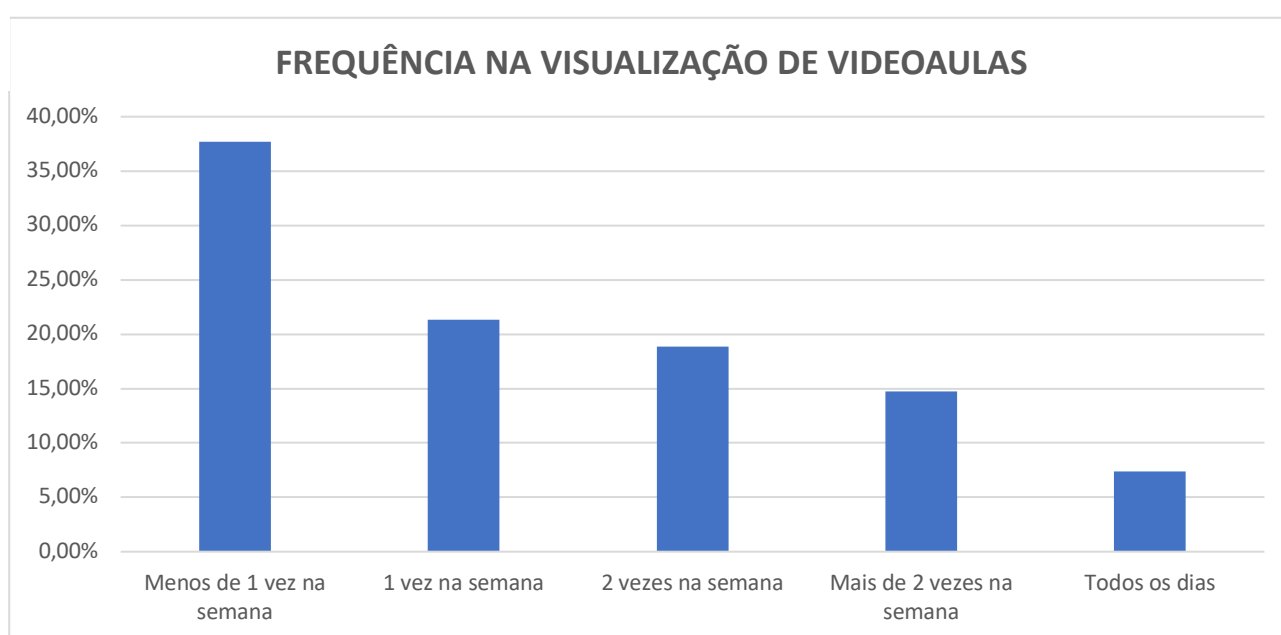
Ao questionar os participantes qual seria a plataforma de visualização de preferência dos estudantes (resultados no Gráfico 4), o YouTube se destacou com o maior número de votos (118 de 122 respostas), tendo a plataforma Descomplica seguida dela com 73 respostas positivas. Um fator importante é que o YouTube possui em sua plataforma educacional ausência de custo para o consumo, já o Descomplica apresenta alguns vídeos gratuitos e outros pagos em um sistema de assinatura. Esse assunto foi comentado durante a base teórica, a ascensão do YouTube como plataforma de visualização de vídeos e posteriormente videoaulas, em especial com o surgimento da plataforma YouTube Edu. Com a ampliação da disponibilidade de vídeos educativos e em especial de videoaulas, os jovens podem ter aumentado sua procura, quanto maior a disponibilidade maior será a chance de encontrar uma que agrade e que seja de qualidade.

Gráfico 4 – Plataforma de preferência na visualização de videoaulas



A partir do questionamento no questionário coletado acerca da frequência com que esses jovens estudantes visualizavam esses recursos em suas rotinas de estudo. O resultado obtido mostrou que maioria dos jovens estudantes não vê videoaulas com frequência (próximo a 60%), respondendo que usam desta modalidade apenas 1 vez na semana ou menos como observado no Gráfico 5. Por outro lado, aproximadamente 41% dos estudantes procuravam videoaulas duas ou mais vezes na semana, indicando uma rotina na utilização deste recurso. De forma comparativa em seu estudo com jovens ingressantes na UFRGS, Nunes e Eichler (2018) encontraram que 55,26% afirmaram ver videoaulas “frequentemente” ou “muito frequentemente”, enquanto 37,72% afirmaram ver “ocasionalmente” ou “raramente”.

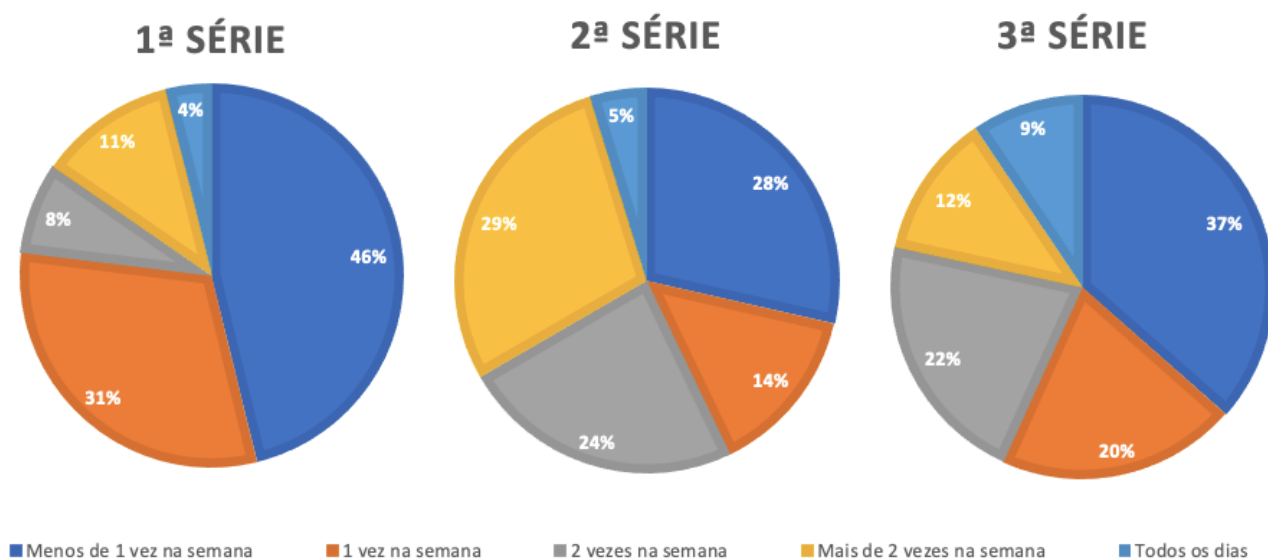
Gráfico 5 – Frequência na visualização de videoaulas



Outros estudos tiveram respostas similares, Medina, Braga e Rego (2015) em uma investigação com alunos do terceiro ano do ensino médio sobre o uso de videoaulas com o foco em Ciências da Natureza (Química, Física e Biologia) obtiveram que 52,9% utilizaram esse recurso “Sempre ou Muitas vezes”. E Borges (2021) também obteve um resultado parecido com 51,6% dos respondentes afirmando ver videoaulas “muitas vezes” ou “sempre”.

Ao analisar as respostas dos estudantes de acordo com a série do ensino médio que estão cursando foi possível observar algumas diferenças relevantes, um exemplo é a frequência com a qual os alunos visualizam videoaulas. A partir do Gráfico 6, podemos observar que os alunos da 1ª série têm uma frequência reduzida na utilização deste recurso em seus estudos, 77% afirmaram visualizar apenas 1 vez na semana ou menos. Esse dado se mostra bem diferente se comparado a 2ª e 3ª séries que tiveram como resultado 42% e 57% respectivamente. Isso já era esperado uma vez que muitos referenciaram que a principal razão para assistir videoaulas era a preparação para o vestibular, dada a distância temporal para essas provas, justifica-se uma menor frequência por parte dos alunos de 1ª série.

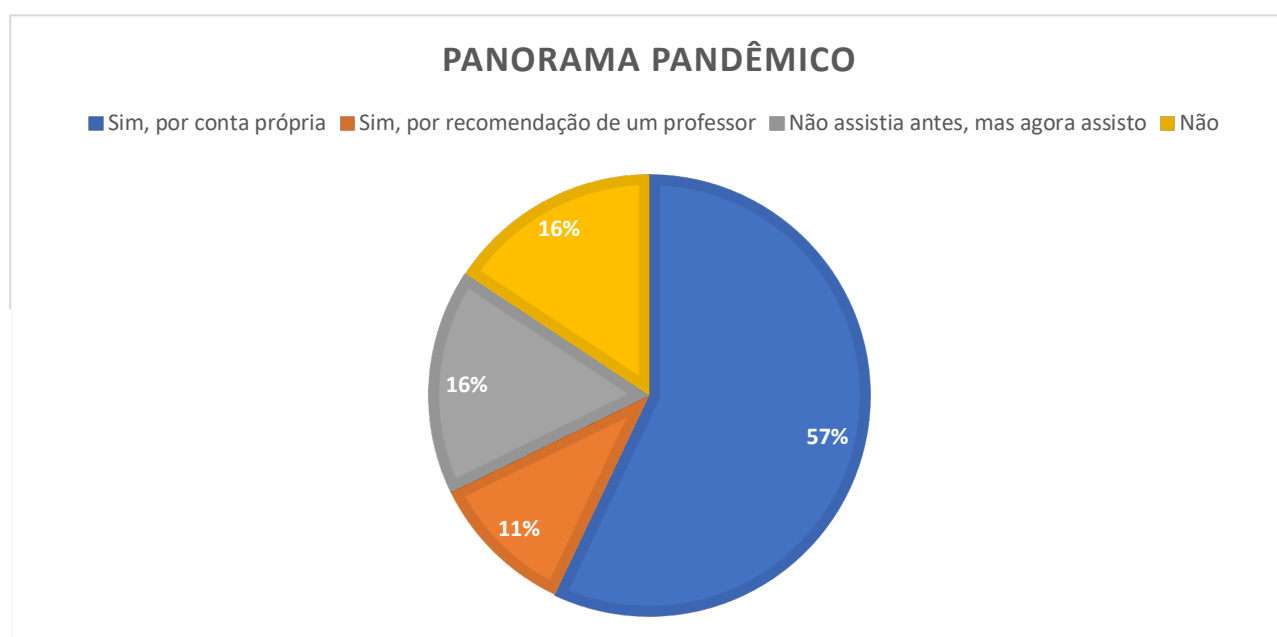
Gráfico 6 – Frequência de visualização de acordo com a série cursada



Quando questionados se essa frequência se alterou devido à pandemia da COVID-19, 68% dos estudantes afirmaram que procuram mais videoaulas devido ao confinamento e à mudança na estrutura escolar que passou a ser remota (Gráfico 7). Ao analisar a procura por videoaulas no sistema da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brito (2020) constatou que houve grande crescimento no número de usuários no período chave de isolamento social analisado (15/03/2020 a 15/05/2020),

a partir das estatísticas de acesso, sendo este período responsável por mais de 29,6% dos acessos dos últimos 12 meses (15/03/2019 e 15/05/2020). A maioria destes jovens estudantes respondentes da pesquisa buscaram mais videoaulas por conta própria, e apenas uma pequena parcela intensificou a prática por recomendação de algum professor. Esse dado se mostra importante, pois pode mostrar uma resposta a dificuldade de entendimento dos conteúdos na modalidade remota que se instaurou devido a realidade pandêmica.

Gráfico 7 – Panorama pandêmico



Outro dado obtido foi a amostra de 16% dos alunos que responderam que antes não assistiam videoaulas, mas com a chegada da pandemia, passaram a assistir. A pandemia forçou docentes a buscarem nas novas maneiras de ensinar a fim de reduzir os impactos da suspensão nas aulas presenciais (BARTON, 2020; RAY; SRIVASTAVA, 2020; WIJAYA, 2021). Uma das estratégias adotadas pelos professores para apresentar os conteúdos educacionais aos seus alunos que estão presos em casa foram as videoaulas que podem ser distribuídos através do Youtube e podem ser feitas pelos próprios professores ou aquelas encontradas em plataformas como o YouTube e Descomplica.

Antes mesmo da pandemia a utilização de vídeos para fins educacionais tem apresentado nos últimos anos um crescimento significativo (Copyright Clearance Center, 2009). Ainda buscando compreender como os alunos consomem as mídias digitais com fins educacionais, foi questionado qual o local de preferência para a visualização de videoaulas. O resultado mostrado no Gráfico 8 indica que os estudantes preferem ver as videoaulas em suas residências em contraposição a

visualização em sala de aula, junto ao conteúdo. Esse resultado se mostra em consonância a motivação na procura por esse recurso, como muitos utilizam as videoaulas como revisão para avaliações, faz sentido a preferência pela visualização fora do momento de aula. Esse resultado também está de acordo com o que a pesquisa tem assinalado, as videoaulas são excelentes aliados do ensino presencial, funcionando de forma complementar, além do fato de que a pandemia confinou estes alunos em suas residências, o que pode ter gerado este hábito.

A visualização de videoaulas em casa pode fazer parte da metodologia de Aula Invertida, onde esse recurso pode atuar como disparador de conhecimento. Na pesquisa de Versuti (2021) alunos do curso de Psicologia foram previamente expostos aos conteúdos a serem trabalhados nos encontros síncronos de diferentes formas, possibilitando reflexões e retirada de dúvidas, e como resultado foi observado que as práticas de ensino adotadas potencializaram a autorregulação da aprendizagem possibilitando o movimento no estudante de autonomia na estruturação, monitoramento e também avaliação de seu próprio processo de aprendizagem.

O construto da autorregulação da aprendizagem ganhou destaque no cenário educacional no final dos anos 80, na centralidade da teoria, está a autonomia dos estudantes na promoção da aprendizagem (Maciel & Alliprandini, 2018). De maneira específica, a autorregulação pode ser definida como um processo ativo, que permite aos estudantes o monitoramento e a regulação de sua motivação e de seus comportamentos, com o intuito de atingir objetivos de aprendizagem.

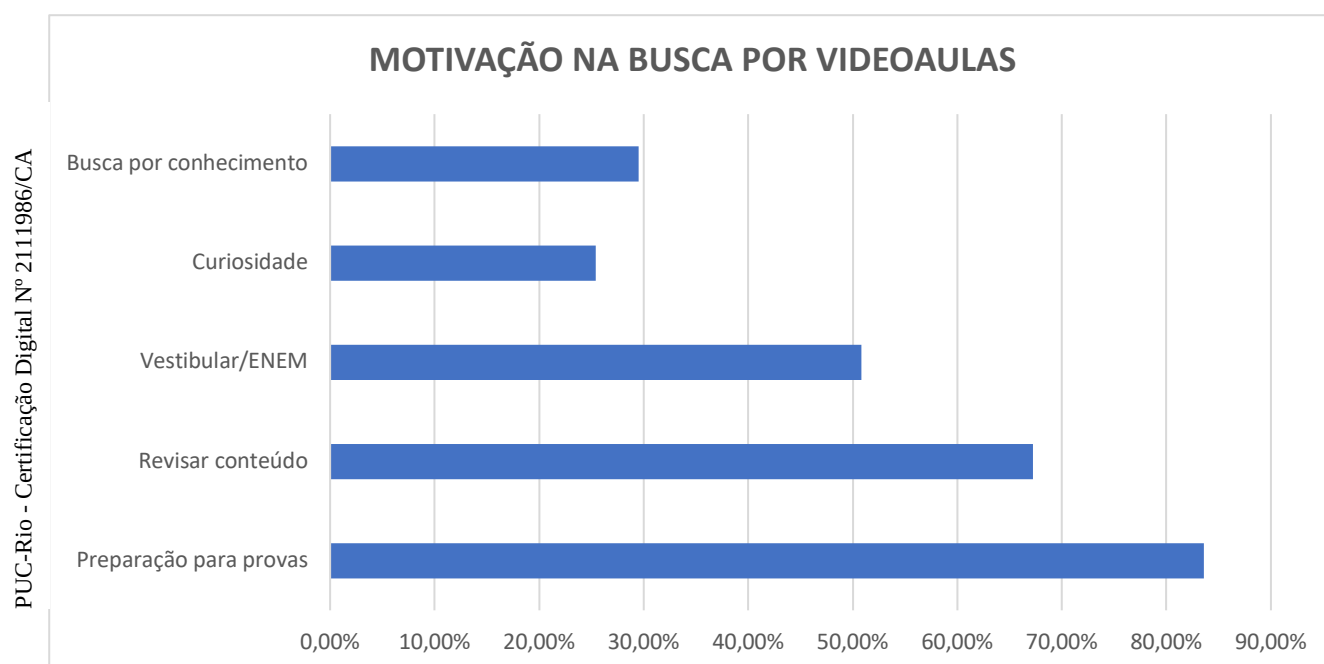
Gráfico 8 – Local de preferência para a visualização de videoaulas



5.1.2 A motivação na procura por videoaulas

A fim de compreender por que alunos buscam as videoaulas, foi perguntado quais seriam as motivações na procura por esse recurso. As respostas indicaram que a maioria dos estudantes utiliza esses vídeos para estudar para avaliações escolares e avaliações externas, no caso ENEM e outros vestibulares. Ao observar o Gráfico 9, também é possível observar um grande número de alunos que identificou as videoaulas como instrumentos de revisão de conteúdo, esse dado pode ser associado ao fato de videoaulas serem sintéticas e de curta duração, sendo bons instrumentos para fins revisionais.

Gráfico 9 – Motivação na busca por videoaulas

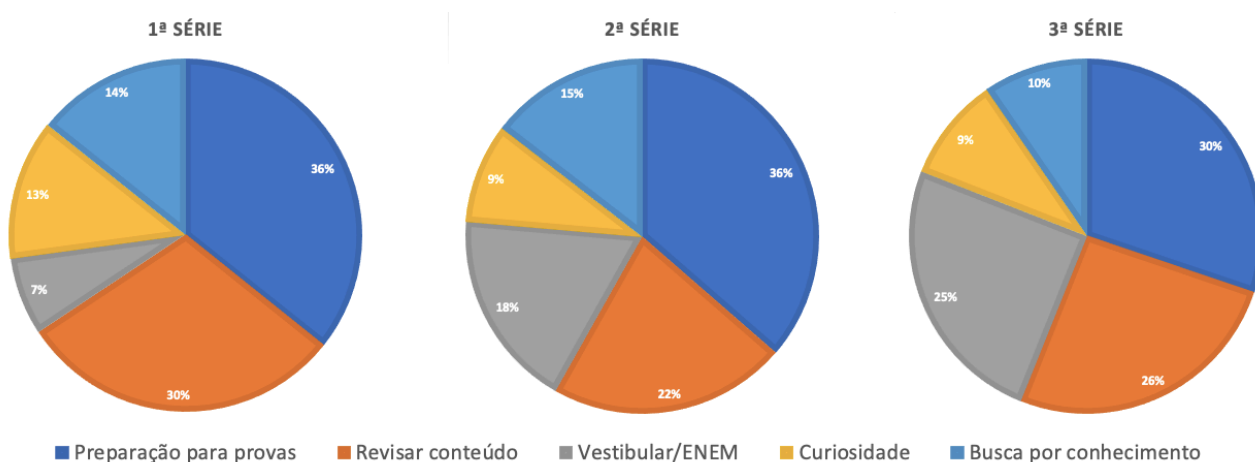


Ao questionar qual seria a motivação na busca por videoaulas obtivemos um número menor, mas considerável de alunos, utiliza as videoaulas para buscar novos conhecimentos (36 respostas - 29,5%) e por curiosidade (31 respostas - 25,5%). Isso mostra um potencial das videoaulas já debatido no estudo, esses recursos podem ser usados como complementação a sala de aula presencial, podendo ser usados como disparadores de conhecimento em uma prática de sala de aula invertida, ou até como um complemento de aprofundamento ao conhecimento visto em uma aula expositiva.

Outra análise importante feita foi uma comparação entre as séries de acordo com a motivação para a busca por videoaulas. Os resultados mostrados no Gráfico 10, indicam uma semelhança entre

os resultados, mas é importante destacar um dado já esperado, o número de alunos que buscam videoaulas visando estudar para o vestibular cresceu de acordo com a proximidade da realização da prova, sendo um dos motivos mais importantes na 3ª série, em um dos menos relevantes na 1ª série. Contrabalanceando esse resultado, os alunos de 1ª e 2ª séries assinalaram que procuram mais videoaulas por curiosidade ou busca de conhecimento.

Gráfico 10 – Motivação na busca por videoaulas de acordo com a série cursada

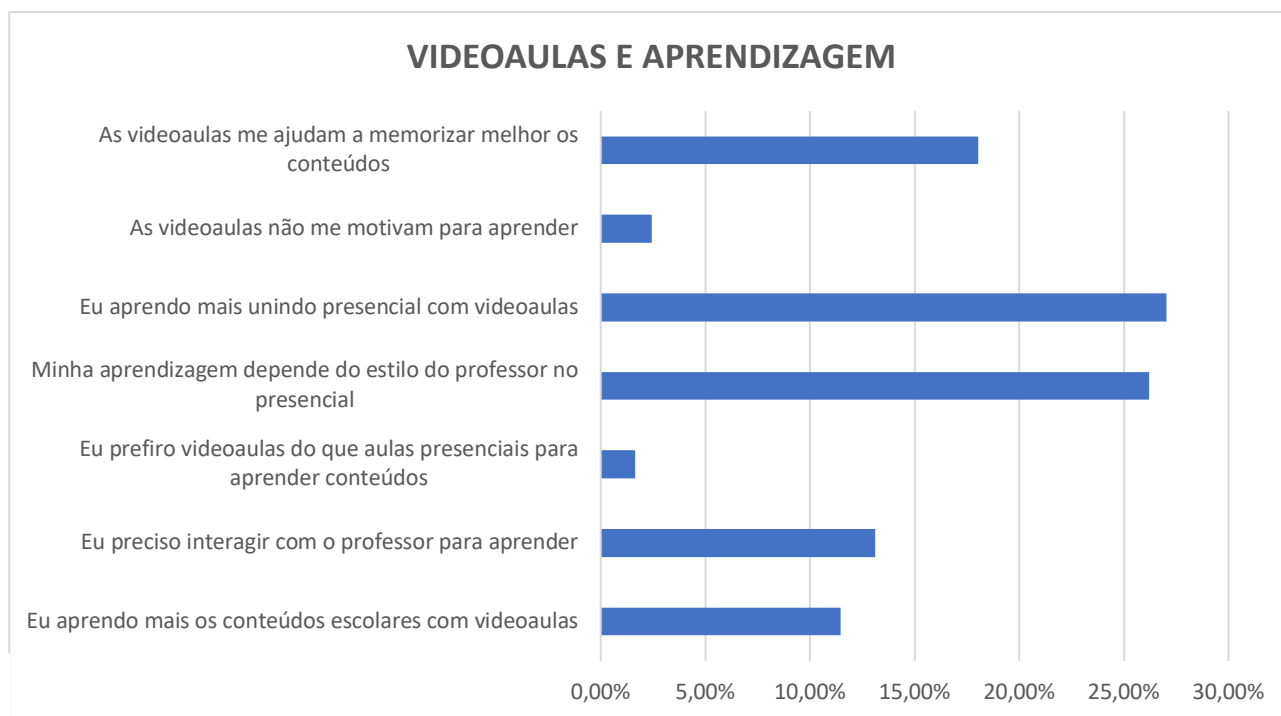


Como mencionado na introdução da presente pesquisa as videoaulas alteram as salas de aula e a forma que os docentes trabalham, além disso Daluz (2014) afirmou em sua pesquisa que a escola é peça fundamental no processo de apropriação das tecnologias. Pischetola e Daluz (2018) comentam que vivemos em uma era dos dados, com muitas informações disponíveis, sendo necessário que haja uma educação voltada para o desenvolvimento e para a apropriação crítica e criativa, formando indivíduos críticos e não meros consumidores passivos, mostrando assim a importância do professor que utiliza as videoaulas e media o processo de aprendizagem, destacando ainda mais o papel destes recursos como complementação ao ensino presencial.

5.1.3 Videoaulas e aprendizagem

Uma pergunta importante feita aos jovens estudantes foi como eles acreditam que as videoaulas estão relacionadas a aprendizagem. O questionário forneceu ao aluno frases sobre o contexto das videoaulas e aprendizagem, ele ou ela deveria assinalar aquela que mais se identificava e se aproximava da sua realidade, o resultado está descrito no Gráfico 11.

Gráfico 11 – Videoaulas e aprendizagem



A frase mais escolhida foi “Eu aprendo mais unindo presencial com videoaulas”, essa opção foi apontada por 27% dos alunos respondentes. Essa escolha reforça um ponto comentado nesta dissertação, as videoaulas têm um grande potencial, mas não são recursos capazes de substituir a aula presencial. Isso também pode ser visto pela escolha de 13% dos alunos que responderam que precisam interagir com o professor para aprender, é válido ressaltar que a interação nas videoaulas se resume apenas a comentários em modelo de chat. A pesquisa de Nunes e Eichler (2018) reforça este pensamento, quando perguntados se escolhiam as videoaulas como método principal ou complementar de estudo, 25,53% dos estudantes manifestaram terem usado como método principal de estudo as videoaulas contra 74,47%, método complementar.

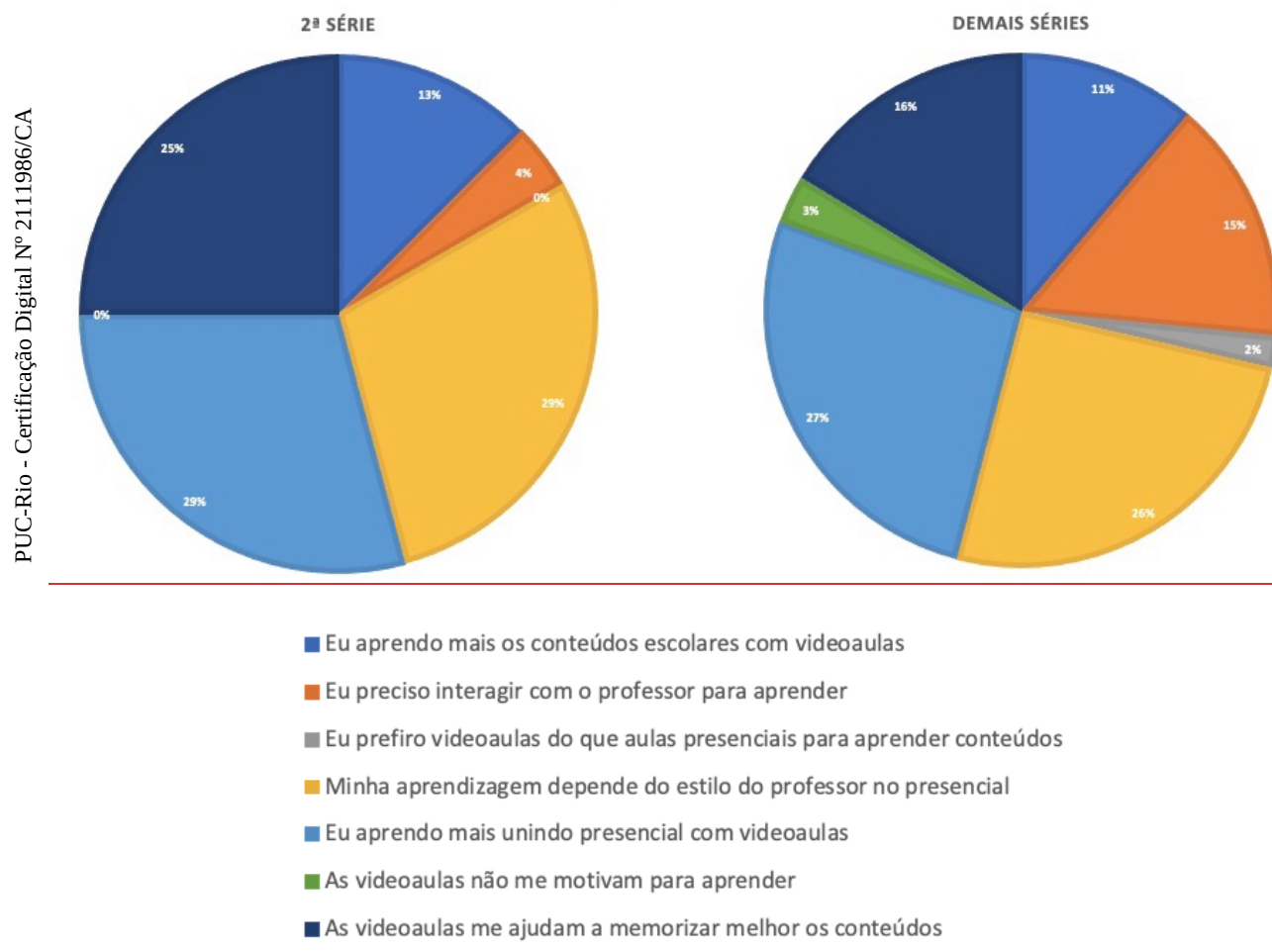
Outra resposta que destaca a importância da aula presencial e da interação professor-aluno proposta por Mattar (2012) é a pequena identificação com a frase “Eu prefiro videoaulas a aulas presenciais para aprender conteúdos”. Essa opção foi escolhida apenas por 2 alunos dos 122 que responderam o questionário, sendo menos de 2% do total de respostas. Além disso, outros 3 alunos responderam que as videoaulas não os motivavam a aprender.

Esse resultado não pode ser rapidamente analisado, 11,5% dos estudantes responderam que aprendem mais os conteúdos com videoaulas, que pode ser interpretado como uma forma válida de aprendizagem para alguns estudantes. Em adição, 18% identificaram-se com a frase: “As videoaulas

me ajudam a memorizar melhor os conteúdos”. Isso mostra uma possibilidade de uso das videoaulas na fixação de determinados conteúdos que requerem a memorização de muitos nomes, como a Biologia e a Geografia. Por mais que as videoaulas não possam substituir as aulas presenciais na visão dos estudantes, ela aparece como um recurso importante dependendo do objetivo do aluno.

Ao compararmos a 2ª série com os demais, deve ser destacado o alto número de alunos da 2ª série que visualizam videoaulas 2 vezes ou mais por semana (29%), um valor mais que duplicado em relação as demais séries. Esse resultado pode ser explicado por razões pessoais dos alunos respondentes que se identificam mais com esse recurso. Para confirmar essa teoria é necessário analisar os gráficos do Gráfico 12, que comparam as respostas acerca da aprendizagem com videoaulas da segunda série em comparação com as demais séries.

Gráfico 12 – Comparação 2ª série com as demais



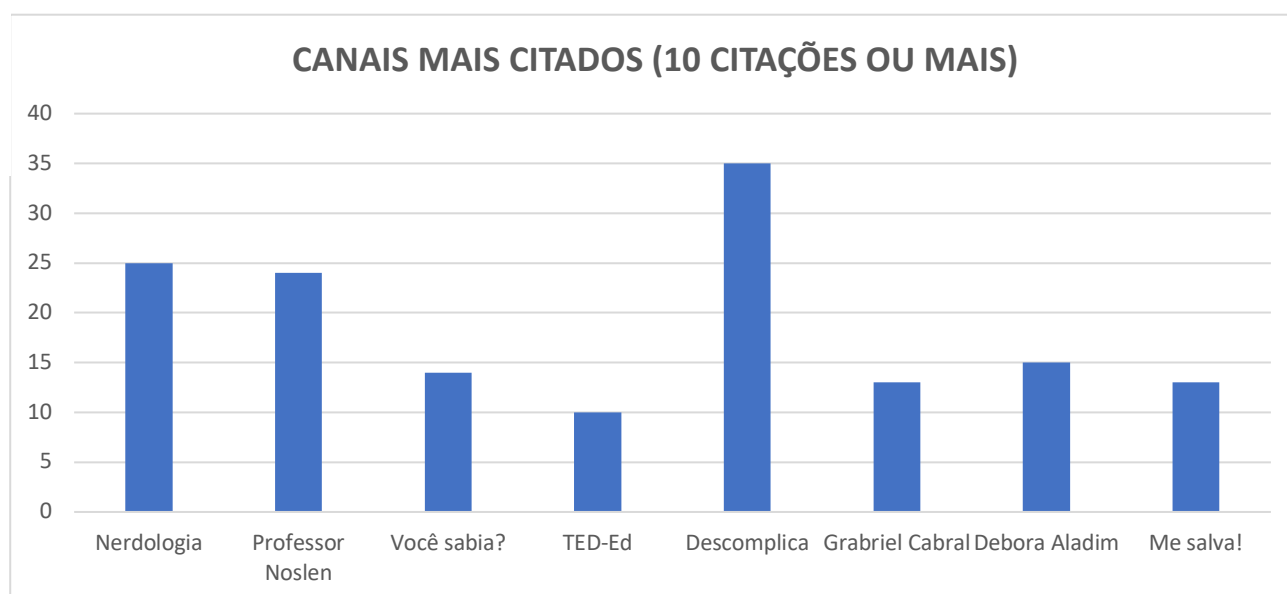
A partir do apresentado, um dado chama a atenção, um número significativamente menor de estudantes da segunda série escolheu a frase “Eu preciso interagir com o professor para aprender”,

isso pode explicar o porquê de um maior número de visualizações de videoaulas por esses alunos. Como afirmado em um trecho anterior, os jovens estudantes revelaram que a interação é o principal fator em uma aula presencial, e o principal elemento que sentem falta em uma videoaula. Se esse grupo (2ª série) não tem a mesma necessidade pela interação, faz sentido uma maior frequência no uso desse recurso audiovisual.

Outro dado obtido a partir desse questionamento geral (com todos os estudantes) a cerca da realidade vivida pelos alunos, é que 26% responderam que a sua aprendizagem depende do estilo do professor no presencial, esse dado mostra que muitos alunos buscam as videoaulas por apresentarem uma dificuldade na obtenção de conhecimento nas aulas presenciais, quando não conseguem aprender com os professores em sala de aula, buscam alternativas no ambiente virtual.

Esse resultado mostra mais uma importância desse recurso audiovisual, os alunos de ensino médio não possuem controle sobre quais professores a escola irá ter, as videoaulas mostram-se como alternativas a uma falta de compatibilidade entre o estudante e o docente. Esse dado pode também explicar por que certos alunos buscam determinados canais, a busca grande pelos canais do Professor Noslen e Débora Aladim (PROFESSOR NOSLEN, 2022; DEBORA ALADIM, 2022), como mostrado no Gráfico 13, pode representar uma dificuldade por parte destes estudantes na aprendizagem de Língua portuguesa e História respectivamente.

Gráfico 13 – Canais mais citados



Os alunos participantes da pesquisa foram questionados sobre quais canais eles costumam visualizar, ao compilar as respostas foram citados 43 canais diferentes no YouTube. No Gráfico 13

foram colocados aqueles que possuíram 10 citações ou mais, e nestes é possível destacar o canal Descomplica que foi mais vezes citado, esse resultado poderia ser esperado uma vez que este canal pertence a uma instituição de ensino que está presente no mercado das videoaulas há mais de 10 anos, além disso, o canal apresenta vídeos das principais disciplinas presentes no currículo do Ensino Médio.

A Descomplica é uma empresa do ramo da educação e tecnologia que através de seu website (www.descomplica.com.br), fornece videoaulas como forma de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e demais vestibulares do Brasil. O principal objetivo da empresa não é revolucionar a educação e sim resolver um problema: oferecer uma educação de qualidade a milhões de estudantes, de forma a democratizar o acesso às universidades (PEREIRA E ARAUJO, 2017).

Outros três canais com um grande volume de citações são: Nerdologia (25), Professor Noslen (24) e Debora Aladim (15). O canal Nerdologia apresenta conteúdos das ciências da natureza fazendo analogias ao mundo *Nerd*, um dos apresentadores é biólogo Átila Iamarino, figura importante durante a pandemia da COVID-19 devido ao seu conhecimento como virologista. O canal Professor Noslen se consolida como um dos maiores canais educacionais brasileiros e tem como proposta facilitar a aprendizagem dos conteúdos de Língua portuguesa. Por fim o canal Débora Aladim apresenta vídeos educacionais feitos pela professora que dá nome ao canal sobre os conteúdos de História e Redação, com foco no ENEM e em outros vestibulares.

A preferência por esses canais pode estar associado ao estilo docente Libâneo (2011) categoriza alguns possíveis estilos como: o professor-transmissor de conteúdo, que se contenta em transmitir a matéria que está no livro didático, por meio de aula expositiva; o professor-facilitador se aplica a professores que se julgam mais atualizados nas metodologias de ensino, categoria na qual podemos encaixar os professores dos canais citados, eles tentam variar mais os métodos e procedimentos; o professor-técnico que se mostra preocupado pelo lado operacional e que possui o objetivo do saber-fazer; o professor-laboratório acredita que a única forma eficaz de aprender é a pesquisa; o professor-comunicador clássicos de cursinhos e que só sabe trabalhar o conteúdo fazendo graça, esse estilo também pode ser associado aos professores mencionados; e por fim o professor-mediador que atua como mediador da relação cognitiva do aluno com a matéria.

Outro canal de destaque é o TED-Ed, um canal educacional desenvolvido pela empresa TED, que faz o chamados TED Talks, que consistem em palestras educativas. Esse canal apresenta vídeos animados sobre diversos temas dentro das áreas da Matemática, História, Ciências da Natureza,

Geografia e outros. Algumas dessas videoaulas são ilustradas a partir de áudios dos especialistas no conteúdo específico, os vídeos são todos em língua inglesa, mas a grande maioria apresenta legendas em português, permitindo acessibilidade ao público estudantil brasileiro (DA SILVEIRA, 2015).

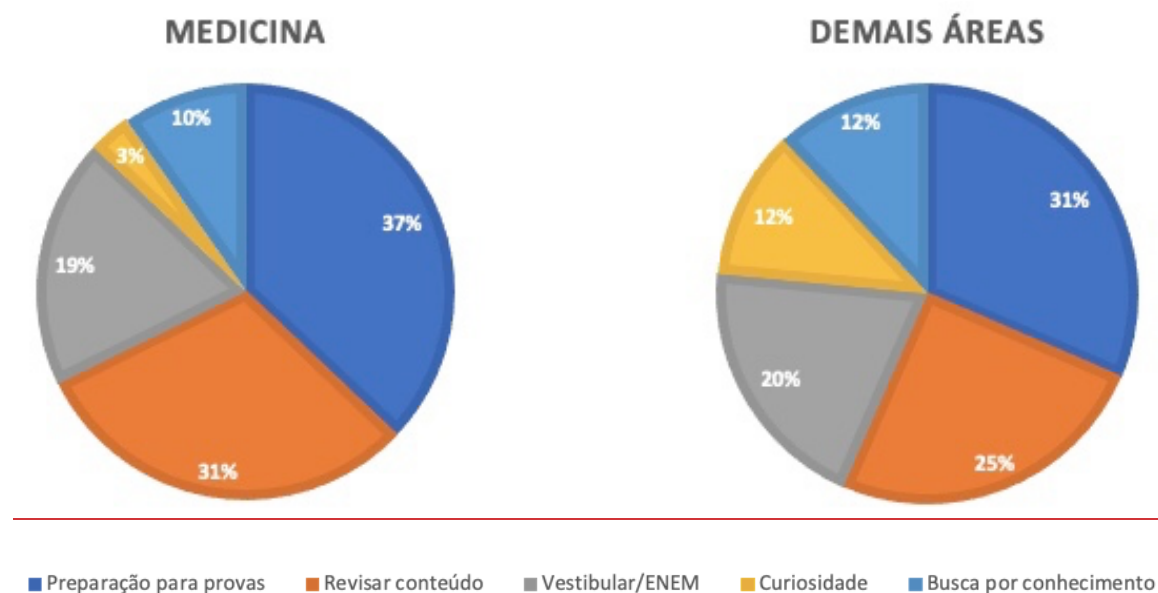
Analisando os canais citados pelos estudantes é possível perceber que 18 deles ganham seus nomes de acordo com o professor criador do conteúdo, isso tem se mostrado uma tendência nos últimos anos com o crescimento das mídias digitais. Com o avanço de plataformas como Instagram e TikTok, muitos professores passaram a desenvolver conteúdos digitais a fim de se destacar no mercado de trabalho, além de buscar uma possível carreira exclusiva no ambiente virtual.

Gobbo, Garcia e Campos (2011) debatem o papel do professor de ensino médio no processo de ensino aprendizagem. Segundo os autores, o professor, com base no cotidiano da escola, tem a possibilidade de criar situações pedagógicas que possam promover as mudanças necessárias. Cabe ao docente desempenhar um papel ativo de condução e mediação do processo educativo. O professor deve construir com os alunos o conhecimento e sustentar, no fazer pedagógico, alternativas de ensino e aprendizagem que sejam criativas, inovadoras e libertadoras, a fim de não predominar técnicas, métodos, tarefas e conhecimentos que sejam repetitivos e coercitivos.

5.1.4 Videoaulas e os vestibulares

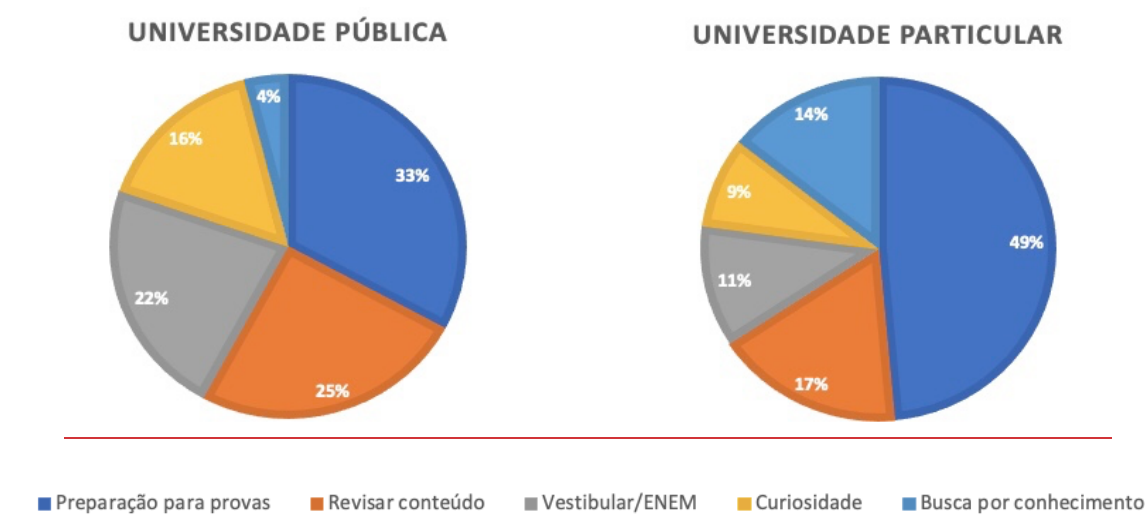
A partir desse resultado, torna-se interessante analisar também em relação a esses grupos, quais seriam as principais motivações na visualização de videoaulas. Quando analisado o grupo como um todo, a maior parte dos estudantes afirmou usar esse recurso na preparação para provas, no comparativo entre aqueles que desejam medicina ou outras áreas esse resultado se manteve. Porém um dado interessante é o fato de que jovens que buscam medicina utilizam esses recursos de forma mais utilitária, com foco nos estudos para provas e vestibular, apenas 3% revelaram ver videoaulas por curiosidade, em comparação a 12% nas demais áreas de interesse (dados informados no Gráfico 14).

Gráfico 14 – Comparativo na motivação da busca por videoaulas (Medicina vs demais áreas)



Ao comparar as respostas de estudantes que desejam universidades privadas e aqueles que desejam universidades públicas houve grandes diferenças. Um importante destaque é a porcentagem de estudantes que buscam videoaulas para estudar para o vestibular, entre aqueles que desejam entrar em universidades privadas, apenas 11% vê videoaulas por essa razão, já aqueles que desejam universidades públicas, 22% buscam por essa razão, o dobro.

Gráfico 15 – Comparativo na motivação da busca por videoaulas (Universidades públicas vs particulares)



Outro dado interessante é a quantidade de alunos que buscam videoaulas por curiosidade, mais estudantes que desejam cursar universidades públicas afirmaram buscar por essa razão (16% vs 9%). Por fim é possível notar uma grande diferença também quando comparamos a porcentagem de jovens que buscam as videoaulas por conhecimento ou de forma a preparar para provas, em ambos os casos os estudantes que desejam entrar para universidades particulares demonstraram mais interesse. Esse resultado pode demonstrar que a pressão existente pela maior concorrência por vagas em universidades públicas pode levar a maior utilização das videoaulas com o intuito de preparação para o vestibular, mas existe uma parcela destes estudantes que busca esse recurso primariamente por curiosidade.

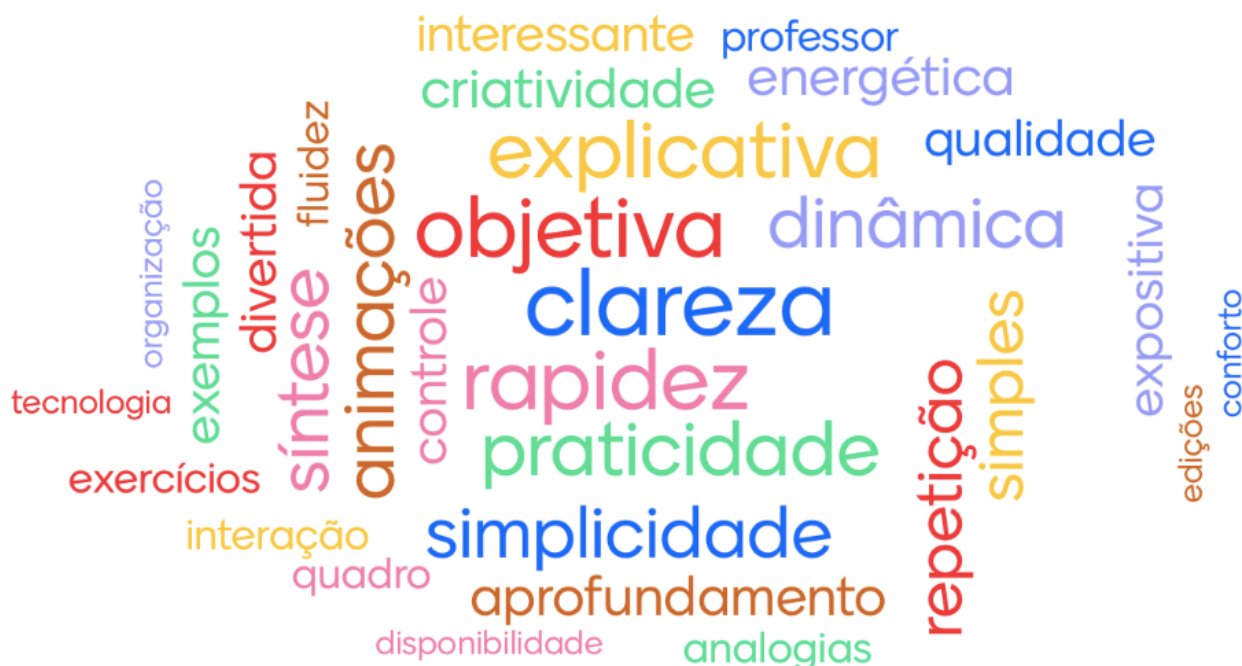
A partir dos dados analisados nesse capítulo, foi possível descobrir dados muitos interessantes, a exemplo da motivação na busca por videoaulas, bem como a visão dos estudantes acerca do Ensino Médio. No próximo capítulo será feita uma análise mais detalhada dos principais resultados obtidos a partir do questionário e da roda de conversa para que possam ser feitas conclusões e indicações para futuras pesquisas.

5.1.5 Videoaulas e as aulas presenciais

Por fim, acerca do tema das videoaulas, os alunos foram questionados sobre quais aspectos de uma videoaula, a fazem ser boa. Os alunos deveriam responder 3 palavras para descrever seus pensamentos e esses dados foram compilados para a construção de uma nuvem de palavras vista na Figura 1. No total apareceram 73 diferentes respostas que foram tabuladas e organizadas para a construção da nuvem de palavras, destas 23 foram citadas uma única vez e por isso não foram consideradas para a construção da imagem.

As 50 demais palavras, para finalidade de tabulação, foram feitas conexões e aproximações porque se repetem de diferentes formas, por essa razão foram indexadas com uma única. Como exemplo temos a palavra “rapidez” que apareceu também como: “curta”; “rápida”, “curta duração”. Outro exemplo seria “explicativa” que aparece com derivados como: “bem explicada”; “explicação”; “explicação didática”. A figura mostra as expressões usadas pelos alunos para definir o que faz uma videoaula ser boa, porém quanto maior a letra da palavra, maiores os números de referências nas respostas do questionário aplicado aos jovens estudantes.

Figura 1 – O que faz uma videoaula ser boa?



Sobre os principais termos citados, é possível destacar as palavras “clareza” e “objetiva”, termos que referenciam alguns modelos de videoaulas citados pelos jovens estudantes como as videoaulas da plataforma Descomplica. Esse canal tem o como foco aulas objetivas e com objetivos bem claros, no campo da língua portuguesa por exemplo, há aulas sobre crase, vírgula e outros conceitos fundantes da língua. Outra palavra que foi muito citada foi a palavra “rapidez”, uma forma talvez de referenciar a duração destes vídeos que em média tem no máximo 5 minutos. Esse resultado se confirma com a roda de conversa, com relatos dos estudantes afirmando que preferem videoaulas de curta duração por poder ver de forma seriada e poderem parar a qualquer momento.

Outros termos que aparecem em destaque são “simplicidade”, “praticidade” e “dinâmica”. Essas características podem ser associadas ao uso das videoaulas por alunos, como foi possível observar no gráfico 9, os alunos utilizam as videoaulas para complementar sua rotina de estudos, e especialmente em momentos prévios a avaliações. Videoaulas são rápidas e dinâmicas o que garantem uma praticidade na visão do estudante, que pode ver quantas vezes necessário e no momento que achar oportuno, seja no caminho para a avaliação ou no momento de revisão dos conteúdos.

Mesquita (2016) em sua tese questiona a alunos da periferia do Rio de Janeiro, o que seria o bom professor. Algumas respostas aqui são novamente vistas como a boa explicação e o dinamismo, traços que mostram que independente da plataforma, seja ela digital ou real, são necessários para

caracterizar uma boa aula. Candau (1983) afirma que os alunos, ao analisarem a prática de seus docentes, incorporaram elementos em relação à identidade e à personalidade dos professores como fundamentais ao processo ensino-aprendizagem. Sendo assim analisar a visão dos jovens estudantes é importante para analisar quais são as videoaulas de preferência e o porquê.

Alguns termos que apareceram com uma certa frequência foram “criatividade” e “animação” termos que podem referenciar o uso das videoaulas para um consumo de mídias com o objetivo de enriquecer o conhecimento. Uma parcela dos estudantes ao serem perguntados por que utilizavam videoaulas, responderam que as assistiam para obtenção de novos conhecimentos (29,5%) e por curiosidade (25,4%). Alguns canais citados como TED-Ed e Nerdologia são exemplos de canais que utilizam formas criativas como animações e analogias a filmes e séries como forma de aproximar novos conteúdos a realidade do jovem visualizador.

A fim de entender diferenças entre as videoaulas e as aulas presenciais, o questionário perguntava o que poderia fazer uma aula presencial ser boa. Mais uma vez o jovem estudante deveria responder 3 palavras que seriam compiladas em uma nuvem de palavras, a Figura 2 contém esta nuvem. Foram obtidas 74 diferentes respostas, que foram tabuladas e organizadas para a montagem da imagem, 21 destas apareceram apenas uma vez e por isso foram descartadas. Em relação as demais, foram feitas aproximações de acordo com a proximidade na etimologia da palavra a exemplo de “interação” que representou também as respostas: “interativa”; “contato”; “comunicação” e “participação”. Outra palavra aproximada foi “aprofundamento” que representou os termos “detalhe” e “detalhamento”. Mais uma vez, a figura mostra as expressões usadas pelos alunos para definir o que faz uma aula ser boa, porém quanto maior a letra da palavra, maiores os números de referencias nas respostas do questionário

Ao analisar a nuvem de palavras é possível observar que a palavra mais citada pelos alunos foi “interação”. A interação em uma videoaula é consideravelmente menor se comparada a uma aula presencial, as plataformas fornecem apenas espaços para comentários que podem ser ou não respondidos pelo professor. Mas qual alternativas podem existir? Durante o período pandêmico foi visto a aplicações de videoaulas ao vivo, havendo uma maior interação entre o professor e o aluno, porém ainda limitante devido ao ambiente mais “frio” das plataformas como Google Meet e Zoom. Outra alternativa seria o uso de recursos de TIC no ambiente físico da sala de aula, como quadros interativos, plataformas de gamificação e outros exemplos.

Os jovens estudantes identificaram que a interação é um fator que impacta positivamente na aprendizagem e isso pode também ser compreendido a partir da presença destacada do termo “dúvidas” que fazem alusão ao momento em sala de aula que podem pedir atenção do professor para conceitos que não compreenderam no momento da explicação, momento o qual reforça a interação professor-aluno.

Mesquita (2020) descreve partir de uma concepção de didática multidimensional que, para os jovens, o professor que “sabe ensinar” tem a capacidade de motivá-los para aprender e também de dar sentidos à própria escola através do que foi classificado pela autora, uma prática pedagógica diversificada e relacional. Como resultado da pesquisa Mesquita afirma que 38,4% dos estudantes respondentes caracterizam que o bom professor interage bem com os alunos. Essa relação entre o contato e a interação com o professor e o aprendizado é confirmada com essas respostas, os alunos preferem a aula presencial por poderem ter a chance de dialogar e conhecer melhor seus professores.

Figura 2 – O que faz uma aula presencial ser boa?



Outros termos citados foram “descontração” e “socialização”, tendo em vista o período pós-pandêmico em que essa pesquisa foi realizada, é possível analisar a importância dada pelos estudantes a um contato mais íntimo com os colegas e com seus professores. Com seres sociais, enxergam a importância da socialização no papel da escola e conseguem indicar como uma das principais

qualidades das aulas presenciais. Essa resposta reforça mais uma vez o pensamento de que videoaulas não conseguem substituir as aulas presenciais, podendo ocupar um papel secundário de reforço escolar para a melhor aprendizagem.

A necessidade por um contato mais próximo entre colegas e professores ascende uma questão acerca da cultura digital, definida por Kenski (2018) como: "uma expressão que integra perspectivas diversas vinculadas as inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade" (KENSKI, 2018, p. 139).

Algumas metodologias de aprendizagem mais adequadas à educação em seu modelo online e digital, são novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade. Um exemplo disso são as redes sociais que se apresentam como mundos imersivos aos estudantes, e que ferramentas educacionais, como o Moodle, se aproveitam como inspirações, como o uso de blogs na Educação a Distância.

Como é possível observar ao analisar esses dados, as videoaulas como recursos educacionais são hoje ferramentas já presentes na maioria dos jovens estudantes, porém não conseguem representar uma alternativa a escola que conhecemos nos dias de hoje, isso foi evidenciado no Gráfico 10, como o baixíssimo número de respostas para a frase “Eu prefiro videoaulas a aulas presenciais para aprender conteúdos” com apenas 1,6% das respostas. Por essa razão, torna-se importante analisar a visão destes jovens estudantes em relação a escola e ao segmento que ocupam, o ensino médio, uma vez que foi percebida uma valorização da escola presencial. Os dados até aqui apresentados ajudarão a compreender melhor o que estes alunos esperam do segmento em que estão inseridos, além de visões acerca da estrutura do Ensino médio.

5.2

Ensino médio na concepção dos estudantes

5.2.1 Condição Juvenil: Momento de escolhas

O ensino médio é uma etapa final na formação básica dos estudantes, como debatido já neste texto, esse segmento pode ser visto como uma preparação para o ensino superior ou também como preparação para o mercado de trabalho (KRAWCZYK, 2009). Tendo em vista que os estudantes participantes da pesquisa pertencem a uma escola de alto rendimento no ENEM e mensalidades de altos valores. A partir da roda de conversa e do questionário, foi possível analisar que a grande maioria dos estudantes enxerga o ensino médio como um passo na formação para alcançar a educação superior nas universidades (98,3% afirmaram desejar cursar uma universidade).

Ao analisar a escolha dos estudantes para o próximo passo após o Ensino Médio, 62% deles manifestaram o interesse de cursar o ensino superior em universidades públicas como UFRJ e USP. Já 28,5% desejam cursar universidades particulares. Os demais responderam que irão cursar universidades no exterior e apenas um estudante afirmou que deseja empreender ao fim do ensino médio.

Dayrell (2011) destaca que existe uma relação entre o ensino médio, a juventude e projetos de vida dos jovens estudantes, visto que esse segmento compõe a Educação Básica brasileira obrigatória. A autora afirma que esses projetos são fruto da experimentação, ou seja, os jovens tomam suas decisões a partir das suas limitações e suas vivências.

No estudo de Araújo (2019), a partir de uma análise de estudantes do terceiro ano do ensino médio de uma escola de Goiânia, é possível perceber a diferença em relação aos projetos de vida, uma aluna do estudo afirmou que não acreditava que ninguém da escola passaria no vestibular, a não ser que fizesse um cursinho. Porém, outra aluna afirma que na visão deles não é imaginável não realizar a prova do ENEM, parece um rito final de passagem da Educação Básica.

No trabalho de Mesquita (2016) é observado uma diferença na taxa de alunos concluintes que participaram do ENEM, com uma porcentagem significativamente maior (71,11% a 50,35%) por parte de estudantes de escolas privadas se comparados àqueles de escolas públicas. Dubet (2002), afirma que são duas escolas, privada e pública, com objetivos bem diferentes, a lógica do ensino médio das elites é propedêutico e seletivo e parece se perpetuar nas escolas privadas.

É possível perceber que os jovens estudantes questionados não enxergam o ensino médio como última etapa de formação. Outro dado importante foi o número surpreendentemente alto de estudantes que pensam em sair do país para completar sua formação (8% dos alunos respondentes). Esse resultado poderia ser explicado pelo medo do cenário econômico brasileiro ou talvez pela

presença de cada vez mais facilidades para a formação em cursos superiores em países como Portugal, que oferecem vagas inclusive pelo ENEM.

Quando perguntados sobre qual seria o curso desejado, 50% revelaram interesse em cursos de grande concorrência, podendo destacar medicina com 22%, engenharias com 17% e direito com 11%, a distribuição pode ser vista no Gráfico 16. Coutrim e Cunha (2011), em seu estudo analisaram a influência de genitores nas escolhas profissionais de alunos concluintes do ensino médio de quatro escolas situadas no Estado de Minas Gerais, os dados obtidos na investigação demonstraram que há significativa influência dos pais no processo de escolha da profissão desses estudantes, 68,5% dos pais de entrevistados afirmaram participar da vida dos filhos. Esse dado ajuda a explicar esse resultado, visto que os pais, pertencentes as classes A e B, em sua maioria, incitam os filhos a escolha por cursos de prestígio e com um maior potencial de sucesso financeiro.

No estudo de Oliveira e Melo-Silva (2010), as autoras analisaram estudantes dos cursos de Química, Biologia e Psicologia de uma universidade pública do interior de São Paulo. Ao analisar os dados quanto a prevalência de estudantes de cada curso em relação ao nível socioeconômico e a natureza do seu ensino básico, foi possível observar uma maior presença de estudantes de escolas particulares e de nível socioeconômico mais elevado no curso de Psicologia, um curso de mais prestígio e com grandes potenciais financeiros, se comparado ao curso de Química, o qual houve a menor prevalência de estudantes de alta renda e de escolas particulares de forma comparativa.

Gráfico 16 – Cursos superiores desejados



Ainda é importante destacar o aparecimento de uma grande quantidade de interessados no curso de Economia, o que pode ser relacionado com outro questionamento feito, ao perguntar quais seriam as disciplinas que mais fazem falta na grade do ensino médio na visão dos estudantes (Figura 3), a disciplina mais citada foi a de Educação financeira. Esse resultado se alinha com o aumento no acesso a informação e no cenário econômico de crise, os jovens estudantes clamam por mais informação no campo da economia.

Um diálogo importante a ser trazido é aquele referente a condição juvenil que é constituída de múltiplas dimensões que podem ser compreendidas a partir de um contexto sociocultural mais amplo, no qual os jovens estão construindo sua experiência. Por essa razão, imprime certas particularidades às vivências juvenis como o tempo de tensão entre o presente e o futuro, de instabilidade e de incertezas, além de diferentes ambientes nos quais os jovens estudantes estão

inseridos. Essas características repercutem na constituição da condição juvenil nos seus tempos e espaços. Neste caso é necessário avaliar que estes jovens, são frutos de um momento de crise econômica e recessão, podendo justificar uma maior procura pelo curso de economia, bem como pelo pedido por mais espaços educacionais no campo financeiro.

Acerca da Figura 3, foi feita uma pergunta para os jovens estudantes: Que disciplinas estão faltando no Ensino médio? A partir das respostas foi criada uma nuvem de palavras, em que o tamanho da palavra é diretamente proporcional ao número de respostas obtidas no questionário. Foram obtidas 16 diferentes respostas, sendo que uma delas, obtiveram apenas uma única citação (sobrevivência).

Figura 3 – Que disciplinas estão faltando no ensino médio?



Essa pergunta trouxe outros pedidos recorrentes como a necessidade de uma aula de projeto de vida além de direito e cidadania, conteúdos que uma vez alinhados a educação financeira preparam os jovens estudantes para a vida adulta em espaços além da universidade. Esse questionamento é verídico e ao analisar o currículo básico do ensino médio é possível observar que há lacunas importantes e que este tem um viés acadêmico, tendo poucas habilidades a serem desenvolvidas que podem ser associadas a rotina doméstica e civil dos jovens.

Outros tópicos citados como respostas foram saúde mental e educação sexual, disciplinas que são associadas parcialmente ao estudo da Biologia, mas que em geral não levam o destaque necessário na visão dos estudantes. O pedido por aulas de Educação sexual não é particularidade deste campo, Moura (2019) descobriu em uma escola de anos finais do ensino fundamental o mesmo clamor. Uma aluna entrevista afirmou: “Essa pílula, (anticoncepcional), se estiver tomando remédio controlado pode interferir, mas quase ninguém sabe disso”! Porque não tem Educação Sexual na escola! Ninguém faz ideia disso! Se você estiver tomando remédio controlado, e estiver tomando pílula para não engravidar. você vai engravidar”.

Macedo (2005) afirma em seus estudos acerca do modelo de ensino sobre a sexualidade que a dimensão biológica da sexualidade é tratada como algo em torno da reprodução. Explicita-se o enfoque adotado, uma comparação entre a reprodução humana e a reprodução animal, numa clara tentativa de construção do sexo como algo apenas instintivo.

A presença de saúde mental também deve ser destacada, uma vez que a Organização Mundial da Saúde (OMS) revela um cenário decepcionante de uma falha mundial em fornecer às pessoas os serviços de saúde mental de que precisam (WHO, 2021). Nesse cenário, os estudantes identificam a necessidade de um maior foco nos estudos sobre saúde mental, tópico pouquíssimo discutido em escolas.

Por fim, outros dois termos citados que merecem destaque foram “programação” e “empreendedorismo”. Essas respostas indicam para a necessidade de disciplinas que mostram hoje uma alternativa a formação universitária. A carreira em programação é relativamente nova, o que cria um mercado fortemente aquecido pela alta demanda de profissionais capacitados. Já o empreendedorismo é outra disciplina desejada vide que não há cursos superiores que atendem a carreira, vale a pena destacar que em outros países há a existência de cursos na área, comumente intitulados *Business*.

É importante ressaltar que a reforma educacional conhecida como Novo Ensino Médio traz novas possibilidades às escolas, com o surgimento dos chamados itinerários formativos, é possibilitado as escolas a criação de disciplinas como Educação Financeira e Projeto de Vida. Porém se faz necessário pontuar que cada escola, privada e particular, possuirá liberdade de implementar ou não essas disciplinas, sendo assim essa realidade pode não ser aquela vivida pela grande maioria das escolas, o que pode aumentar a disparidade entre as escolas antes citadas.

O surgimento dos itinerários gera um debate importante acerca do aumento da desigualdade entre a rede pública e a rede privada. Silva e Tartaglia (2019) afirmam que há problemas na existência dessas disciplinas por não assegurar um conjunto de conhecimentos comuns a todos os estudantes ao propor o currículo em que cada estudante faça apenas um deles (área de humanas ou linguagens ou matemática ou ciências da natureza).

A presença desses itinerários leva a um rompimento com a ideia de formação básica comum, e com isso, a uma fragilização do que estava na LDB de 1996, do ensino médio como educação básica. Além de não garantir um direito básico, a diversidade de itinerários oferecidos pode variar muito de escola para escola podendo gerar disparidades. Para compreender melhor esse segmento que passa por uma grande mudança, se faz necessário seguir com a análise tentando entender melhor qual é o papel da escola de Ensino Médio.

5.2.2 Papel da Escola de Ensino Médio

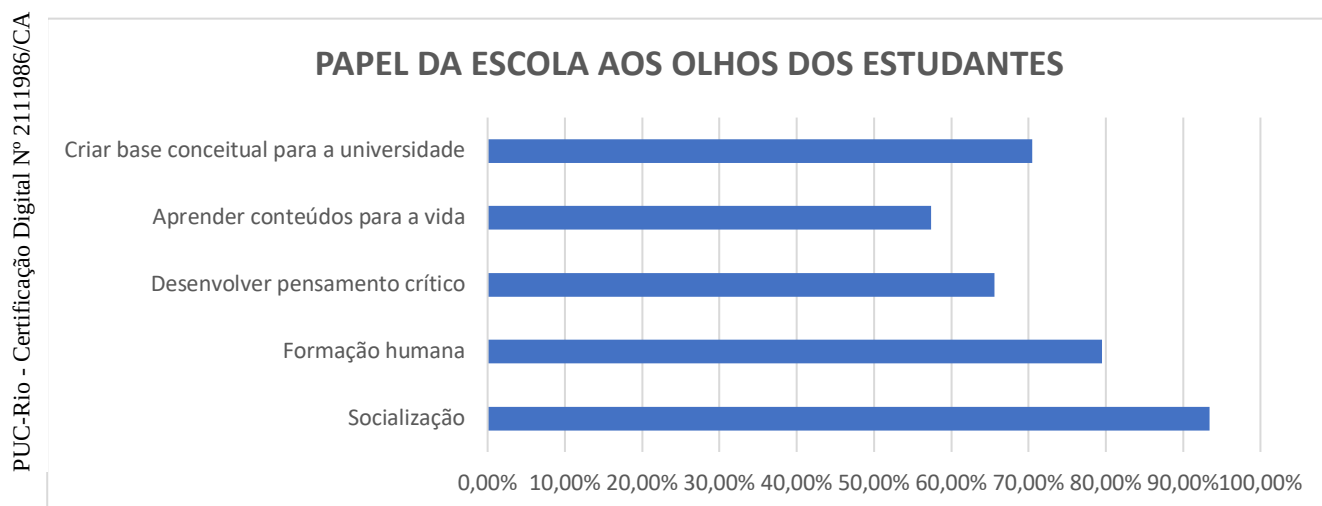
Os jovens estudantes também foram confrontados com uma pergunta sobre quais seriam os papéis da escola na visão deles, quando questionados na forma de múltipla escolha, o resultado mostrou uma prevalência na socialização, como visto no Gráfico 17. Dos 122 que responderam o questionário 117 responderam que vem a escola como local de socialização (96% dos estudantes), 97 afirmaram ser um local de formação humana (79,5% dos jovens) e 80 apontaram para a criação de base conceitual para a universidade (65,5% dos respondentes).

O debate acerca do papel da escola de ensino médio tem estado cada vez mais presente no cotidiano em especial com o surgimento do novo Ensino Médio, já mencionado no texto. Uma propagando de divulgação dessa mudança afirma: Melhorar a educação dos jovens é uma das tarefas mais importantes e urgentes no Brasil. É pra ontem!” (BRASIL, 2016). E ainda traz a crítica aos fracassos na inserção dos estudantes no mercado de trabalho ou no Ensino Superior. A partir dessa análise podemos ver que uma das concepções de papel da escola seria a aprovação no ensino superior, resultado que poderia ser repetido em uma escola de alto rendimento no ENEM, porém observamos que não foi o que 34,5% dos jovens respondentes afirmaram.

Paulo Freire (1975) expressa que a escola, como instituição e local, deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita aos estudantes estarem continuamente se superando, porque a escola é um espaço privilegiado para pensar. O autor afirma: “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (FREIRE, 1991, p. 84).

No estudo de Marques e Castanho (2011), ao questionar estudantes de ensino fundamental de uma escola pertencente a rede pública de uma região na periferia de São Paulo, temos um resultado um pouco diferente ao obtido na pesquisa. Quando questionados quanto a finalidade da escola, 78,4% responderam que seria para aprender (matérias em geral, ler e escrever, fazer conta e troco, a trabalhar), 17,6% responderam que a escola servia para conseguir emprego (saber trabalhar, ter uma formação profissional) e apenas 1 estudante (de 102 respostas) respondeu que a escola tinha finalidade de fazer amigos.

Gráfico 17 – Papel da escola no olhar dos estudantes



Em uma outra parte do questionário foi pedido aos estudantes que respondessem qual o sentido da escola de ensino médio em até 3 palavras, como resultado desta pergunta foi criada a nuvem de palavras da Figura 4, em que o tamanho da palavra é diretamente proporcional ao número de respostas obtidas no questionário. Foram obtidas no total 57 diferentes respostas, as quais foram feitas aproximações como: “Vestibular” representando palavras como “ENEM”, “Provas de vestibular” entre outras; Preparação representando “preparo”, “preparação para a vida”, etc.; “Universidade” também representando as citações de “faculdade” e outras pequenas aproximações como “socializar” e “socialização”. Alguns termos não foram considerados (22 do total) por terem sido citados apenas uma única vez.

Como destaques na imagem podemos citar a presença da palavra com “Vestibular” com grande destaque, algo que não foi visto na pergunta anterior. O resultado era esperado por se tratar de uma escola com altos rendimentos no ENEM e que tem como foco o vestibular. Da mesma forma é presente com intensidade o termo “Universidade” que também pode ser uma referência ao preparo para o ensino superior, destino que a maior parte dos estudantes afirmou seguir.

Por outro lado, houve um número significativo de respostas com as palavras “formação” e “preparação” que podem ser interpretadas como uma forma direcionada ao vestibular, mas também de preparo para a vida adulta. Outro ponto a se destacar foi o destaque para o termo “socializar” que já havia sido destacado pelos estudantes na pergunta anterior que limitava a resposta a determinados termos.

Figura 4 – Qual o sentido da escola de ensino médio?



Esse resultado um pouco diferente pode ser explicado pela formatação da pergunta, enquanto na primeira lhes foi possibilitado um número limitado de respostas e a possibilidade de marcar quantos desejassem, na segunda pergunta, poderiam responder quaisquer palavras desejassem, mas poderiam escolher apenas três. Outra razão seria o fato de que a primeira pergunta usa o termo “escola” de forma solitária, fazendo referência a todo o ensino básico, já a segunda usa o termo “escola de ensino médio”. Essa restrição pode levar a ideia de que a escola tem como propósito a socialização, mas o principal sentido do ensino médio na visão destes estudantes é o vestibular.

Analizando o contexto desses estudantes, pertencentes a uma escola de alto rendimento no ENEM, é possível compreender o porquê do aparecimento repetido da palavra e seus derivados, os estudantes dessas escolas costumam ter uma forte preparação para estas provas e a mentalidade da escola aponta para esta direção, tanto de forma institucional quanto no reflexo da visão dos responsáveis que optaram pela matrícula em uma escola deste tipo.

Um termo bastante citado foi “pensamento crítico”, essa resposta aliada ao clamor por aulas de direito e cidadania, podem ser vistos como um bom sinal na direção de uma maior compreensão do cenário político e social vivido. O ensino médio, depois de muitos anos, tornou obrigatório ensino de Filosofia e Sociologia, conteúdos que enriquecem o conhecimento humano dos discentes e podem colaborar para a melhor elaboração de políticas educacionais revolucionárias no país.

Ao analisar essa resposta é necessário voltar a sociologia da juventude. A literatura sociológica europeia (CALVO, 2005; PAIS, 1993) e latino-americana (KRAUSKOPF, 2004; ABRAMO, 2005) constata que os marcadores tradicionais da entrada na idade adulta mudaram. Rompe-se então com aquela expectativa criada na primeira modernidade, na qual a juventude findava com a saída da escola, a entrada no mercado de trabalho e a saída da casa dos pais. Experiências hoje são mais ou menos simultâneas e as transições entre a suposta maturidade se tornam reversíveis, do tipo “ioiô”, segundo Pais (1993).

Porém, se o processo de transição não é mais linear, a socialização se torna múltipla e ativa. Peralva (1997) ressalta que quando o tempo de amadurecimento tem ritmo acelerado, pode ser criado um espaço entre a geração mais velha e a mais jovem, do que decorre a tensão geracional. Esses jovens clamaram por direitos e acesso ao conhecimento de cidadania, mesmo com toda a pressão do vestibular, inflada em jovens de escolas com alto rendimento. Esse resultado pode ser um indicativo que eles não se sentem ouvidos, por isso se faz necessário perguntar a estes quem eles realmente são, o que esperam da escola e das videoaulas. Esses questionamentos foram levados à roda de conversa para possíveis respostas.

5.3

O que pensam estes jovens estudantes acerca da juventude, das videoaulas e do ensino médio?

Como descrito na metodologia a roda de conversa se estruturou de uma forma livre pela qual o pesquisador propôs questionamentos previstos em um roteiro, mas os jovens estudantes tiveram a liberdade de falar como desejassem. Os estudantes pertenciam ao terceiro ano de ensino médio de uma escola de alto rendimento no ENEM na Barra da Tijuca, bairro nobre da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A roda foi estruturada em quatro eixos norteadores e os nomes dos jovens estudantes foi ocultado e substituído por nomes aleatórios em língua inglesa.

As duas primeiras discutiam o momento de vida deles, o primeiro abordava a realidade como estudantes de Ensino médio e a segunda quais eram as expectativas acerca do futuro após a escola. O terceiro eixo trazia reflexões acerca da juventude e dos anseios que marcam essa etapa de vida. Por fim o quarto e último eixo trazia falas relacionadas ao recurso das videoaulas.

O texto será dividido em eixos analíticos que irão problematizar as falas destacadas dos jovens participantes em diálogo com os objetivos investigativos deste trabalho. Assim, os objetivos nesta etapa da pesquisa foram entender melhor as mudanças do ensino fundamental para o ensino médio, os anseios para o fim desta etapa e quais são os pensamentos acerca do futuro, quais são as experiências vividas no segmento de ensino médio, quais são os desafios da etapa de juventude e como se sentem em relação a sociedade e por fim descobrir quais são as preferências em relação ao uso de videoaulas em suas rotinas de estudo. Como este debate nas rodas de conversar irá se relacionar com o capítulo anterior, isto é, apenas as apostas, as conclusões dessa integração encontram-se no fim do capítulo

5.3.1 Ensino Médio: as expectativas por uma nova etapa e a lógica performática

Ao questionar os estudantes sobre quais seriam os principais pontos positivos e negativos da passagem do ensino fundamental para o ensino médio, os alunos iniciaram propondo reflexões e falas relacionadas ao aumento de maturidade e produtividade como estudantes. Um estudante afirma:

Eu sou bem mais produtivo na questão ser estudante, antes eu chegava em casa e era Youtube o dia inteiro, mas você pode acabar caindo naquele buraco de que você tem que estudar o tempo todo. Eu conheço pessoas que a saúde mental está deteriorando seriamente. John

A afirmação acerca da produtividade vem carregada de uma exaustão, alguns estudantes reforçam a fala de como a mudança pode ser cansativa e carregada de uma pressão por resultados. Oliveira (2003) também apresentou resultados em que os jovens analisados parecem cansados de tanto esforço e exigência. O estudante James afirma que se sente mal por saber que deveria ter estudado mais, já o estudante Harry afirma que mesmo sabendo que precisava rever determinado conteúdo de química, ao chegar em casa, deitou-se e não conseguiu levantar-se. Outra estudante apresentou um contrabalanço em relação ao aprendizado nessas circunstâncias:

Mas também não adianta nada você se cobrar em uma coisa de estudar e tipo assim você está totalmente cansada, logo não vai absorver nada. Eu tô numa paranoia bizarra porque tô muito cansada, sinto muita pressão, tem dia que chego em casa tô quase explodindo. Eu chego muito exausta. Beth

Ao analisar essas falas podemos comparar com o estudo Aguiar e Conceição (2009) que constatou, por meio de uma abordagem qualitativa, as respostas sobre expectativas em relação ao ensino médio por estudantes do último ano do ensino fundamental de uma escola privada brasileira. Ao serem questionados sobre os pontos positivos e negativos dessa transição, 65,28% responderam que a pressão, tensão, cobrança e falta de tempo eram pontos negativos. De todas as categorias à disposição ela foi a mais citada.

Stephen Ball e Alan Cribb (2005) acreditam que o fenômeno da política de privatização das escolas e suas práticas estão criando novos espaços éticos e novos grupos de objetivos, obrigações e disposições, um dos quais Ball chama de performatividade que “é uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação que emprega julgamento e comparação como meio de incentivo, controle, atrito e mudança com base em recompensas e sanções (tanto materiais quanto simbólicas)” (BALL, 2003, p. 216).

O pesquisador sugere que a performatividade produz opacidade e ao mesmo tempo transparência na medida em que exige do indivíduo e/ou organização muito cuidado na construção ou manutenção da fabricação. "O novo trabalhador de desempenho é um sujeito empreendedor com uma paixão pela excelência" (BALL, 2003, p. 215). Essa procura por excelência é marcante na escola estudada e pode ser uma das respostas para a alta procura de videoaulas.

Outro aspecto relacionado à pressão relatada, é a falta de momentos de ócio e diversão, a estudante Rachel afirma que em certos momentos é tanto estudo que não tem vontade de sair para encontrar os amigos nos finais de semana, prefere passar o domingo em casa para que possa se recuperar. Os demais alunos afirmaram compartilhar da mesma vivência. O estudante John reforça ao afirmar:

Tem um lado negativo do ensino médio que é a pressão, você não tem essa pressão em nenhum outro ano, meu sonho é voltar pro fundamental, agora eu quero voltar. John

Tempo livre, lazer, espaço para produzir cultura, estar com os amigos, socialização, isso faz pare do que Dayrell (2003) classifica como cultura juvenil, assim a ideia de juventude deve ser vista como algo polissêmico e que só pode ser interpretado junto a um estudo da realidade do tempo e espaço em que o jovem está inserido. O autor critica a forma tradicional de ser classificar a juventude em sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente.

O autor segue dizendo que os jovens são seres humanos e por isso, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida. A partir de sua vivência, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. O autor acredita que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém (DAYRELL, 2003).

Percebe-se nas conversas com os jovens desta pesquisa que o principal motivo para essa pressão na ótica dos estudantes e o pouco espaço para “viver a juventude” é o vestibular, porém foram feitas reflexões acerca da posição em que eles estão inseridos na sociedade., os jovens pertencentes a

uma classe média, com seus privilégios e suas cobranças. Os jovens estudantes Ted e Beth, em uma reflexão autocrítica afirmam:

A gente está num colégio de elite, nós somos os mais preparados para passar em tese, se você não passar você pode acabar tendo uma crise tipo depressão, se eu não passar esse ano eu vou sentir uma incompetência. Ted

Eu ficaria muito desanimada (se ela não passar no vestibular), se a gente não passar parece que tudo que a gente passou, todos esses anos, foi tudo em vão. Beth

Essa percepção também foi presente no estudo de Aguiar e Conceição (2009), os jovens se mostraram preocupados e angustiados, em especial na relação de entrada na universidade federal. Alguns relatos foram: “Se não passar na UnB não ganha carro!”; “Tem que ser na UnB!”; “Toda a família passou na UnB, eu vou ter que passar!”. Oliveira (2003) constatou que nas camadas sociais à qual esses jovens pertencem, classe alta e média alta, há uma intensa cobrança por resultados.

Essa busca por resultados e a pressão criada por ela pode se relacionar com o modelo de escola, focado em competição é algo marcante não só pela instituição, mas também pelo Estado. Lopes e López afirmam que a compreensão restrita do currículo como conteúdos a serem validados por sistemas de avaliação centralizados nos resultados e os consequentes rankings de escolas e de alunos são apenas algumas das evidências públicas dos discursos produzidos por essa cultura.

As autoras seguem afirmando que ao analisar documentos relativos ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é possível notar que a existência de provas externas como esta apontam para a construção desse discurso favorável à cultura da performatividade proposta por Ball (2003).

Ball (2003), em sua obra, aponta para uma forte relação entre a cultura de performatividade e o crescimento de escolas privadas. Uma das razões apontadas pelos jovens estudados para a pressão por resultados é o alto investimento financeiro feito pelos seus responsáveis. Os altos valores de mensalidade podem servir a estes jovens como razões para se sentirem privilegiados e com isso pressionados a atingir o objetivo de aprovação no vestibular.

O modelo institucional de escolas com o foco na aprovação para o vestibular é rico em práticas competitivas que pode ser relacionada a cultura proposta por Stephen Ball como a criação de turmas

baseadas em notas, rankings criados a partir de resultados em simulados, entre outras práticas observadas em escolas que possuem rotinas semelhantes a cursos pré-vestibulares.

Além da pressão por resultados e da busca constante por maior produtividade, os estudantes ao compararem a etapa de ensino fundamental e ensino médio, trouxeram a lembrança de que se sentem hoje mais maduros e autônomos em relação à etapa anterior.

Essa relação de avanço nos níveis de escolaridade com o desenvolvimento de maior maturidade também foi percebida por Aguiar e Conceição (2009), na pesquisa destes autores, a categoria mais citada como pontos positivos da mudança do ensino fundamental para o ensino médio foi a autonomia, liberdade, maturidade e independência, com 34,17%, com respostas como: “*Mais liberdade*”; “*É o tempo de amadurecer, crescer e aprender*”; “*Amadurecer como pessoa*”; “*Mais preparada para a vida*”.

Novaes (2007) afirma que a concepção moderna de juventude tornou a escolaridade uma etapa intrínseca da passagem para a maturidade. Mas o que seria essa maturidade na concepção dos jovens hoje? O termo maturidade está associado ao período juventude em que estes seres tomavam sua primeira (e muitas vezes única) decisão importante relacionada à carreira em suas vidas (SUPER ET AL., 1996). Para os jovens da pesquisa, o conceito de maturidade vem atrelado ao poder de escolha em relação ao seu futuro, mais especificamente ao poder de decisão em qual universidade e qual curso deseja cursar.

Junto ao fato de os estudantes se sentirem mais autônomos, refletem como positiva a maior proximidade com seus professores que se sentem confortáveis para dialogar sobre a vida, carreira e outros assuntos. Isso pode ser percebido nas falas a seguir:

Mas também no ensino médio, uma coisa positiva, na cabeça dos professores a gente tem uma maturidade muito maior, então a gente tem uma liberdade para perguntar sobre coisas da vida além do vestibular, sobre carreira e tal. O fato deles (professores) estarem mais na nossa realidade cria um clima bem mais suave para a gente aprender. John

No ensino médio eu comecei a perceber os professores como gente também, (outros concordam) antes eu o via como alguém que estava ensinando e só. James

Essa frase final, traz uma importante percepção de um estudante com relação a figura do professor. Ao serem questionados que faz uma aula ser boa, a maioria dos estudantes destacou a interação como fator importante, essa ação é mais eficaz quando há uma conexão entre o docente e o estudante, a proximidade de gostos e vivências aumenta com a chegada do ensino médio. Mesquita (2020) encontra resultados semelhantes, que reforçam a importância do aspecto relacional e da interação proposta pelo professor, como destacado na fala dos estudantes participantes da pesquisa:

“O bom professor é aquele que me faz querer aprender, precisa também ser alegre, bem-humorado [papel motivador], mas para isso ele precisa interagir com a turma, permitir que o aluno participe para conhecê-lo [característica relacional], e a sua aula tem que ser dinâmica, diferente, quando a gente não fica copiando do quadro o tempo todo [metodologias interativas]. (Aglutinação dos relatos dos alunos do 3o ano elaborada pela autora). (MESQUITA, 2020, p. 217)

Além disso, com a maior maturidade, os estudantes passam a ver o professor de uma forma mais relacional, e menos autoritária. Esse aspecto não é presente nas videoaulas, sendo a razão para que a maioria dos jovens participantes vejam o recurso como complementar a aula presencial. O estudante Ted, nessa linha de pensamento afirma:

Se sentir confortável dentro de sala me ajuda na forma de absorver conhecimento. Você se sentindo em um patamar aproximado do professor, vendo-o agir normalmente, é uma coisa mais fluida, você não vê o professor como diferente ou como um ditador de sala, você acaba vendo as vezes até como amigo e vai ficando cada vez mais confortável em sala para qualquer tipo de relação, inclusive o aprendizado. Ted

Em relação à maturidade, ou seja, o aumento de decisões acerca do futuro, alguns estudantes afirmaram que ela veio de forma mais abrupta. Houve estudantes que responsabilizaram a pandemia, uma vez que iniciaram os estudos no ensino médio de forma presencial, mas após um mês, entraram no modelo de ensino com aulas virtuais ao vivo. Casagrande e Alonso (2022) lembram que os jovens do Ensino Médio não ficaram alheios às consequências de uma adaptação abrupta nesse ano letivo. As autoras afirmam que as preocupações foram ainda maiores, por conta da insegurança com o

desempenho nos exames vestibulares que se mantiveram nos moldes, gerando anseios, essa mudança será detalhada no próximo eixo.

Por outro lado, o estudante John afirmou que o principal desencadeador de maturidade foi o vestibular:

Essa questão de maturidade para mim só bateu mesmo no terceiro ano, por ser um ano de vestibular. Olhando para trás, eu poderia estar muito melhor preparado se eu tivesse consciência, se eu soubesse o que estava por vir, mas é muito difícil querer maturidade de um aluno de 14, 15 anos. John

Ele depois reflete que a maturidade vem acompanhada da responsabilidade, alguns estudantes afirmam que mais do que a responsabilidade eles mudam pela pressão por resultados. Eles afirmaram que em certos momentos se sentem imersos no meio que é o vestibular.

Estudar pro vestibular parece que tô fugindo das coisas reais, é como se você fosse para outra dimensão. Eu não consigo sair mesmo quando não estou estudando, não consigo dormir sem pensar nisso, no dióxido de carbono e tal. James

Por fim é possível concluir que estes estudantes passaram por inúmeras mudanças com a chegada e agora o fim do ensino médio como pandemia, a maturidade com o número de decisões de vida a serem tomadas e muitas outras. A juventude vista nessa classe é marcada pela pressão por resultados e a necessidade de buscar de forma autônoma maneira de melhorar suas chances no vestibular, o que traz as videoaulas como recurso para complementar seus estudos. Seguirei agora para detalhar melhor como a pandemia impactou nos estudos destes jovens-estudantes,

5.3.2 O impacto da pandemia da COVID-19

Ao refletir sobre a entrada no ensino médio, os jovens participantes trouxeram em diferentes momentos falas e anseios relacionados ao momento pandêmico. Vale lembrar que o grupo de alunos participantes se encontram em 2022 no 3º ano do ensino médio, sendo assim, iniciaram o ensino médio em 2020, exatamente no início da pandemia. As transformações que normalmente acontecem com a entrada no ensino médio, vieram carregadas com um “tempero” a mais, o fechamento das escolas e uma nova forma de ensinar, o ensino remoto emergencial (BRASIL, 2020). Um dos estudantes, James, relata esse momento de mudança:

Professores diziam que a pressão no ensino médio ia ser maior, criei uma enorme expectativa para a mudança de comportamento nos primeiros dias, veio a pandemia e mudou tudo. A pandemia impactou muito, eu tinha as mesmas obrigações, mas não tinha o professor e o espaço, tudo se tornou muito abstrato. Eu acho que não tinha a maturidade de perceber que eu tinha que estudar mesmo não estando na escola, eu sou um estudante independente de onde eu estou. James

Para Miliauskas (2020, p.5) “não se devem ignorar as consequências deletérias do isolamento social à população, dentre estas o adoecimento mental de adolescentes”. Por isso tornam-se relevantes pesquisas como esta que buscam escutar os jovens que tiveram que passar por esse momento pandêmico como estudantes.

Nos dias atuais, existe um grande questionamento quanto à necessidade de reinventar a escola, como afirma Candau (2020), uma vez que a perspectiva tradicional do trabalho do docente como detentor do saber e os alunos como seus meros espectadores não atende mais as necessidades da sociedade atual, em especial após a pandemia. Santos e Pischetola (2022) afirmam que a maioria dos docentes, a partir de seus dados, demonstra facilidade para usar os recursos tecnológicos apenas no âmbito pessoal.

No contexto pedagógico estes não acreditam na sua capacidade para usar as tecnologias na sala de aula. O momento de pandemia reforçou a necessidade do uso de tecnologia em sala de aula, as mesmas autoras apontam que a educação continuada pode ser o caminho para o aprendizado. O uso adequado das TICs em sala de aula pode reduzir essa sensação percebida pelo estudante James de que apenas a escola como espaço físico é um ambiente educacional,

Além disso, estes estudantes apresentaram queixas emocionais, além de clamarem por aulas sobre saúde emocional, quando questionados sobre novas temáticas para o ensino médio, esses jovens

sofreram com o distanciamento social, foram retirados deles um dos aspectos eleitos como fundamentais da escola que é a socialização.

John, jovem participante, afirmou que a pandemia influenciou diretamente na relação com seus professores. Como não havia uma interação de qualidade, o clima se perdia e ele não conseguia ter atenção as aulas. Mesquita (2020) afirmou que a dimensão relacional é importantíssima na ótica dos jovens estudantes. Os participantes desta pesquisa reforçaram essa necessidade por trocas com seus professores, tanto ao destacar a interação como marco mais importante em uma aula presencial como destacar que a falta de interação é o maior problema das videoaulas.

Assim, também Harry e Ted, lembram sobre o comportamento dos estudantes nas salas de aula com a volta às aulas presenciais, após meses de encontros apenas remotos:

No último texto motivador da redação que fizemos, tinha um trecho sobre como o jeito que os alunos estavam se relacionando com os professores na volta da pandemia estava muito ruim. Eles não têm limite. Harry

Em conversa com a coordenadora, eu soube que os casos de alunos na orientação pedagógica de indisciplina aqui na escola triplicaram. Ted

O que se pode refletir sobre essa “indisciplina”? Carrano e Dayrell (2014) já afirmavam que a indisciplina era um dos pontos marcantes da juventude, em seu texto, eles contam que a indisciplina costuma ser o principal problema apontado em pesquisas sobre cultura escolar de ensino médio. Algumas manifestações criticam a “falta de respeito” com os professores, nas relações agressivas entre os próprios jovens, na agressão verbal e física, na “irresponsabilidade” diante dos compromissos escolares além da “dispersão” devido ao uso de celulares, mesmo na sala de aula. O que se mostra na fala desses alunos é que essas ações se mantiveram e a frequência aumentou devido ao tempo de aulas remotas em que eles (os jovens) não eram fiscalizados.

Outro relato apresentado, é a dificuldade no processamento de tantas novidades em um momento tão solitário que foi a pandemia, como novos componentes curriculares (biologia, física, química e outros), novos horários, simulados para o vestibular, entre outras novas responsabilidades. Os estudantes durante esse período perderam uma das principais razões as quais buscavam e viam sentido na escola, a socialização. O aluno James relata:

Na aula de sociologia durante o começo da pandemia, eu assisti a aula chorando por toda a situação de risco a minha família e de estar preso em casa. Eu não estava na menor condição de lidar com aquilo tudo, era muito pra conciliar. Eu tinha que estar lá porque sou estudante então tenho que estudar, mas é muito difícil quando tudo a sua volta não ajuda. James

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei no 9.394/96, a escola deve exercer um papel humanizador e socializador, além de desenvolver habilidades que possibilitem a construção do conhecimento e dos valores necessários à conquista da cidadania plena. Com a pandemia o aprendizado sobre como se colocar em sociedade tornou-se ainda mais complexo uma vez que os jovens estavam isolados em suas residências e o único contato com os colegas era virtual. Essa ausência de relações escolares e a manutenção apenas das relações familiares demonstrou a importância da escola como construtor de conhecimento e também do papel socializador, visto que os estudantes retornaram as escolas com comportamentos diferentes daqueles que tinham no momento pré-pandemia.

Além da socialização, outro impacto percebido foi na saúde mental dos jovens estudados, como visto no relato do aluno James. Vasquez (2021) analisou estudantes de ensino médio de São Paulo na pandemia e concluiu no que se refere à saúde mental dos estudantes, foram observados, “10,5% para sintomas depressivos graves e 47,5% para sintomas ansiosos graves. Além disso revisões sistemáticas na literatura forneceram evidências de que tais porcentagens tenham aumentado significativamente durante a pandemia” (p.14). Por fim ainda afirma: “A vida sem escola durante a pandemia misturou estes tempos e espaços, impactando no aprendizado e na saúde mental dos estudantes.” (VASQUEZ et al, 2021, p.15).

A partir de tantos relatos sobre as mudanças vividas no momento de transição do ensino fundamental para o médio e influência da pandemia, os participantes foram convidados a responder qual seria o sentido da escola e do ensino médio na concepção deles. De forma unânime e imediata os alunos responderam que seria o vestibular.

Charlot (1996) propõe a ideia de que para o aluno estudar e aprender, a escola deve fazer sentido, isto é, ter algum significado a ele. Isso deve ao fato de que o aluno aprende quando constrói sentido e se apropria de um saber. Em estudos sobre o sentido de escola, como Mesquita e Pischetola (2022) apontam para o sentido de conhecimento, sociabilidade e ascensão social, esta terceira ligada

ao público que pertence a classes sociais menos favorecidas. Esse contraste pode ser relacionado ao perfil socioeconômico, os jovens desta pesquisa por pertencerem a classes mais favorecidas, focam mais no sentido de obtenção de conhecimento e aprovação no vestibular, isso também pode estar ligado a lógica performática de Ball.

Porém, ao longo da roda da conversa e do estímulo a reflexões, um dos estudantes refletiu que na visão dele a pergunta é bem profunda pois ele tem a visão de que a amizade e a socialização seria o principal sentido, algo que já havia sido constatado nas respostas do questionário. Após essa fala, os demais estudantes também concordaram totalmente ou em certos casos parcialmente. João ainda afirmou que a socialização seria o principal sentido da escola, até a etapa de ensino fundamental, isto quer dizer que no ensino médio não. Ted gera uma reflexão neste sentido sobre porque vai a escola:

É aquela parada, você vai pelo vestibular, mas também pensa que é lá que vou ver meus amigos. Imagina você ir para escola e não ter ninguém que você gosta na escola, seriam um inferno. Ted

Segundo Charczuk (2021), alguns traços dos estudantes de ensino médio na pandemia foram destacados como: falta ou dificuldade de interação; deslocamentos da prática; ausência de convivência entre adolescentes com colegas e professores; dificuldades de comunicação e a interação com os professores; dificuldades de acompanhamento dos assuntos curriculares; atitudes dos alunos denunciam a não compreensão dos assuntos. Todos esses relatos são semelhantes aos reportados pelos jovens estudados que sentem em especial a falta de interação e falta dos colegas em sala.

Com os resultados da roda de conversa atrelados aqueles vistos no questionário é possível observar uma clara necessidade por interação, o que contrasta com o momento vivido na pandemia e no uso de videoaulas, a tese de doutorado de Gomes (2021) também sustenta este ponto. Por outro lado, é possível concluir que na ótica destes estudantes o principal sentido da escola é o vestibular, ou seja, a aprovação para o ensino superior. A partir deste ponto podemos avançar para o próximo item para entender como esses alunos enxergam os vestibulares.

5.3.3 Vestibulares, como podem mudar?

Os estudantes ao serem questionados sobre os anseios para o seu futuro, demonstraram grande expectativa para a nova etapa de vida, vale lembrar que Klein e Arantes (2016) afirmam que a juventude tem sido relacionada como uma preparação para o futuro, esta definição pode ser vista na forma de pensar destes alunos que enxergam o ensino médio como uma etapa de preparação para a universidade,

Essa visão característica destes alunos é presente em diversas escolas de classe média, Alves (2000) conta que os próprios pais por imaginar os filhos nas universidades, por imaginarem também que um diploma vai lhes garantir segurança econômica, exercem pressões sobre as escolas para que se transformem em instituições dedicadas a "preparar para os vestibulares". Boa escola seria aquela que segue os modelos dos cursinhos.

Rubem Alves segue dizendo que: “os professores que preparam as questões para os exames vestibulares, cada um mergulhado nas particularidades da sua própria disciplina, nem de longe imaginam que, ao elaborar uma questão, estão determinando os rumos da educação no Brasil” (ALVES, 2000, p.16).

Alguns estudantes acenaram a ideia de que o ensino médio apresenta uma grande quantidade de conteúdos que não sentem ser importantes a sua vida, referindo a etapa como momento de desperdício de tempo. Isso foi confirmado no questionário com pedidos por novas disciplinas no segmento com um enfoque na vivência e no cotidiano. A fala de John, citada abaixo, relaciona essa pressão por resultados à expectativa para a vida na universidade.

Eu tenho a sensação de que quando eu passar no curso que eu quero, (medicina) seria como se eu estivesse saindo debaixo d'água e finalmente poderia respirar. A pressão que você tem é um pouco diferente na faculdade, você vai atrasar sua vida se você não passar no vestibular perder tempo aprendendo coisa que você não vai usar. John

A última fala, demonstra um anseio para o futuro universitário, os estudantes demonstraram em falas como eles sentem que o ensino médio precisa de reformulações. Uma reformulação já mencionada na dissertação é o “Novo” Ensino Médio (BRASIL, 2011), que traz um direcionamento por áreas de ensino, enquanto um estudante afirma ter medo dessa mudança por restringir os conteúdos, houve alunos que se mostraram interessados em poder aprender mais sobre o que gostam e menos sobre os demais conteúdos. Alguns relatos foram:

A gente aprende muita coisa inútil que não vou usar na vida, eu por exemplo não vou trabalhar com nada de biologia ou geografia ou história, eu acho importante estudar essas matérias, mas estudar uma coisa básica, não algumas coisas muito específicas, o que acaba deixando a gente sem aprofundar no que a gente gosta. Rachel

Tem que lembrar que essas matérias tipo geografia e história são importantes para nossa formação como cidadão e ter pensamento crítico.” Matthew

Mas aí eu não tô nem aí pro Bromo, para ligação covalente, são conteúdos que não tem utilidade na minha vida. Ted

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 2111986/CA

É possível notar que há um debate grande sobre quais conteúdos devem ou não ser reprimidos ou acrescentados no currículo, alguns detalharam que aprenderam por colegas que moram em outros países que o Brasil é um país “conteudista”. Essa classificação segundo eles faz referência ao fato de certos conteúdos aqui ensinados no Ensino Médio, só aparecem para alunos universitários em outros países.

Costa e Silva (2019) contam que a reforma do Ensino Médio foi feita com a orientação e supervisão de organismos internacionais, como o Banco Mundial (BM). O governo brasileiro reorganizou sua nova agenda educacional voltada para atender a uma lógica de mercado, retomando a figura do professor com notório saber e retirando e/ou flexibilizando disciplinas além de substituir a educação pela aprendizagem por competências.

Os autores seguem afirmando que essa substituição da organização curricular disciplinar por itinerários formativos específicos e sem haver uma obrigatoriedade da área de ciências sociais, atende a funções meramente utilitaristas, suprimindo a função escolar de formação para a cidadania. Uma das disciplinas clamadas pelos estudantes participantes dessa pesquisa foi justamente direito e cidadania, visto que sentem que não saem preparados da educação básica no entendimento dos seus direitos e deveres.

Miguez e Sislian (2016) comparam a educação brasileira com a finlandesa, e percebem que uma crítica constante em nosso país é o fato de alunos não estarem aprendendo. Uma explicação proposta pelos autores é que eles talvez não precisem de tudo que nos propusemos a lhes ensinar.

Eles afirmam que o nosso currículo pode estar em descompasso com as necessidades de nossos estudantes. Os autores ainda comentam que nossas escolas talvez estejam marcadas por modelos conteudistas com um padrão de interação professor/alunos restritivo e por isso seja tão difícil para nossos alunos, que por sua vez estão acostumados a uma multiplicidade de estímulos simultâneos em suas rotinas como seus celulares, se adaptarem a um padrão tão limitado de transmissão de conhecimentos.

Júnior, Giordano e Damasceno (2022) destacam, porém o outro lado da reforma do Ensino Médio, eles ressaltam que cada Unidade Curricular é composta de novos componentes inéditos que são idealizados para o aprofundamento dos saberes em cada área do conhecimento (Linguagens e Suas Tecnologias; Matemática e Suas Tecnologias; Ciências da Natureza e Suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Formação Técnica e Profissional). Essa possibilidade permite que as escolas desenvolvam novos componentes mais próximos à futura realidade do aluno, como a educação financeira, mas é necessário destacar que essa medida pode aumentar a desigualdade visto que a proposição desses novos componentes depende do corpo docente e da gestão da escola.

A partir desse debate foi questionado quais são as visões deles acerca do uso dos vestibulares como forma de acesso ao ensino superior. John afirmou que não pensa em mudar para outro país, mas sinaliza um elogio ao sistema americano de acesso às universidades:

Acho que o sistema deles é bem legal, a universidade vê seu boletim a partir do seu ensino médio, o que te faz ser um aluno regular, te faz manter suas notas. Depois você faz uma provinha de matemática e inglês e tem todo o processo de entrevista, você tem que fazer trabalho comunitário que ajuda muito. John

Beth destaca também a importância de se valorizar outras inteligências além do conhecimento acadêmico, debate já proposto por Alves (2000, p. 16) que afirma os professores “não sabem que no simples ato de imaginar um problema eles estão determinando padrões de inteligência e padrões de conhecimento para todos os jovens do Brasil. O padrão de conhecimento refere-se à soma de informações julgadas necessárias e indispensáveis para se passar nos exames. O tipo de inteligência refere-se às operações mentais julgadas essenciais para o mesmo fim”.

Eu gosto muito do processo que valoriza muito o esporte, eu por exemplo sempre gostei de qualquer esporte, sempre me dei bem com isso, eu jogo vôlei. Por que eu não posso usar isso como uma forma de entrar aqui na universidade? Até posso jogar, mas não é valorizado.
Beth

Alguns alunos se mostraram de acordo com esse ideal, mas alguns sinalizaram que o Brasil precisaria de mudanças mais relacionadas com a fórmula do vestibular de início para depois haver um pensamento de mudança em relação a vagas para esportistas e outros tipos de acesso. A partir dessa reflexão os jovens estudantes foram convidados a refletir sobre a etapa da Juventude em que estão inseridos e quais são os maiores desafios, preocupações e mudanças, respostas as quais detalharemos no eixo seguinte.

A questão acerca do acesso as universidades já geraram um grande debate na literatura, Zitkoski (2015) afirma que a democratização da Universidade não deve consistir apenas na garantia de acesso, ou no crescimento da quantidade de vagas na universidade, para que mais jovens de classes mais baixas tenham alguma garantia do acesso nessa instituição que do ponto de vista histórico foi o espaço mais elitizado da sociedade brasileira.

Grande parte das políticas de educação superior na América Latina ainda são ditadas pelos organismos internacionais, são direcionadas pelo ideário neoliberal, em que as avaliações regulatórias, como o ENEM, classificatórias, baseadas na competição são exemplos marcantes desta realidade (ZITKOSKI, 2015). Santos (2005) propõe a ideia de repensar os diferentes espaços de sociabilidades, como o espaço da produção e o espaço mundial, a universidade.

Barros (1985) afirma que o vestibular é apenas o espelho das deficiências e limitações educacionais que se inserem em níveis mais profundos. Na época que foi escrito, o artigo retratava um vestibular unificado, semelhante ao vivido hoje com o ENEM, o autor segue a análise dizendo a legislação é rígida, inflexível e homogeneiza o vestibular de norte a sul do país. Barros (1985) em seu texto, propõe alternativas, uma delas seria a ideia de uma universidade acompanhar os últimos anos ou séries de escolas associadas, avaliando o seu padrão e passaria a reservar um determinado estoque de vagas para os seus egressos, em função do desempenho apresentado no histórico escolar. Algo que poderia acontecer com os já existentes Colégios de Aplicação como modelo.

Outra possibilidade proposta pelo autor é a ideia de substituição do vestibular por uma avaliação contínua realizada ao longo de um ano escolar integral. Esse modelo veio a aparecer depois

por algumas universidades como Universidade de Brasília com o vestibular seriado, que acontece em todos os anos de ensino médio. Essas e outras propostas como a dos jovens estudantes deveriam ser revisitadas pelas universidades, visto que a democratização da universidade não irá ocorrer por um mero aumento de vagas como afirma Zitkoski (2015).

Fica claro que os estudantes imersos no meio do vestibular e educados nesta direção de avaliações externas e rankings não concordam com a forma de acesso às universidades aplicado em que o nosso país. As novas tecnologias impactam positivamente no aprendizado dos estudantes por tentar igualar a multiplicidade de estímulos simultâneos que este tem em sua vida pessoal na sua vida escolar. Porém para que haja uma maior valorização de outras inteligências e que haja mais democracia no acesso universitário são necessárias novas políticas, mudanças estruturais que irão impactar na cultura escolar e também no papel dos docentes. Por essa razão se faz necessário entender quem são estes jovens que clamam por mudanças, detalharei melhor no próximo item.

5.3.4 Juventude e seus anseios

Neste eixo de perguntas o foco principal foi a juventude e como eles se sentem como jovens estudantes de ensino médio e como usam as videoaulas. O Ensino Médio é pautado pelo desenvolvimento de aprendizagens, da formação humana e da cidadania, ou seja, a preparação para a vida em sociedade. Ao questionar quais seriam as principais mudanças sentidas nos três anos que passaram de ensino médio, foram obtidas algumas respostas intrigantes, alguns afirmam que não houve tantas mudanças como Lily que afirmou:

Acho que mudou, mas não tanto assim, em relação a escola, mas minha maturidade mudou muito, e as pessoas a sua volta mudam muito. A gente pensa mais antes de falar. Mas o lugar continua sendo o mesmo.
Lily

Algo a se destacar é o fato de novamente os estudantes referendarem o aumento de maturidade, porém algo a se notar é a maior sensibilização na fala, os estudantes passam a perceber a importância de se atentar a sua fala, a mesma estudante complementar dizendo: “*uma coisa que eu*

acho que mudou foi que antes do médio eu achava que a escola formava robôs, mas agora não parece tanto". É possível notar a existência de um pensamento crítico por parte desses jovens, eles não mais pensam na escola como instrutiva e sim como um local de aprendizagem e formação humana.

Outro estudante, Ted, caminha para uma reflexão mais atrelado a sua vivência de mudança de escola, sair de uma escola religiosa para uma escola de alto rendimento no ENEM. Essa reflexão mostra talvez porque a instituição atinge determinadas notas, o contínuo estímulo ao estudo diário foi bem perceptível a esse estudante.

No meu caso, estar num colégio católico no ensino fundamental e mais fraco, ao vir para cá a grande diferença foi a mentalidade. Percebi que não cabia mais manter a mentalidade antiga de estudar um dia antes de prova. Eu percebi que não conseguiria manter quem eu era. Ted

Essa reflexão mostra uma autorregulação feita pelo estudante para se alinhar com os padrões de estudo da instituição. Ganda e Boruchovitch (2018) definem a autorregulação da aprendizagem como um processo de autorreflexão e ação no qual o estudante estrutura, monitora e avalia o seu próprio aprendizado. Há uma associação da aprendizagem autorregulada à uma melhor retenção do conteúdo, maior envolvimento com os estudos e melhor desempenho acadêmico.

A escola em questão fornece exercícios e demandas acadêmicas de forma semanal, o que força o aluno a manter uma rotina de estudos constante e uma reflexão sobre o aprendizado, além de colocar o jovem em uma lógica de memorização por repetição. O ensino mais marcante talvez seja o por transmissão tem o seu cerne nas exposições orais do professor, que transmite os estímulos aos seus alunos, em troca os alunos usam a sua atividade mental para acumular, armazenar e reproduzir informações" (SANTOS E PRAIA, 1992).

As videoaulas entram nesse contexto da autorregulação, com o maior envolvimento com os estudos e a autorreflexão na forma de estudar, muitos estudantes têm caminhado para esse recurso audiovisual por ser uma forma sintética de absorção de conteúdos, como os mesmos apontaram no questionário.

O mesmo estudante faz uma crítica a esse momento de vida, que é a pressão pelo vestibular que também foi mencionada por outros estudantes. Ele retrata um cenário em que o vestibular atua

como um meio no qual ele está imerso, como na teoria de McLuhan (1964), alterando assim não só sua rotina escolar, mas também sua rotina em casa.

Acho que o terceiro ano e o vestibular te aliena. Eu tomei um esporro da minha mãe porque o único papo que eu estava tendo com a minha família era faculdade, ENEM, ter que escolher a faculdade. Ela falou que é chato demais. Quando eu via videoaula no primeiro ano eu não sabia nem o que era ENEM quando ele falava. Hoje é só sobre o que eu falo. Ted

A relação de importância do vestibular na vida desses estudantes foi comentada por outros estudantes, mas também foi relacionada não só com a pressão de escolhas, mas também com a posição em que eles se inserem na sociedade, uma posição de privilégio. Dubet (2003) analisa de forma crítica que há uma desigualdade de oportunidade, ao analisar as escolas até o início dos anos 60, mostra que há uma distinção social gerando uma exclusão escolar. Ele afirma: “A escola primária acolhia as crianças do povo, o liceu, aquelas da burguesia, e o ginásio funcionava ao mesmo tempo como uma triagem e como a escola das crianças das camadas médias.” Sendo assim, são as desigualdades sociais que comandam diretamente o acesso às diversas formas de ensino.

No Brasil, por mais que não haja uma distinção por nomes, o acesso a escolas com um grande índice de aprovação nos vestibulares é restrito às classes mais altas por causa dos altos valores de mensalidades. O fato destes alunos estarem numa escola de alto rendimento no ENEM e pertencerem às classes mais altas permite a eles que o vestibular tome essa posição central nas suas preocupações, conforme pode ser visto nos relatos abaixo:

Preocupação como jovem hoje é passar no vestibular. Graças a Deus, pois tem outros jovens que tem preocupações piores John

Eu acho que isso é muito de cada um, cada pessoa amadurece numa determinada velocidade. Eu acho que a escola é um escape da vida lá fora, o foco é nos amigos e na educação. A vida é uma só, mas pra quem tem privilégio de pensar isso é de boa. Ted

Eu acho que uma das coisas mais relevantes e que sua perspectiva de como você vê sua vida é o dinheiro. Eu fico pensando que isso é uma

roda de conversa em uma das melhores escolas do rio de janeiro, imagina se você tivesse pessoas que não tem a mesma condição, acredito que teriam respostas muito diferentes. E suas relações com o estudo e suas obrigações. James

As respostas desses jovens estudantes mostram uma noção acerca das suas posições privilegiadas na sociedade, como já afirmado em outras respostas isso acaba por aumentar a pressão para alguns que se sentem na obrigação de conseguirem a aprovação no vestibular. Na tese de doutorado de Gomes (2021) não houve esse direcionamento em relação ao vestibular, por outro lado a percepção de que a escola não ensina para a vida também pode ser percebida.

E como estudantes dessa escola percebem também seus benefícios como na fala do aluno John que apresenta um pensamento de coletivo como jovens pertencentes a escola e que possuem um objetivo em comum que é a aprovação no vestibular aparece como motivador no estudo.

É verdade, você está num meio em que pessoas tem um objetivo comum ajuda muito. Eu já fui em escolas que ninguém ligava para nada e eu não ligava junto. Depois numa escola em que o pessoal se dedicava eu fiquei bem mais focado no vestibular. John

Por outro lado, alguns estudantes relataram preocupações acerca do futuro, como as decisões que tomam hoje impactam na vida deles alguns anos a frente, e outros se debruçaram sobre problemas ainda distantes, mas que são preocupações grandes da sociedade como desemprego e aposentadoria (KRAWCZYK, 2009).

Antes do primeiro ano eu pensava zero no que eu ia querer, agora no terceiro ano eu quero aprender várias coisas, investir, programar, se nada der certo pelo menos eu sei algo. Marshall

Eu acho que de preocupações, eu penso nas tendências, tipo taxa de desemprego, direitos trabalhistas tirados, será que eu vou conseguir me aposentar? Eu vou precisar me matar de estudar? Harry

Outra preocupação que foi aparente é a indecisão em relação à carreira. Alguns estudantes como John, citado abaixo, sente uma insegurança acerca de suas escolhas. Esse resultado também foi

visto por Aguiar e Conceição (2009) que obtiveram respostas como: “*Me arrepender*”; “*Escolher a profissão errada*”; “*Começar um curso e ter que parar no meio porque não é o que eu gosto*”; “*Descobrir que não gosto de trabalhar com o que eu escolhi*”. No caso do presente estudo a preocupação se mistura também a exaustão de talvez voltar ao momento da escolha da carreira, porém Soares (2002) afirma que o medo do arrependimento, de errar e perder tempo são temas recorrentes nos processos de orientação vocacional.

Eu gosto muito de medicina, biologia e tal, mesmo que muitos achem inútil conteúdos assim. Porém eu tenho aquele receio, no fundo, de que eu vou chegar lá, mesmo sendo uma carreira ampla, e não ser isso que eu estava pensando e eu ter gastado tanta energia para depois trocar de carreira. John

Esses jovens apresentaram momentos de preocupação não só em relação a vida próxima, mas também a vida daqui a 20, 30 anos. Essa expectativa também foi percebida no estudo de Aguiar e Conceição (2009) quando os estudantes que iriam entrar no ensino médio foram questionados sobre suas expectativas. Muitos estudantes fizeram referência ao medo do desemprego ou de que o mercado de trabalho seja desfavorável em relação à profissão escolhida. São exemplos: “*Se vou conseguir um bom emprego, se serei bem-sucedido*”; “*Se vou conseguir um emprego na área que queria*”; “*Tenho que estudar muito, fazer uma pós-graduação, estudar fora*”.

No presente estudo foi relatado também a relação que eles têm com o dinheiro. A grande maioria é pertencente a classes A e B, e alguns demonstram uma visão em que o dinheiro não é o foco e sim uma consequência do bom resultado da carreira que pretendem seguir, outros foram além e afirmaram não desejar uma vida de riqueza, como o estudante Matthew:

Com todo respeito em relação ao dinheiro, eu pelo menos não tenho nenhuma vontade de trabalhar para ser rico. Eu não quero ficar escravo do dinheiro, eu quero minha subsistência e um pouco de lazer. Matthew

Eles apresentaram uma consciência acerca da importância da riqueza em o que eles podem fazer como privilegiados. Essa preocupação com o futuro é característica da classe média como afirma Ball (2003), esse grupo em virtude da sua situação intermediária, são caracterizadas pelas

possibilidades de ascensão ou declínio social em razão da educação, isso pode responder esse clamor por melhora no status social com empregos e pós-graduações.

Isso pode explicar a existência de escola como a estudada que tem como intenção a preparação para o vestibular e também a forma que esses jovens comprometem a saúde mental em busca de resultados, a competição nesse estrato é grande e o uso intensificado das videoaulas pode ser uma resposta a essa pressão por resultados melhores e muitos desses estudantes usam este recurso como uma forma de complementar seus estudos e se diferenciar dos demais jovens com os quais competem por vagas na universidade.

Ainda relacionando com o vestibular e a vida universitária alguns estudantes relataram que hoje sua principal preocupação é o futuro próximo, mas que não se sentem confortáveis com a situação atual do país, e acreditam que o ensino superior em outros países pode ser a solução para os seus futuros.

Minha preocupação agora é o vestibular, mas mais do que isso é o que eu quero fazer no futuro, quem eu quero ser no futuro. Hoje eu penso até onde eu quero estar, eu não acho que o Brasil vai estar bem no futuro para eu fazer o que eu quero, então acho que pro futuro eu quero estudar lá fora. Eu tento economizar ao máximo com o que eu ganho para pensar no meu futuro. Rachel

Cada um tem a sua preocupação, hoje minha preocupação principal é passar no vestibular, mas eu também tenho a preocupação de morar em outro país, de sustentar meus pais, eu quero dar uma condição de vida melhor para eles. Eu sei que eles estão se esforçando para pagar uma escola de qualidade, eu não tenho dinheiro ilimitado, eu acho que eles investiram muito dinheiro em mim para não ter o retorno, eu me sinto pressionado. Ted

O mesmo estudante, Ted, segue ao ser questionado se ele se sente ouvido como jovem:

Eu me sinto ouvido? Pelos meus pais sim, pela sociedade não, porque ninguém escuta uma pessoa de 17 anos. Ted

O mesmo foi dito por outros dois estudantes, Matthew e John, que refletem na posição do jovem dentro da sociedade, afirmando que ao fazer parte da juventude, não tem poder de fala em assuntos que impactam no seu dia a dia, como até o currículo básico escolar. Carrano (2017) acredita que devemos incluir os jovens no desafio de uma construção pessoal e coletiva de conhecimentos chamados significativos, algo que estes estudantes acreditam.

O jovem do Brasil não é levado a sério. Matthew

Ninguém escuta o jovem, a gente acha química inútil, mas vai segunda e vai continuar tendo aula de ligações químicas. John

Carrano e Dayrell (2014) lembram que como diz a letra da música de Charlie Brown Jr, o jovem não é levado a sério. é uma tendência de a escola não considerar o jovem como interlocutor válido na hora da tomada de decisões importantes para a instituição. Isso também é sentido por esses jovens que não se percebem como participantes na construção da escola. Muitas vezes, ele não é chamado para emitir opiniões e interferir até mesmo nas questões que dizem respeito a ele, diretamente.

Os estudantes participantes claramente sentem que não tem voz na sociedade, porém ao refletirem sobre o cenário em que vivem, agradeceram a chance de participar da pesquisa, sabendo ser uma possibilidade de serem escutados e de amplificar suas vozes como jovens nessa sociedade. A partir dessa conclusão, eles foram convidados a seguir para o quarto e último eixo sobre as videoaulas.

5.3.5 Videoaulas: escolhas, objetivos e estilos de professores

Sales (2014) afirma que na atualidade, estamos vivendo em uma Ecologia Digital repleta de novas subjetividades criadas nas relações sociais estabelecidas por meio das tecnologias digitais, em especial nas redes sociais. A autora faz a comparação de que esse cenário, seria semelhante a ideia de máquinas e seres humanos serem fundidos em uma espécie ciborgue. Esses jovens então, seriam novas espécies, com habilidades, desejos, formas de pensamento e localização espacial diferentes,

ampliadas pelas tecnologias digitais. Faz necessário então entender como essas tecnologias podem auxiliar na aprendizagem, com o foco deste estudo sendo as videoaulas.

Como último eixo os alunos que disseram se ver sem voz, foram questionados sobre como é aprender em uma videoaula sem a interação presente no cotidiano escola, quais são suas preferências quando buscam esse recurso e como elas se relacionam com todo o contexto trazido até aqui. Os alunos mostraram uma concordância em certos momentos em outras discordaram, em especial sobre suas preferências, o que mostra que cada aluno tem uma procura diferente.

Quando confrontados sobre o uso das videoaulas e como era o aprendizado deles, os estudantes em sua grande maioria concordaram que o recurso não consegue substituir as aulas presenciais quando o foco for a aprendizagem de novos conteúdos. Alguns sugeriram que as videoaulas e as aulas gravadas em estúdios deveriam complementar o ensino básico presencial.

Aula gravada ou videoaula deveria ser uma ferramenta de auxílio, para suporte em matérias com dificuldade, ou pra suprir um feriado e tal. O ser humano é muito social, um recurso que não dá pra tirar dúvida, até da por comentário e tal, mas a questão do físico é vital, tem o olhar do professor, suas expressões não são lidas, mas a videoaula é mais versátil, você pode assistir a hora que quiser. Ted

Outro aluno James critica sistemas de ensino que sejam pautados em videoaulas, como hoje já pode ser visto em cursos pré-vestibulares como o Descomplica e no Ensino Superior com diversos cursos de EaD. Ele afirma: “Uma ou duas aulas com videoaula é bom, mas um sistema pautado em videoaula não é bom”.

Outros alunos destacam, assim como visto no questionário, a importância da interação para o aprendizado. Além disso, destacam que o ambiente frio dos computadores e celulares não são tão interessantes quanto uma aula presencial, eles afirmam que a atenção dada ao professor não é a mesma dada a uma tela com a transmissão de uma videoaula. Mesquita (2018) já destacava a importância do aspecto relacional e da interação na relação professor-aluno.

Você interagir com o professor permite você aprender muito mais do que só observar. Acho que a videoaula é um pouco inferior, mas não acho que é tão diferente assim para aprender o conteúdo. Mas não poder conversar com as pessoas tira a vontade de estar ali. Harry

É desinteressante ficar parados horas olhando pro computador.
Matthew

Se a educação fosse toda baseada em videoaula ia ter uma hora que ela cansaria e desestimularia, o professor te obriga de forma indireta a ter atenção e a presença de outros alunos também te faz prestar mais atenção. Beth

A partir desses relatos é possível identificar a importante figura do professor, que permite um diálogo com os alunos, facilitando a aprendizagem. Os estudantes contaram que passaram a ver o professor como alguém com quem podem se relacionar, ter trocas sobre o conteúdo e a vida e não uma figura autoritária. Vale lembrar que essa interação não está presente nas videoaulas e estes jovens apontaram como um dos aspectos que fazem falta nas videoaulas. Essa resposta também foi obtida por Gomes (2021) que, ao realizar um grupo focal recebeu respostas similares, uma aluna respondeu que busca videoaulas quando o professor não lhe dá atenção para tirar suas dúvidas, porém quando tem um professor atencioso, prefere a aula presencial.

Outro ponto que pode ser percebido, é a importância dos outros alunos, a existência de colegas de sala pode ser um reforçador da atenção e como já destacado no questionário, uma motivação para frequentar a escola. Foi percebido e debatido acima que para estes estudantes o principal sentido da escola de ensino médio é o vestibular, mas em posição secundária veem as amizades e a socialização como um grande motivador na frequência diária, tendo um aluno destacado que a escola sem seus amigos seria um “inferno”.

Vale ressaltar também que ao serem questionados sobre o sentido da escola em uma questão objetiva com opções, a socialização foi a resposta com maior número de apontamentos (93% concordavam ser um sentido da escola) enquanto 70,5% responderam que um sentido seria criar bases conceituais para a universidade.

A jovem Amy afirma, porém, que existe uma grande vantagem nas videoaulas que é possível pausar e avançar, que na visão dela é um importante aspecto deste recurso para alunos que apresentam uma timidez, que por sua vez não teriam a prática de tirar dúvidas em sala de aula. Esse resultado corrobora com o que foi visto na nuvem de palavras sobre o que faz uma videoaula ser boa, as palavras “controle” e “repetição” aparecem em destaque.

Acho que a grande vantagem da videoaula é que dar para pausar, da pra voltar, e acelerar. Como eu sou muito tímida, no presencial se eu não entender, eu não vou falar, na videoaula eu posso voltar. Amy

Esse ponto também foi percebido no trabalho de Gomes (2021) com um aluno relatando que se sente constrangido em perguntar a explicação de um professor após ele ter explicado, então a videoaula acaba sendo um recurso para evitar esse constrangimento e garantir sua aprendizagem. Esse resultado não representa a maioria dos alunos participantes, podemos observar a partir de respostas anteriores que a maioria dos estudantes se sente mais confortável com seus professores no segmento de ensino médio, não só para tirar suas dúvidas conceituais, mas para perguntar aspectos da vida adulta.

Por outro lado, essa resposta da aluna Amy pode representar uma vantagem para um público de estudantes tímidos que não conseguem obter suas respostas em sala de aula. Além disso é possível destacar na fala da jovem-estudante uma das vantagens mais vistas atualmente, a capacidade de acelerar vídeos. Essa função pode aparecer benéfica para alguns, mas deve ser vista com cautela, pois pode impactar na aprendizagem dos estudantes.

Outra estudante afirmou que outra vantagem seria o tempo das aulas, que em geral são curtas apresentando um caráter mais objetivo, o que pode ser uma vantagem quando o conteúdo não está sendo visto pela primeira vez. Essa resposta está em consonância com o que foi respondido no questionário, as palavras “rapidez” e “objetiva” apareceram em destaque quando questionado sobre o que faz uma videoaula ser boa. Ela afirma:

Acho que depende, agora que a gente tá no terceiro, a gente já viu todas as matérias, nesses casos acho que a videoaula é suficiente, porque a gente já sabe o conteúdo e a videoaula ajuda porque é supercompacta, pelo menos pro vestibular. A videoaula você vê o que você quer. Acho que a interação pode ser suprida por uma monitoria coisa e tal, mas para os mais novos não funciona. Lily

Gomes (2021) em sua tese de doutorado teve respostas similares de um aluno de terceiro ano, em que referiu ao valor importante das videoaulas no poder de síntese. Vale a pena destacar que na escola, objeto de estudo, assim como em muitas escolas voltadas para o vestibular, o ensino médio é

dividido em dois momentos. O primeiro que é composto do primeiro e segundo anos, os alunos são ensinados sobre todos os conteúdos pragmáticos do segmento e depois no segundo momento que é o terceiro ano eles apenas revisam e aprofundam os conteúdos já aprendidos anteriormente.

A partir desse debate sobre preferências, os jovens estudantes foram questionados sobre quais estilos de professores e de videoaulas mais agradavam na sua rotina de estudos. As respostas foram bem diferentes, cada um apresentando seu ponto de vista e esse resultado mostra que a diversidade de professores e de estilos de videoaula presentes na internet é um reflexo dessa diversidade de preferências.

É possível notar o pedido por uma rotina de estudos, característico da escola a qual estes estudantes pertencem, bem como o clamor por anotações visuais e a objetividade, outras características marcantes da instituição e de outras escolas com o foco no vestibular. A escolha nas videoaulas reflete o que foi possível concluir na ótica deles o que é o ensino médio, um momento de pressão por resultados e foco na aprovação para as universidades. Abaixo destaco algumas falas.

O professor que me agrada é aquele que me chama atenção constantemente. John

Para mim é aquele que fale de forma direta e que mude o tom e a rotina. Ted

Eu gosto daqueles que tem um momento de descontração, mesmo que online. Lily

Eu gosto de vídeos rápidos e bem objetivos, não faço questão da piadinha e tal, até pode ter. James

Eu preciso de algumas anotações atrás, tipo resumo e quadro e tal. Amy

Por fim, os estudantes debateram sobre a questão do tempo de uma videoaula. Mais uma vez não houve um consenso, a maioria disse ter preferência por vídeos curtos como afirmou Beth: “Impossível assistir uma videoaula de 40 minutos”. Por outro lado, uma outra estudante, Bruna,

afirmava não ligar para videoaulas de longa duração, afirmando apenas que nestes casos preferia deixar o celular longe para não distraí-la.

Essas opiniões entram em ressonância com os resultados obtidos por Gomes (2021) em seu trabalho em uma escola no interior da Bahia. Alguns estudantes entrevistados por ele relataram a procura por videoaulas curtas de até 5 minutos, outros estudantes afirmaram que momentos de descontração e piadas ajudam na memorização de conceitos.

Ainda tiveram comentários acerca do uso de esquemas como mapas mentais como destacado por uma jovem estudante da pesquisa e o uso de aplicações do conceito ao dia a dia, algo que foi presente nas respostas do questionário. Deve-se ressaltar então que o clamor pelas videoaulas em certas práticas de estudo como revisões são presentes em estudantes de ensino médio, não sendo algo particular do público participante dessa pesquisa.

Com esse debate a roda de conversa foi encerrada, foi possível conhecer diferentes opiniões relevantes e os próprios estudantes afirmaram ter aprendido com o que foi falado, além de perceberem a importância de se conversar sobre a vivência como jovens com seus colegas que passam por situações semelhantes de vida. Sobre as videoaulas o que podemos destacar é que os estudantes não buscam um único modelo de professor ou de videoaulas, a resposta está na diversidade. Esse resultado se mostra compatível com pesquisas sobre o professor no ensino presencial Mesquita (2020) e Connell (2010) afirmam que não necessitamos de um retrato do “bom professor” na forma singular, mas retratos de “bons professores”, uma vez que as preferências dos estudantes refletem as diferentes juventudes que são plurais.

Por fim vale lembrar que estudos no campo da didática como de Mesquita (2018) afirmam que a dimensão relacional é o cerne no trabalho com os jovens ensino médio, por isso ao olharmos para as respostas obtidas sobre as videoaulas podemos reconhecer que dificilmente serão capazes de substituir a figura do professor em sala de aula. Borba, Scucuglia e Gadaniadis (2014) reforçam esse pensamento a tecnologia sozinha não é suficiente para geração do aprendizado.

Em uma concepção de didática multidimensional, para a juventude atual, o professor que “sabe ensinar” tem a habilidade de gerar uma motivação pelo aprendizado e também é capaz de dar sentido à escola e a educação através de uma prática pedagógica diversificada e relacional. As videoaulas conseguem gerar essa diversidade, mas não a relação próxima entre o professor e o estudante.

As videoaulas, porém, podem servir como grandes recursos para complementar o ensino presencial, trazendo conceitos novos, revendo conceitos aprendidos em sala, e estimulando os jovens a aprender e estudar. Como foi visto, o ensino médio necessita de mudanças, esses jovens em especial tem uma visão propedêutica e preparatória para a universidade, mas eles entendem que esse segmento poderia oferecer mais, em especial na formação humana e na formação de cidadãos.

Conclusão

A escola vem passando por grandes transformações e as videoaulas cada vez mais estão presentes no cotidiano escolar, seja na forma de recomendação ou apresentação em sala, ou durante a rotina de estudos em casa. Os jovens estudantes da atualidade pedem cada vez mais novidades tecnológicas aplicadas ao ensino, por outro lado o presente estudo destacou o fato de jovens ainda preferirem o aprendizado através da interação e do diálogo.

A chegada das videoaulas transformou o ambiente educacional, mas pode ser notado que dificilmente teria a capacidade de substituir a estrutura física escolar. Os alunos se motivam com o aprendizado rápido e sintéticos das videoaulas, características comuns a essa geração, mas não suprem nem equivalem o aprendizado conquistado a partir da interação professor-aluno.

Em relação às preferências, pode ser visto que a grande diversidade de opções de videoaulas e professores no YouTube (plataforma de preferência) e na internet como um todo é um reflexo da diversidade de preferências por parte dos jovens estudantes. Aulas rápidas ou longas, aulas expositivas e de montagem de esquemas, cada aluno apresenta uma preferência que muitas vezes está atrelada a sua motivação na busca por este recurso.

A procura por videoaulas cresce nesse século e cada vez mais estarão presentes na vida desses jovens estudantes de ensino médio, a grande procura talvez não tenha sido surpresa, vide a classe social e o acesso a tecnologia destes alunos, mas a motivação foi uma novidade. Jovens buscam videoaulas, por curiosidade, para enriquecimento do conhecimento, para síntese de conteúdos e em especial para revisar de forma prévia a uma avaliação, essa gama de possibilidades dá a esse recurso uma importância grande no aprendizado destes estudantes.

Mas como destaque é possível notar que a busca das videoaulas está relacionada a pressão que sentem por resultados, que é característica da escola em que estudam e da classe social a qual pertencem, a classe média. A pressão por atingir a aprovação no vestibular é a principal sentida que estes estudantes veem na escola de ensino médio e devido a alta competitividade, as videoaulas servem como recursos complementares na sua rotina de estudos. Essa grande pressão por resultados é norteadora para estes alunos, eles aceitam a pressão por enxergar que esta pode gerar melhores chances de entrada na universidade.

Quando questionados sobre preferência por canais, foi percebida uma grande diversidade de escolhas, tendo um total de 43 canais diferentes citados, mas como destaque temos o Descomplica, plataforma e canal que foi vanguardista no campo das videoaulas. A empresa tem o foco no vestibular e foi possível notar uma correlação entre o uso de videoaulas e o estudo para o ENEM e outros vestibulares.

Um ponto de destaque é que a maioria dos canais citados foram de professores com o foco no aprendizado para os vestibulares, além disso em geral são professores jovens e com aulas bem claras e diretas. Além disso, deve-se destacar que as videoaulas são vistas pelos alunos de forma instrumental, como uma ferramenta para complementar seu estudo, revisar o que foi visto e até substituir certas aulas quando não compreendem o conteúdo no ensino presencial.

Outro ponto foi a comparação entre o que fazia uma videoaula ser boa e o que fazia uma aula presencial ser boa. Enquanto o resultado acerca das aulas presenciais não foi surpreendente pois corrobora com os resultados de Mesquita (2018) o resultado das videoaulas mostrou um destaque para aquelas que são claras e objetivas e com um grande movimento de procura por videoaulas de curta duração. Os alunos mostraram na roda de conversa como veem o professor de ensino médio, aquele que está próximo e disponível para diálogo, bem diferente da percepção no ensino fundamental de que o professor é apenas aquele que transmite o conhecimento.

O movimento de mudança do ensino médio atrelado a pandemia tem sido motivo de aumento de anseios por parte dos estudantes, e pode ser percebido que a ansiedade pela final da educação básica continua a ser presente no ensino médio. No campo estudado vem acompanhado também das peculiaridades da classe, medos sobre o resultado do vestibular e uma pressão por entrega de resultados baseado no alto investimento financeiro dos pais.

A juventude é uma fase bem peculiar da vida do ser humano, e como já afirmado por diversos autores como Dayrell e Carrano (2014) o nome correto a esta etapa talvez seja Juventudes, dada a pluralidade de experiências as quais os jovens passam durante esse período de vida. Foi possível notar como os estudantes perceberam mudanças drásticas na chegada ao segmento de ensino médio, trazendo pontos positivos como maturidade, mas também pontos negativos como a maior carga de estudo e a pressão.

Em relação aos jovens estudados, houve uma grande relação entre a escola e os vestibulares, algo já esperado visto que a escola que frequentam tem alto rendimento no ENEM e apresenta um foco grande no acesso a universidade, destino que a gigante maioria afirmou ser a etapa seguinte a

conclusão do ensino médio. Houve a percepção de uma noção por parte dos estudantes em relação ao seu privilégio econômico, mas isso vem carregado de um aumento de pressão pessoal por resultados nas provas de vestibular. Essa pressão é aumentada também devido as escolhas dos estudantes, a maioria demonstrou interesse por cursos muito concorridos no ENEM.

Se faz possível destacar também o clamor por mudanças na etapa de ensino médio, com a sugestão de uma quantidade de novas disciplinas e conteúdos que os estudantes avaliam serem necessários como parte do currículo, com destaque para educação financeira e direito e cidadania. Se por um lado essas mudanças no segmento geram ansiedades, na visão destes jovens, a mudança pode trazer melhoras curriculares. O resultado dessa pergunta mostra novamente a maturidade destes estudantes participantes que refletem o segmento e propõem melhorias.

Ainda avaliando a escola e em especial a escola de ensino médio, pode-se perceber a visão dos estudantes que entendem que esse segmento tem como principal sentido, a preparação para as universidades. Esse resultado pode ser associado a posição social desses jovens, que veem a educação como possibilidade de ascensão social, porém, eles destacaram que a socialização é também um papel fundamental da escola e que as amizades servem como motivação para a frequência diária na escola.

Por fim vale destacar que o momento de acontecimento do estudo é diretamente posterior ao momento de pandemia da COVID-19. O crescimento da doença, o fechamento das escolas e a reclusão desses jovens em suas residências marcou de forma permanente suas experiências e vivências, se para todos este momento foi delicado, ser jovem durante a pandemia, representou uma adição de mais uma complicação na vida destes alunos.

As aulas remotas, a falta de contato com os colegas e com seus professores e o distanciamento da realidade escolar fez com que esses estudantes enxergassem de forma diferenciada a etapa de ensino médio. Se por um lado os fez ficar separados, por outro, na voz deles, fez eles se unirem para que houvesse mudanças. Como jovens ainda não se sentem ouvidos, mas não deixaram de propor uma escola com mais sentido em suas vidas.

De forma conclusiva então, retomo a questão norteadora: Como e o porquê as videoaulas estão sendo usadas por alunos de escolas particulares? As videoaulas têm sido usadas de forma complementar ao estudo, com o foco especial na preparação para provas escolares e de vestibular. A partir das respostas dos jovens-estudantes com relação as videoaulas e depois sobre o ensino médio foi possível notar que estes alunos seguem uma lógica performática na busca por resultados, e em sua

maioria veem o segmento como uma preparação para a universidade, tendo em segundo plano a socialização como uma das razões pelas quais comparecem as aulas.

Vale ressaltar que os jovens participantes da pesquisa pertencem a uma classe social elevada e a escola em questão a um grupo de escolas particulares de elite. Esses jovens e essas escolas ainda representam um campo importante para a continuação da pesquisa. Sendo necessário também estudos complementares para a interseção entre a escola, tecnologia e a juventude, bem como estudos que possam se aprofundar na especificidade dos canais do Youtube (ou até outras plataformas como TikTok), podendo explorar quais estilos docentes mais atraem esses jovens e quais são as lógicas de aprendizado presentes em cada um destes estilos.

Referências bibliográficas

- ABED. Censo EAD.br: Analytic report of distance learning in Brazil 2018. ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Camila Rosa (tradutora). **Curitiba: InterSaberes**, 2019.
- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; BRANCO, P. P. M. (Org.). Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: **Perseu Abramo**, 2005, p. 37-72.
- AGUIAR, F. H. R; CONCEIÇÃO, M. I. G. Expectativas de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol. 10, núm. 2, 2009, p. 105-115
- ALLOCCA, K. Videocracy: how YouTube is changing the world. **Londres: Bloomsbury**, 2018. 335 p.
- ALMEIDA JÚNIOR, S. COVID-19 e a infecção por SARS-CoV-2 em um panorama geral. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, 2020. p. 3508–3522.
- ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares**. Papirus Editora, 2000.
- ARROIO, A. ; DINIZ, M. L.; GIORDAN, M. A utilização do vídeo educativo como possibilidade de domínio da linguagem audiovisual pelo professor de ciências. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – ENPEC**, 5., 2005
- ARROIO, A., GIORDAN, M.. O Vídeo Educativo: Aspectos da Organização do Ensino. **Química Nova na Escola**, n.24, 2006. p.8-11.
- ARRUDA, D. E. P., DUTRA, C. S. O uso de tecnologias audiovisuais como mediadoras no contexto educacional: videoaulas, videoconferência e webconferência. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2., 2014, São Paulo. Anais. São Paulo: UFSCar**, 2014. p. 1-12.
- ATTUCH, L. A fórmula secreta do bilionário na educação. **Revista Istoé Dinheiro**, n 614. São Paulo: Editora Três, 2009.
- AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1980
- BAJOIT, G. Y. "A propósito de la eficacia de las políticas sociales del estado." **Política**, vol. , no. 43, 2004, p.85-104.
- BALL, S. J. The teacher's soul and the terrors of performativity. **Journal of Education Policy**. v. 18, n. 2, 2003. p. 215-228.

- BARRÈRE, A. L'éducation buissonnière: Quand les adolescents se forment par eux-mêmes. Paris: Armand Colin, 2011. p.228
- BARROS, H. G. C.; Alternativas futuras para o vestibular, 1985
- BARTON, D. C. Impacts of the COVID-19 pandemic on field instruction and remote teaching alternatives: Results from a survey of instructors. **Ecology and Evolution**, 10 (22), 2020. p. 1 - 9.
- BOBBO, S. D. A.; GARCIA, J. J.; CAMPOS, C. R. P.; Papel do professor no processo ensino-aprendizagem do ensino médio integrado. **XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica (XV-INIC)**, 2011
- BONINI-ROCHA, A. C., OLIVEIRA, L. F. de, ROSAT, R. M., & RIBEIRO, M. F. M. SATISFAÇÃO, PERCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO EM VÍDEO AULA E AULA EXPOSITIVA. **Ciências & Cognição**, 19(1). 2014
- BONK, C. J. YouTube anchors and enders: the use of shared online video content as a macrocontext for learning. **The American Educational Research Association (AERA) 2008 Annual Meeting. Anais. New York, NY. 2008.**
- BORBA, M. C., SCUCUGLIA, R. R. da S.; GADANIDIS, G. Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento. **Belo Horizonte: Autêntica Editora**, 2014. 149 p.
- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C.. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância. Projeto Um computador por Aluno (UCA): princípios orientadores, 2010.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. **Parecer CNE/ CEB 05/2011**, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica> Acessado em 16/12/2021.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação: **SEED**, 2017.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas**. Brasília, 2019.
- BRASIL. Diretrizes Para Orientar Escolas da Educação Básica e Instituições de Ensino Superior. Aprovada no dia 28 de abril de 2020, pelo **Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Brasília: Ministério da Educação, 2020.

BRITO, R. de O.; SÍVERES, L.; MERCADO, L. P. L.; NEVES JÚNIOR, I. J. das . O diálogo e a aprendizagem com Tecnologias da Informação e Comunicação no homeschooling. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, 2020. p. 1–21.

BULFINCH, T. O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Harper Colins, 2018.

BURGUESS, J, GREEN, J. YouTube: digital media and society series. 2 ed. **Cambridge: Polity Press**, 2018. 191p.

CALVO, E. El envejecimiento de la juventud. **Revista de Estudios de Juventud**, Madri, n. 71, p.11-19, dez. 2005.

CARAMANO, E. S. S. Proposta de videoaulas como organizadores prévios para uma aprendizagem significativa no ensino de inglês na EJA. 2017. **Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**, Bauru, 2017

CARNIELLI, B. L. Educação e estratificação social. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade Planalto de Filosofia, Ciências e Letras – Brasília. Orientador: José Leopoldino Das Graças Borges. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 124, 2005. p. 113-139.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 11-27, maio 2000. Dossiê Juventude, Educação e Sociedade. Faculdade de Educação/Universidade Federal Fluminense.

CARRANO, P. C. R. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 35, n. 2, 2017. p. 395-421.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CLEMES, G., GABRIEL FILHO, H. J., COSTA, S. Videoaula como estratégia de ensino em física. **Revista Técnico-Científica do IFSC**, v. 3, n. 1, 2012. p. 422-431.

CROSS, A., BAYYAPUNEDI, M., CUTRELL, E., AGARWAL, A., THIES, W. TypeRighting: combining the benefits of handwriting and typeface in online educational videos. In: PROCEEDINGS OF THE SIGCHI CONFERENCE ON HUMAN FACTORS IN COMPUTING SYSTEMS, 13., 2013, **France. Proceedings. France: ACM**, 2013. p. 793- 796.

CIAVATTA, M; RAMOS, M. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, 2011. p. 27-41.

CIPRIANI, F. M., MOREIRA, A. F., CAIURUS A. C. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, e105199, 2021.

- CHARCZUK, S. B. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, , 2020.
- CHARLOT, B. La mystification pédagogique. Paris: **Petite Bibliothèque Payot**, 1976.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa, São Paulo**, **97**, 1996. p 47-63.
- CHASSOT, A. Alfabetização científica: questões e desafios para a educação. 8. ed. **Ijuí**: Editora UNIJUÍ, 2018.
- CONNELL, R. Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 165-184, 2010.
- COREICHA, Leonardo. Sexo, droga e Rock'n'roll? A invenção da juventude revolucionária. *Revista Marginália*. 2020. disponível em: <<https://medium.com/margin%C3%A1lia/sexo-drogas-e-rockn-roll-90059399398f>> acesso em jun. 2022.
- COSTA, M. O. e SILVA, L. A. Educação e democracia: Base Nacional Comum Curricular e novo ensino médio sob a ótica de entidades acadêmicas da área educacional. **Revista Brasileira de Educação**. 2019, v. 24
- COUTRIM, R. M. E. & CUNHA, M. A. A. Escolha ou destino? A influência intergeracional na vida de jovens egressos do ensino médio. **Revista Contemporânea da Educação**, 12, 2011. p. 173-194.
- CYRULNIK, B. Des âmes et des saisons: Psycho-écologie. **Paris: Odile Jacob**, 2021.
- DALUZ, L. B. “Redação, professora?! Ah não!!!”: dialogando com as crianças em suas produções em sala de aula e na Internet. **Niterói: Intertexto**, 2014.
- DA SILVEIRA, R. M. et al. TED-Ed e youtube. edu: ferramentas para o ensino de genética. **Genética na Escola**, v. 10, n. 2, 2015. p. 176-177.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, 2003. p. 40-52.
- DAYRELL, J. A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, 2007. p.105-128.
- DAYRELL, J., CARRANO, P., MAIA, C. L. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DAYRELL, J. (org.) Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DE QUADROS C. I., DE QUADROS JR I.B. Aspectos Comunicacionais da Educação nas Mídias Sociais Digitais: o Caso do Youtube. Ação Midiática. **Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**. Vol 2. nº 5. 2013

DOTTA, S. C., JORGE, E. C., PIMENTEL, E. P., BRAGA, J. C. Análise das preferências dos estudantes no uso de videoaulas: uma experiência na educação a distância. In: **WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 19., 2013, Campinas. Anais. Campinas: Sociedade Brasileira de Computação, 2013. p. 21-30.**

DUBET, F. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2003, n. 119. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000200002>>.2004. p. 29-45

DUBET, F. À l'école: que faire après le virus ?, **Esprit** n. 464, 2020. p. 107-114.

FANFANI, E. T. Culturas jovens e cultura escolar. In: **Seminário Escola Jovem: Um novo olhar sobre o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

FREIRE, P. Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. 6 ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1982.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido, 50. ed. São Paulo, SP: **Paz e Terra**, 2011.

GANDA, D. R.; BORUCHOVITCH, E. A autorregulação da aprendizagem: principais conceitos e modelos teóricos. **Psicologia da Educação**, n. 46, 2018.

GHEDIN, R. Entrevista: “Nossa crença no Brasil é de longo prazo”, diz presidente do Google Brasil. Gazeta do Povo, São Paulo. **Nova Economia**, 2018. p. 1.

GIMENO S., José. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005

GOLBSPAN, R. B. O PROTAGONISMO DE JOVENS NA ESCOLA DE CLASSE MÉDIA: DESAFIOS PARA A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA EDUCAÇÃO. **Revista Contraponto - Edição Especial VIII Seminário Discente**, v. 7, n. 2, 2020.

GOLDENBERG, M. Entrevistas e Questionários. In: GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 2. ed. Rio de Janeiro: **Record**, 1998. p. 85-91.

GOMES, I. F. **Concepções de estudantes de Ensino Médio sobre aprendizagem: cultura escolar e videoaulas**. 2021. Tese (Doutorado) - Doutorado em Educação - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2021.

GROS, B., KINSHUK., MAINA, M. The future of ubiquitous learning: learning designs for emerging pedagogies. **Heidelberg: Springer**, 2016.

GUO, P. J., KIM, J., RUBIN, R. How video production affects student engagement: an empirical study of MOOC videos. In: **PROCEEDINGS OF THE FIRST ACM CONFERENCE ON LEARNING AT SCALE CONFERENCE, 2014, New York. Proceedings. New York: ACM, 2014. p. 41-50.**

ILIOUDI, C., GIANNAKOS, M. N., CHORIANOPOULOS, K. Investigating differences among the commonly used video lecture styles. In: **PROCEEDINGS OF THE WORKSHOP ON ANALYTICS ON VIDEO-BASED LEARNING, 2013, Leuven. Proceeding. Leuven: CEUR, 2013. p. 21-26.**

INSTITUTO PENÍNSULA. Relatório de Pesquisa. **Sentimento e Percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil. Estágio Intermediário.** Junho de 2020. Disponível em: <<https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil/>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

IZO, F., LOPES IZO, S. A vídeo aula como instrumento facilitador e motivador no processo de aprendizagem dos alunos em diversas modalidades de ensino. In: **COLÓQUIO INTERDISCIPLINAR DE COGNIÇÃO E LINGUAGEM. PENSAMENTO, CULTURA E TECNOLOGIA, 3., 2012, Campos dos Goytacazes. Anais.** Campos dos Goytacazes: UENF, 2012. p. 138-153.

JUAREZ T.; DAYRELL S. G. de P. Situação Juvenil e formação de professores: diálogo possível? **Form. Doc.,** Belo Horizonte, v. 03, n. 04, 2011. p. 33-53.

JÚNIOR, M. A. K.; GIORDANO, C. C.; DAMASCENO, A. V. C.. Cenários para entender o Novo Ensino Médio no contexto da Matemática e da Educação Financeira Escolar. 2022.

KENSKI, I. M. Cultura Digital. In: MILL, Daniel. Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas, SP: **Papirus**, 2018. p. 139-144.

KLEIN, Ana Maria; ARANTES, Valeria Amorim. Projetos de vida de jovens estudantes do ensino médio e a escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, 2016. p.135- 154.

KRAWCZYK, N. O ensino médio no Brasil. São Paulo: **Ação Educativa**, 2009. P. 77.

KRAWCZYK, N. Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 144, 2011. p. 752-68.

LANGE, P. G. Kids on YouTube: Technical identities and digital literacies. São Francisco, Califórnia: **Left Coast**, 2014. p. 271.

LEÃO, G. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, 2006. , p. 31- 48.

- LEITE, B. S. Tecnologias no ensino de química: teoria de prática na formação docente. Curitiba: **Appris**, 2015. p. 363.
- LEVY, P. Cíbercultura. São Paulo: 34, 1999.
- LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R.; LIMONTA, S. V. Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança. **Diferentes olhares para a didática**. Goiânia: PUC GO, 2011. p. 85-100.
- LOPES, A. C. e LÓPEZ, S. B. A performatividade nas políticas de currículo: o caso do ENEM. **Educação em Revista [online]**. 2010, v. 26, n. 1 , p. 89-110.
- LOPES, A. R.; DA SILVA, F. R.; DE ARAÚJO, A. F. F.; BEZERRA, D. P. VIDEOAULAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO. **EDUCAÇÃO, [S. l.]**, v. 10, n. 3, 2021. p.. 238–249.
- MACEDO, E. Esse corpo das Ciências é o meu? **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Organizado por Martha Marandino et. al. Niterói: Eduff, 2005.
- MACHADO, M. H. Uso do vídeo como ferramenta no ensino de genética. 2012. **Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente) – Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA**, Volta Redonda, 2012.
- MACIEL, A. G., & ALLIPRANDINI, P. M. Autorregulação da aprendizagem: panorama nacional dos estudos de intervenção no Ensino Superior. **Revista Cocar**, 12(23), 2018. p. 145-167.
- MARINHO, M. H. Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. Think with Google. Google Inc. Brasil, 2018.
- MARQUES, P. B. e CASTANHO, M. I. S. O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. **Psicologia Escolar e Educacional [online]**. 2011, v. 15, n. 1, pp. 23-33.
- MATTAR, J. Tutoria e interação em educação a distância. São Paulo: **Cengage Learning**, 2012.
- MCLUHAN, M. Understanding Media: the extensions of man. New York: **New American Library**, 1964.
- MEAD, Margaret. O jovem de Samoa e seu grupo de idade. In: BRITTO, Sulamita (Org.). Sociologia da Juventude III: a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MEDINA, M. N.; BRAGA, M.; REGO, S. C. R. Ensinar ciências para alunos do século xxi: o uso de vídeo-aulas de ciências da natureza por alunos do ensino médio de uma escola pública federal. In: **X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. Águas de Lindóia, SP, nov. 2015.
- MEIRELES, S. P.; ALAOR, G. C.; FERREIRA, J. R. F. Uma análise da relação dos alunos e suas concepções a respeito do uso de vídeos no ensino de física na Zona Metropolitana de Belo Horizonte

e no Centro- Oeste mineiro. In: XVIII Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF), Vitória-ES: UFES, 26 a 30 de janeiro de 2009.

MESQUITA, S. S. de A. O exercício da docência no ensino médio: a centralidade do papel do professor no trabalho com jovens da periferia. 2016. **Tese (Doutorado) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro**, 2016.

MESQUITA, S. S. de A., Referenciais do “bom professor” de Ensino Médio: exercício de articulação teórica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48 n. 168, 2018. p. 506-531.

MESQUITA, S. S. de A.; MARCONDES, M. I. Lógicas de ação docente em tempos de pandemia: entre inovações pedagógicas e a manutenção da forma escolar. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 22, n. 73, 2022. p. 934-959

MESQUITA, S. S. de A.; PISCHETOLA, M. Os sentidos da escola na cultura digital: possibilidades de mutações. **Cultura digital, educação e formação de professores**, 2020. p. 33.

MESQUITA, S. S. de A., “Ensinar para quem não quer aprender”: um dos desafios da didática e da formação de professores. **Pro-Posições**, Campinas, SP. V. 32, 2021

MIGUEZ, R.; SISLIAN, R. Contribuições da Finlândia ao Ensino Médio público brasileiro. **Revista Educação Pública**, 2016

MILIAUSKAS, C. R. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 30(4), 2020.

MOEHLECKE, Sabrina. O ensino médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, 2012. p. 39-58.

MORAN, J. M. As mídias na educação. In: MORAN, José Manuel. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162 - 166.

NOGUEIRA, M. A. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto, n. 7, p. 109-129, maio 1997.

NOGUEIRA, M. A. Um tema revisitado: as classes médias e a escola. In: APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luís Armando (Org.). *Sociologia da Educação: análise internacional*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 280-290.

NOVAES, R. R. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina R. (Orgs.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 253-281.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia Especial: ciência e vida**, v. 1, n. 2, 2007. p. 6-15.

NOVAES, R. Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos. Juventude, juventudes **Revista de Ciencias Sociales**, núm. 25. 2009, pp. 10-20

NÓVOA, A., ALVIM, Y. C. Nothing is new, but everything has changed: A viewpoint on the future school. **(UNESCO) Prospects**, 2020.

NÓVOA, A., ALVIM, Y. C., Os professores depois da Pandemia. DOSSIÊ | DEMOCRACIA, ESCOLA E MUDANÇA DIGITAL: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE. **Educ. Soc.** 42, 2021

OKADA, A. COLEARN 2.0 – coaprendizagem via comunidades abertas de pesquisa, práticas e recursos educacionais. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7, n.1, abr. 2011. p.1-15.

OLIVEIRA, M. C. S. L., PINTO, R. G., & SOUZA, A. S. Perspectivas de futuro entre adolescentes: Universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. **Temas em Psicologia**, 11(1), 2003. p. 16-27.

OLIVEIRA, M. del A.; MELO-SILVA, L. L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - SP**, Volume 14, Número 1, 2010: p. 23-34.

OXFAM INTERNATIONAL. World's billionaires have more wealth than 4.6 billion people. 20 jan. 2020. Press releases. Disponível em: <https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-billionaires-have-more-wealth-46-billion-peopl>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PAIS, J. M. Culturas juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional**, 1993.

PAIS, J. M. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional**, Casa da Moeda, 1996. p. 139-165, 1990.

PAKULSKI, J; WATERS, M. The death of class. London: **Sage Publications**, 1996.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. Sociologia: **Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, v. XX, 2010, pág. 395-410.

PASCOAL, D. B., CARVALHO, A. C. S., MATA, L. E. L. F. S., LOPES, T. P., LOPES, L. P., CRUZ, C. M. Metodologias e tecnologias para educação em tempos de pandemia COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, 2020. p. 2978–2994.

PECHULA, M. R, PENTEADO, R. Z. A expressividade do professor em videoaulas – corpos e discursos dissonantes na formação em EaD. In: PECHULA, M. R., PENTEADO, R. Z., DENARDO, T. **Corpo - Mídia - Educação**. Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2018, p.119-140

- PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPEd, no 5/6. 1997.
- PEREIRA, R. C. e ARAUJO, F. O. COMPLICA OU DESCOMPLICA? REFLEXÕES SOBRE DECISÕES DE FAZER OU COMPRAR NA MAIOR STARTUP BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre) [online]**. 2017, v. 23, n. 3, p. 259-287.
- PINHEIRO, L. R. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica . Pro-posições, 2020, 31(Pro-Posições, 2020 31), e20190041. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0041>
- PISCHETOLA, M. Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula. Petrópolis: **Vozes**, 2016.
- PISCHETOLA, M., DALUZ, L. B. A ecologia dos meios e a tecnologia como imersão cultural. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Vol. 18 - n. 3 - Itajaí, 2018.
- PISCHETOLA, M. Cultura digital, tecnologias de informação e comunicação e práticas pedagógicas. In: **CANDAU, V. Didática: Tecendo/reinventando saberes e práticas. Rio de Janeiro: 7Letras**, 2018.
- PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório do Desenvolvimento Humano 2019: além do rendimento, além das médias, além do presente: as desigualdades no desenvolvimento humano no século XX. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: New York, NY, 2019.
- PRETTO, N. L. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 24, n. 1, 2011. p. 95-118.
- PRETTO N. L. Educação, culturas e hackers: escritos e reflexões. Salvador: **EDUFBA**, 2017. p. 220.
- RAY, S.; SRIVASTAVA, S. Virtualization of science education: a lesson from the COVID-19 pandemic. **Journal of Proteins and Proteomics**, 11 (2), 2020, p. 77–80.
- REIS, R. Experiência escolar de jovens/alunos do ensino médio: os sentidos atribuídos à escola e aos estudos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, 38(3), 2012. p. 637-652.
- RODRIGUES, T.; ALMEIDA, I.; DAL FORNO, L. formação de professores para uso de TDICS em sala de aula: revisão sistemática das produções brasileiras. In: **Anais do V CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONEDU - Olinda(PE)** v. 1, 2018.
- SALES, S. R. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: Alguns desafios para o currículo do ensino médio. **Juventude e ensino médio**, 2014
- SANTOS, B. de S. Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade. **Porto: Afrontamento**, 2005.
- SANTOS, J. A. F. Covid-19, causas fundamentais, classe social e território. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020.

- SANTOS, E.; PISHETOLA, M. / Percepção da autoeficácia computacional docente dos professores da educação básica. I: **Educação em Foco**. 2021 ; Bind 24, Nr. 44. s. 422.
- SANTOS, M. E., PRAIA, J. F. Percurso de mudança na Didática das Ciências: Sua fundamentação epistemológica. Em F. Cachapuz (Org.), **Ensino das Ciências e Formação de Professores: Projecto MUTARE** 1. 1992. p. 7- 34.
- SILVA, K. N. **A dualidade educacional no Ensino Médio**. v. 3, 2020. p. 45–59.
- SILVA, M. P. O., SALES, S. R. O fenômeno cultural do youtube no percurso educacional da juventude ciborgue. In: **SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO**, 6., 2015, Canoas. Atas, Canoas, 2015.
- SILVA, M.; NASCIMENTO, C. O. C. de N.; ZEN, G. C. Didática: abordagens teóricas contemporâneas - Vol.1. **Salvador Edufba**, 2019
- SILVA, M. R. Ampliação da obrigatoriedade escolar no Brasil: o que aconteceu com o Ensino Médio? **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]**. 2020, v. 28, n. 107, p. 274-291.
- SILVEIRA NUNES, C.; LEANDRO EICHLER, M. O uso autogerenciado de videoaulas de química na preparação dos estudantes para exames de ingresso no ensino superior. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2018. p. 636–646.
- SOARES, D. H. P. A escolha profissional: Do jovem ao adulto. **São Paulo: Summus**. 2002
- SOUZA, Jessé. A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018
- SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: **ABRAMO, H., BRANCO, P. P. M. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128
- SUPER, D. E., SAVICKAS, M. L., & SUPER, C. M. The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), **Career choice and development. (3a ed.)**, 1996. p. 121-178.
- TARTAGLIA, L. M.; Silva, ERINEUSA M. da. Entrevista com Monica Ribeiro da Silva: a contrarreforma do ensino médio **Linhas Críticas**, vol. 25, e19720, 2019
- TEIXEIRA, V. L. M. O., SOUSA, M. A., NAVARRO, E. C., RODRIGUES, A. L. **Revista Interfaces do Conhecimento**. v. 02, n. 03, 2020. p. 01-18.
- TEZONIN, C. R. EaD: A prática docente na produção de materiais audiovisuais. **Revista Aprendizagem em EAD**, v.8; Taguatinga (DF), 2018. p. 1-18.

- TOMASCHEWSKI BUENO, M. B., da ROSA RODRIGUES, E., & GIUSTI MOREIRA, M. I. O Modelo da Sala de Aula Invertida: Uma estratégia ativa para o ensino presencial e remoto. **Revista Educar Mais**, 5(3), 2021. p. 662–684.
- TORI, R. Tecnologia e metodologia para uma educação sem distância. **Em Rede - Revista de educação a distância**. v.2, n.2, 2015.
- VALIATI, L.; CUNHA, A. M.; CAUZZI, C. L.; MÖLLER, G. (orgs.). Consumo de Audiovisual no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2017.
- VAZQUEZ, D. A.; CAETANO, S.; SCHLEGEL, R.; LOURENÇO, E.; NEMI, A.; SLEMIAN, A.; SANCHEZ, Z. M. Vida sem escola e a saúde mental de estudantes de escolas públicas durante a pandemia de covid-19. 2021.
- VALLE, I. R. BARRICHELO; F. A. TOMASI, J. Seleção meritocrática versus desigualdade social: quem são os inscritos e os classificados nos vestibulares da UFSC (1998-2007). **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 16, n. 31, 2010. p. 391-418.
- VERSUTI, F. M., DALLE MULLE, R. L., PADOVAN-NETO, F. E., & INCROCCI, R. M. Metodologias ativas e a autorregulação da aprendizagem: reflexões em tempos de pandemia. **Linhas Críticas**, 27. 2021
- VELOSO, B., MILL, D. Produções científicas sobre a educação a distância e o trabalho docente nessa modalidade: um estudo bibliométrico. **Trabalho & Educação**, v. 28, n. 1, 2019. p. 219-237.
- VINCENT, G.; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 33, n. 1. 2001. p. 7-47.
- VIEIRA, S. L. ESTUDOS A educação nas constituições brasileiras: texto e contexto. 2007. p. 1–19.
- WIJAYA, T. T. Cómo los estudiantes chinos aprenden matemáticas durante la pandemia de coronavirus. **International Journal of Educational Research And Innovation**, 15, 2021, p. 1–16.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION, WHO. Director-General's remarks at the media briefing on 2019-nCoV on 11 February 2020. 2020. Disponível em <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-at-the-media-briefing-on-2019-ncov-on-11-february-2020>> Acessado em: 20/11/2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION, WHO. Mental Health **ATLAS 2020**. ISBN: 978-92-4-003670-3. 2021.
- WRIGHT, E. O. Classes. London: **Verso**, 1985.
- ZITKOSKI, J. J.; GENRO, M. E. H.; CAREGNATO, C. E. DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: APONTAMENTOS PARA A VALORIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ALTERNATIVAS NO

CONTEXTO LATINO- AMERICANO. **Revista de Ciências Humanas - Educação | FW**, v. 16, n. 27, 2015. p. 56-71

Notas

¹ Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>>. Acesso em: 12/12/2021.

² Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/aplicativos/google-compromisso-om-educacao-crescimento-pais/>>. Acesso em: 12/12/2021.

Anexos

Modelo do questionário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 2111986/CA



PUC-Rio | Departamento de Educação

Prezado/a estudante:

- TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) será aqui anexado para aceite

Caro aluno do Ensino Médio, estamos realizando uma pesquisa para saber a sua opinião sobre alguns temas relacionados à videoaulas. Não é necessário colocar o seu nome, mas suas respostas sinceras e diretas são muito importantes para nós. Obrigado pela colaboração!

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO

1. VOCÊ É UM ALUNO DE ENSINO MÉDIO E DESEJA RESPONDER ESSE QUESTIONÁRIO (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDOEM

ANEXO:

<https://drive.google.com/file/d/1mEK4lbc-AqahgvF3D7NimKMn2E3hdSWB/view?usp=sharing>

A. Sim

B. Não

2. QUAL É SEU NOME COMPLETO?

--

3. COMO VOCÊ SE IDENTIFICA EM RELAÇÃO AO GÊNERO?

A. Masculino.

B. Feminino.

C. Prefiro não dizer

D. Outros

4. QUAL SÉRIE DO ENSINO MÉDIO VOCÊ CURSA?

A. 1ª série

B. 2ª série

C. 3ª série

5. SOBRE SUA TRAJETÓRIA ESCOLAR, ONDE VOCÊ CURSOU O ENSINO FUNDAMENTAL?

A. Fiz todo o ensino fundamental nesta escola

B. Fiz parte do meu ensino fundamental nesta escola e outra parte em outra escola privada

C. Fiz parte do meu ensino fundamental nesta escola e outra parte em outra escola pública

D. Fiz todo meu ensino fundamental em outra escola sendo ela pública

6. EM QUAL BAIRRO VOCÊ ESTUDA?

A. Barra da Tijuca

B. Botafogo

- C. Freguesia
- D. Recreio

7. QUAL UNIVERSIDADE VOCÊ DESEJA CURSAR?

- A. Pública (Ex: UFRJ, UERJ, UFF etc.)
- B. Privada (Ex: PUC, IBMEC, Souza Marques etc.)
- C. Não irei cursar uma universidade, irei trabalhar ou empreender
- D. Outros _____

8. QUAL CURSO DE ENSINO SUPERIOR DE SUA ESCOLHA? (EX: MEDICINA, ENGENHARIA, CINEMA ETC.)

BLOCO 2 – VIDEOAULAS

9. VOCÊ JÁ ASSISTIU VIDEOAULAS?

- A. Sim
- B. Não

10. QUE TIPO DE VIDEOAULA TE AGRADA MAIS? (Pode marcar mais de uma)

- A. Com animações (EX: TED-Ed)
- B. Aula expositiva
- C. Mapa mental
- D. Montagem de quadro (EX: Khan Academy)

- E. Aula com linguagem clara
- F. Aula com analogias ao cotidiano (EX: Nerdologia)
- G. Aula de revisão ou síntese de conteúdo
- H. Outro _____

11. ONDE VOCÊ ASSISTE AS VIDEOAULAS? (Pode marcar mais de uma)

- A. Youtube
- B. Plurall
- C. Stoodi
- D. Descomplica
- E. Outros - Se sim, qual? _____

12. QUAL(IS) CANAL(IS) DE VIDEOAULA VOCÊ ASSISTE?

--

13. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ ASSISTE AS VIDEOAULAS

- A. Menos de 1 vez por semana
- B. 1 vez por semana
- C. 2 vezes por semana
- D. Mais de 2 vezes por semana
- E. Todos os dias

14. EM QUE AMBIENTE VOCÊ PREFERE ASSISTIR VIDEOAULAS?

- A. Em casa (residência)

- B. Na sala de aula (como proposta pelo professor)
- C. Na sala de aula (sem indicação do professor)
- D. Em ambos os locais

15. VOCÊ PROCURA VIDEOAULAS POR ...

- A. Vontade própria
- B. Recomendação do(a) professor(a)
- C. Recomendação de amigos
- D. Todas as anteriores

16. QUAL SUA MOTIVAÇÃO AO ASSISTIR UMA VIDEOAULA? (Pode marcar mais de uma)

- A. Preparação para provas
- B. Revisar conteúdo
- C. Vestibular
- D. Curiosidade
- E. Busca por conhecimento
- F. Outro _____

17. VOCÊ ASSISTIU MAIS VIDEOAULAS DURANTE A PANDEMIA?

- A. Sim, por conta própria
- B. Sim, por recomendação de um professor
- C. Não assistia antes, mas agora assisto
- D. Não

18. EM RELAÇÃO A SUA APRENDIZAGEM RESPONDA A OPÇÃO QUE MAIS SE APROXIMA DA SUA REALIDADE:

- A. Eu aprendo mais os conteúdos escolares com videoaulas
- B. Eu preciso interagir com o professor para aprender
- C. Eu prefiro videoaulas do que aulas presenciais para aprender conteúdos
- D. Minha aprendizagem depende do estilo do professor no presencial
- E. Eu aprendo mais unindo aulas presencial com videoaulas
- F. As videoaulas não me motivam para aprender
- G. As videoaulas me ajudam a memorizar melhor os conteúdos.

19. O QUE FAZ UMA VIDEOAULA SER BOA NA SUA OPINIÃO? (ESCREVA 3 PALAVRAS)

20. O QUE FAZ UMA AULA PRESENCIAL SER BOA NA SUA OPINIÃO? (ESCREVA 3 PALAVRAS)

BLOCO 3 – ENSINO MÉDIO

21. VOCÊ ACREDITA QUE A ESCOLA É UM LOCAL IMPORTANTE PARA: (Pode marcar mais de uma)

- A. Socialização
- B. Formação humana
- C. Desenvolver pensamento crítico

- D. Aprender conteúdos para a vida
- E. Criar base conceitual para a universidade
- F. Outros _____

22. QUAIS TEMAS E CONTEÚDOS PODERIAM SER MAIS DESENVOLVIDOS NO ENSINO MÉDIO?

23. QUAL O SENTIDO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM SUA OPINIÃO? (ESCREVA 3 PALAVRAS)

24. VOCÊ GOSTARIA DE PARTICIPAR DE UMA RODA DE CONVERSA ONLINE PARA EXPOR OS ANSEIOS E DESEJOS PARA O ENSINO MÉDIO? SE SIM DEIXE ABAIXO SEU NOME E E-MAIL POR FAVOR.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 2111986/CA

Modelo de roteiro da roda de conversa



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Educação

**Roteiro para Roda de Conversa sobre as percepções e anseios de jovens
estudantes de Ensino Médio de escolas particulares**

A roda de conversa ocorrerá no modelo presencial e consistirá em quatro eixos: Realidade do Ensino Médio; Expectativas para o futuro após a conclusão do segmento; Juventude e seus anseios; Videoaulas. A roda seguirá um fluxo livre dando a palavra aos alunos participantes, a fim de haver um roteiro guiado serão propostas questões norteadoras para o segmento da conversa. Segue abaixo esses questionamentos.

EIXO 1 – Realidade do Ensino médio

1. Quais são os principais pontos positivos e negativos do ensino médio em relação ao ensino fundamental?
2. O que você mais sentiu falta em sua experiência no ensino médio?
3. Qual o sentido da escola e do ensino médio na sua concepção?

EIXO 2 – Expectativas para o futuro após a conclusão desse segmento

1. Quais são seus pensamentos acerca do uso de vestibulares como acesso ao ensino superior?
2. Quais são os seus planos para os anos seguintes ao término do ensino médio?
3. O que você acha de importante desse segmento para o seu futuro?

EIXO 3 – Juventude e seus anseios

1. Quais são suas principais preocupações nessa etapa da vida?
2. Você se sente ouvido como jovem?
3. Quais foram as principais mudanças que impactaram sua vida durante esses três anos?

EIXO 4 – Videoaulas

1. Como é aprender em uma videoaula sem a interação?
2. Qual estilo de professor mais te agrada em videoaulas?
3. Você acredita que as videoaulas complementam seu aprendizado?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | RESPONSÁVEL

Prezado/a, venho, por meio deste convidar-lhe a autorizar a participação voluntária na pesquisa apresentada a seguir.

Pesquisa: Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem na rede privada.

Pesquisador Responsável: Filippo Cortez Giovanelli

Mestrando: Filippo Cortez Giovanelli | fgiovanelli1603@gmail.com | (21) 96421-0632

Orientadora: Prof^ª Dr^a Silvana Mesquita | profsilvanamesquita@gmail.com | Tel. (21) 99121-2524

Justificativa: As videoaulas têm crescido no uso em sala, na criação de novos materiais e em visualizações por parte dos alunos. Nesse contexto faz-se necessário analisar como esse recurso está sendo usado na educação básica brasileira, o texto visa analisar a forma que esse recurso está presente no ensino médio e como ele pode agregar o conhecimento desses alunos.

Objetivo: Entender como as videoaulas estão sendo utilizadas por jovens-estudantes do ensino médio.

Metodologia: Uso de questionário em modelo virtual, que será disponibilizado aos estudantes na forma de um link, e será aplicado em um momento único e de poucos minutos, o conteúdo das questões serão: videoaulas, aprendizagem e o sentido para o ensino médio. Também será feita uma roda de conversa, que deve ter aproximadamente 2 horas e de forma presencial a fim de explorar mais a temática Juventude e ensino médio.

Riscos e Benefícios: A participação no estudo será mantida em sigilo e o anonimato será garantido, de modo que os participantes não precisarão se identificar em momento algum e, caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer informações pessoais ou profissionais que possam vir a identificá-los. As informações coletadas estão mantidas em lugar seguro e apenas as pessoas envolvidas diretamente com o estudo poderão ter acesso ao material. Os dados serão armazenados digitalmente em um banco de dados seguro no prazo de cinco anos, e serão usados exclusivamente para esta pesquisa, apenas os resultados poderão ser divulgados em artigos científicos sem que haja a identificação dos participantes. Destaca-se, ainda, que não haverá nenhum tipo de custo ou despesa para os participantes do estudo, assim como não haverá incentivo ou recompensa financeira. Durante a realização do formulário e da roda de conversa pode haver riscos de cansaço, desconforto ou constrangimento, a fim de contornar esses riscos o participante terá a possibilidade de desistir da sua participação a qualquer momento, além disso será dado o suporte necessário aos participantes. Vale ressaltar que esta pesquisa é financiada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e que nenhum dos participantes será identificado para garantir a confidencialidade da pesquisa. Os resultados poderão ser acessados ao término da pesquisa no mesmo link em que será divulgado o questionário online. Este termo é assinado em duas vias, uma do/a voluntário/a e outra para os arquivos dos pesquisadores. Qualquer dúvida em relação a pesquisa o pesquisador e a professora orientadora podem ser consultados.

Eu, _____,
de maneira voluntária, livre e esclarecida, permito que meu filho(a)
_____ participe da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos

objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação de meu filho(a) é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a aplicação do questionário para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Filippo Cortez Giovanelli, mestrando.

Silvana Mesquita, orientadora.

Assinatura do Responsável

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2022.

Sobre a Câmara de Ética da PUC-Rio: A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio é uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa com a atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas. A Câmara de Ética da PUC-Rio pode ser consultada sobre dúvidas éticas não-sanadas pelo pesquisador e sua orientadora.

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Prédio Kennedy, 2º andar, Gávea, CEP 22453-900.

Rio de Janeiro, RJ. TELEFONE: (21) 3527-1618

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | ESTUDANTE MAIOR DE IDADE

Prezado/a, com a devida autorização do seu responsável, venho, por meio deste, convidar-lhe a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

Pesquisa: Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem na rede privada.

Pesquisador Responsável: Filippo Cortez Giovanelli

Mestrando: Filippo Cortez Giovanelli | fgiovanelli1603@gmail.com | (21) 96421-0632

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Silvana Mesquita | profsilvanamesquita@gmail.com | Tel. (21) 99121-2524

Justificativa: As videoaulas têm crescido no uso em sala, na criação de novos materiais e em visualizações por parte dos alunos. Nesse contexto faz-se necessário analisar como esse recurso está sendo usado na educação básica brasileira, o texto visa analisar a forma que esse recurso está presente no ensino médio e como ele pode agregar o conhecimento desses alunos.

Objetivo: Entender como as videoaulas estão sendo utilizadas por jovens-estudantes do ensino médio.

Metodologia: Uso de questionário em modelo virtual, que será disponibilizado aos estudantes na forma de um link, e será aplicado em um momento único e de poucos minutos, o conteúdo das questões serão: videoaulas, aprendizagem e o sentido para o ensino médio. Também será feita uma roda de conversa, que deve ter aproximadamente 2 horas e de forma presencial a fim de explorar mais a temática Juventude e ensino médio.

Riscos e Benefícios: A participação no estudo será mantida em sigilo e o anonimato será garantido, de modo que os participantes não precisarão se identificar em momento algum e, caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer informações pessoais ou profissionais que possam vir a identificá-los. As informações coletadas estão mantidas em lugar seguro e apenas as pessoas envolvidas diretamente com o estudo poderão ter acesso ao material. Os dados serão armazenados digitalmente em um banco

de dados seguro no prazo de cinco anos, e serão usados exclusivamente para esta pesquisa, apenas os resultados poderão ser divulgados em artigos científicos sem que haja a identificação dos participantes. Destaca-se, ainda, que não haverá nenhum tipo de custo ou despesa para os participantes do estudo, assim como não haverá incentivo ou recompensa financeira. Durante a realização do formulário e da roda de conversa pode haver riscos de cansaço, desconforto ou constrangimento, a fim de contornar esses riscos o participante terá a possibilidade de desistir da sua participação a qualquer momento, além disso será dado o suporte necessário aos participantes. Vale ressaltar que esta pesquisa é financiada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e que nenhum dos participantes será identificado para garantir a confidencialidade da pesquisa. Os resultados poderão ser acessados ao término da pesquisa no mesmo link em que será divulgado o questionário online. Este termo é assinado em duas vias, uma do/a voluntário/a e outra para os arquivos dos pesquisadores. Qualquer dúvida em relação a pesquisa o pesquisador e a professora orientadora podem ser consultados.

Eu,

_____, de
maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito, bem como de meu responsável. Estou de acordo com a aplicação do questionário para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Filippo Cortez Giovanelli, mestrando.

Silvana Mesquita, orientadora.

Assinatura do/a voluntário/a

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2022.

Sobre a Câmara de Ética da PUC-Rio: A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio é uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa com a atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas. A Câmara de Ética da PUC-Rio pode ser consultada sobre dúvidas éticas não-sanadas pelo pesquisador e sua orientadora.

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Prédio Kennedy, 2º andar, Gávea, CEP 22453-900.

Rio de Janeiro, RJ. TELEFONE: (21) 3527-1618

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 2111986/CA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | ESTUDANTE MENOR DE IDADE

Prezado/a, com a devida autorização do seu responsável, venho, por meio deste, convidar-lhe a participar voluntariamente da pesquisa apresentada a seguir.

Pesquisa: Videoaulas no ensino médio: relações entre juventude e ensino aprendizagem na rede privada.

Pesquisador Responsável: Filippo Cortez Giovanelli

Mestrando: Filippo Cortez Giovanelli | fgiovanelli1603@gmail.com | (21) 96421-0632

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Mesquita | profsilvanamesquita@gmail.com | Tel. (21) 99121-2524

Justificativa: As videoaulas têm crescido no uso em sala, na criação de novos materiais e em visualizações por parte dos alunos. Nesse contexto faz-se necessário analisar como esse recurso está sendo usado na educação básica brasileira, o texto visa analisar a forma que esse recurso está presente no ensino médio e como ele pode agregar o conhecimento desses alunos.

Objetivo: Entender como as videoaulas estão sendo utilizadas por jovens-estudantes do ensino médio.

Metodologia: Uso de questionário em modelo virtual, que será disponibilizado aos estudantes na forma de um link, e será aplicado em um momento único e de poucos minutos, o conteúdo das questões serão: videoaulas, aprendizagem e o sentido para o ensino médio. Também será feita uma roda de conversa, que deve ter aproximadamente 2 horas e de forma remota presencial a fim de explorar mais a temática Juventude e ensino médio.

Riscos e Benefícios: A participação no estudo será mantida em sigilo e o anonimato será garantido, de modo que os participantes não precisarão se identificar em momento algum e, caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer informações pessoais ou profissionais que possam vir a identificá-los. As informações coletadas estão mantidas em lugar seguro e apenas as pessoas envolvidas diretamente com o estudo poderão ter acesso ao material. Os dados serão armazenados digitalmente em um banco de dados seguro no prazo de cinco anos, e serão usados exclusivamente para esta pesquisa, apenas os resultados poderão ser divulgados em artigos científicos sem que haja a identificação dos participantes. Destaca-se, ainda, que não haverá nenhum tipo de custo ou despesa para os participantes do estudo, assim como não haverá incentivo ou recompensa financeira. Durante a realização do formulário e da roda de conversa pode haver riscos de cansaço, desconforto ou constrangimento, a fim de contornar esses riscos o participante terá a possibilidade de desistir da sua participação a qualquer momento, além disso será dado o suporte necessário aos participantes. Vale ressaltar que esta pesquisa é financiada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e que nenhum dos participantes será identificado para garantir a confidencialidade da pesquisa. Os resultados poderão ser acessados ao término da pesquisa no mesmo link em que será divulgado o questionário online. Este termo é assinado em duas vias, uma do/a voluntário/a e outra para os

arquivos dos pesquisadores. Qualquer dúvida em relação a pesquisa o pesquisador e a professora orientadora podem ser consultados.

Eu,

_____, de
maneira voluntária, livre e esclarecida, com autorização do meu responsável, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito, bem como de meu responsável. Estou de acordo com a aplicação do questionário para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Filippo Cortez Giovanelli, mestrando.

Silvana Mesquita, orientadora.

<http://vrac.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=807&sid=27>[assinatura do/a
voluntário/a menor de idade]

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2022.

Sobre a Câmara de Ética da PUC-Rio: A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio é uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa com a atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas. A Câmara de Ética da PUC-Rio pode ser consultada sobre dúvidas éticas não-sanadas pelo pesquisador e sua orientadora.

Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

Rua Marquês de São Vicente, 225, Prédio Kennedy, 2º andar, Gávea, CEP 22453-900.

Rio de Janeiro, RJ. TELEFONE: (21) 3527-1618